

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

**ELIANE SOUZA PEREIRA**

**MULHERES INVISÍVEIS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE O USO  
DAS GÍRIAS POR ENCARCERADAS EM UM PRESÍDIO BAIANO**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2023**

**ELIANE SOUZA PEREIRA**

**MULHERES INVISÍVEIS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE O USO  
DAS GÍRIAS POR ENCARCERADAS EM UM PRESÍDIO BAIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2023**

P4911m	<p>Pereira, Eliane Souza. Mulheres invisíveis: uma análise sociolinguística sobre o uso das gírias por encarceradas em um presídio baiano. / Eliane Souza Pereira; orientadora: Valéria Viana Sousa. – Vitória da Conquista, 2023. 141f.</p> <p>Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023. Inclui referência F. 125-133.</p> <p>1. Sociolinguística. 2. Gírias de Grupo. 3. Mulheres encarceradas. 4. Invisibilidade Social. I. Sousa, Valéria Viana. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III</p> <p style="text-align: right;">CDD: 417.2</p>
--------	--

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção* — CRB 5/1890  
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

**Título em inglês:** Invisible women: a sociolinguistic analysis of the use of slang by inmates in a Bahian prison.

**Palavras-chave em inglês:** Sociolinguistics. Group slang. Social Invisibility. Imprisoned women.

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestre em Linguística

**Banca examinadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Viana Santos (UESB); Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gláucia Vieira Cândido (UFG).

**Data da defesa:** 16 de agosto de 2023

**Programa de Pós-Graduação:** Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7126-073X>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5764480175769876>

**ELIANE SOUZA PEREIRA**

**MULHERES INVISÍVEIS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE AS  
GÍRIAS UTILIZADAS POR ENCARCERADAS DE UM PRESÍDIO BAIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 16 de agosto de 2023.

**Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa  
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Ass.:

*Valéria Viana Sousa*

Prof. Dr. Jorge Viana Santos  
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.:

*Jorge Viana Santos*

Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido  
Instituição: UFG – Membro Titular

Ass.:

*Gláucia Cândido*

Aos meus familiares e amigos que, com muito carinho e apoio, me ajudaram a chegar até aqui.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), instituição de educação pública que me proporcionou a oportunidade da formação superior, local onde obtive diploma de graduação e continuei meus estudos no Mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da UESB, pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado e pela oportunidade que me deu, a partir da pesquisa, de retribuir a sociedade seu investimento na educação pública.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, pela bolsa que proporcionou apoio financeiro fundamental para a realização da pesquisa.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, professores Dr. Jorge Viana Santos e Dr.<sup>a</sup> Gláucia Vieira Cândido, por aceitarem avaliar o trabalho na Defesa da Dissertação e pelas mais que valiosas contribuições no momento do Exame de Qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, por contribuírem no estudo sobre a Linguística.

Aos funcionários do PPGLin, pelo apoio e atendimento durante o mestrado.

Ao Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Socio Funcionalismo, Grupo Janus, que, além das trocas acadêmicas, também proporcionou apoio, discussões, aprendizagem e amizade.

À administração, funcionários e servidores do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, que, de modo tão amistoso, estiveram à disposição, apoiaram e auxiliaram-me na coleta de dados no interior do Conjunto Penal.

Às participantes, que concordaram em participar das entrevistas e tornaram a nossa pesquisa viável, que nos proporcionou uma coleta de dados essencial para a realização desta pesquisa e que poderá subsidiar outras pesquisas.

À pró Valéria Viana Sousa, que foi uma orientadora impecável, presentes em todos os momentos de discussões, dúvidas, ideias, sempre orientando com criticidade e sensibilidade com a temática e, também por sempre estar presente com uma empatia sem tamanho, tanto em momentos de avanços na pesquisa quanto em momento difíceis e de ansiedade.

Aos meus amigos que, mesmo à distância, mantiveram contato e apoio durante os momentos de desafio e de conquista durante a realização da pesquisa.

Ao amor da minha vida por estar comigo em todos os momentos, me ajudando e apoiando desde o princípio dessa pesquisa, no período de Iniciação Científica, ao Mestrado, presente em todas as etapas, com muito amor e fé em mim.

Aos meus pais que sempre batalharam de sol a sol para que eu tivesse acesso a melhor formação, sempre incentivando a seguir o caminho da educação e dando grandes exemplos de honestidade, responsabilidade, luta e empatia pelo próximo; e aos meus irmãos, que sempre estiveram caminhando comigo e me apoiando de forma incondicional.

*Não tem progresso sem acesso  
Pense no gueto e é isso que eu te peço  
A quebrada produz, e é de qualidade*

*Peralta (2016)*



## RESUMO

A língua permite, por meio da comunicação, que o ser humano se expresse, interaja e deixe suas marcas sobre sua experiência no mundo e, ao mesmo tempo, que reflita suas vivências na/pela língua. Uma comunidade de prática formada por pessoas marginalizadas pela sociedade utilizará a língua como uma forma de responder ao processo de opressão, e a língua, por sua vez, apresentará traços dessa vivência precária e sofrida. Diante disso, considerando as mulheres encarceradas como um grupo marginalizado e invisibilizado pela sociedade, buscamos, por meio desta pesquisa, estudar a linguagem das mulheres em privação de liberdade em um presídio do interior baiano, especificamente, no Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, localizado na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Como recorte para um estudo sobre linguagem, elegemos as Gírias de Grupo, um dos recursos disponíveis na língua, variação linguística caracterizada pela natureza criptológica que exerce a função de autoproteção e identificação do grupo em que ela surge. Para tanto, a fim de compreender o objeto de estudo e analisá-lo em suas particularidades, ancoramo-nos teoricamente nos pressupostos da Sociolinguística, abordando-a à luz das ondas Variacionista (LABOV, 2008, [1972], 2010 [1994].), Interacional (GUMPERZ, 1982) e Estilística (ECKERT, 2003, 2008, 2012). Além disso, utilizamos, como fonte para descrição do nosso objeto, os estudos de Preti (1984, 2006 [2004]) e, no decorrer da análise, buscamos subsídios teóricos de Lakoff e Johnson (2002), dentre outros, a fim de contribuir para nossa análise. Dessa forma, objetivamos, por meio desta pesquisa, identificar se há a utilização das Gírias de Grupo pelas internas do presídio eleito e, a partir daí, responder de que modo essa forma de linguagem é utilizada, qual a relação entre a vivência no ambiente prisional e os aspectos individuais de cada uma das internas com a utilização desses vocábulos gírios e, ainda, se esses vocábulos gírios tendem a fazer parte do vernáculo popular. Assim, hipotetizamos, inicialmente, que há a utilização de vocábulos gírios pela comunidade de prática estudada, com formação ligada ao processo de metaforização, constituindo-se como um dos elementos que compõem a cultura e comunicação das internas. Além disso, levantamos a hipótese de que a popularização dos termos gírios pode enfrentar o preconceito linguístico como um obstáculo para sua concretização. Diante da pesquisa, obtivemos, em nossos resultados, a constatação de que os vocábulos gírios são utilizados no ambiente prisional estudado, que fazem parte do vernáculo das internas, compondo um conjunto de elementos linguísticos necessários para a organização de regras no meio prisional. Por fim, buscamos, por meio deste estudo, produzir um material que contribua para os estudos sociolinguísticos de forma a ser subsídio para uma reflexão da situação das mulheres

encarceradas, para o (re)pensar na forma de ressocialização e educação nos presídios brasileiros e para auxiliar entidades que trabalham junto à equipe do estabelecimento prisional em prol da defesa dos direitos fundamentais das internas e pela ressocialização.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Sociolinguística. Gírias de Grupo. Invisibilidade social. Mulheres encarceradas

## ABSTRACT

Language allows, through communication, human beings to express themselves, interact and leave their marks on their experience in the world and, at the same time, to reflect their experiences in/through language. A community of practice formed by people marginalized by society will use language as a way of responding to the process of oppression, and language, in turn, will present traces of this precarious and suffering experience. Given this, considering incarcerated women as a marginalized and invisible group by society, we sought, through this research, to study the language of women deprived of liberty in a prison in the interior of Bahia, specifically, in the Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, located in city of Vitória da Conquista, Bahia, Brazil. As a focus for a study on language, we chose Group Slang, one of the resources available in the language, a linguistic variation characterized by its cryptological nature that performs the function of self-protection and identification of the group in which it arises. Therefore, in order to understand the object of study and analyze it in its particularities, we anchor ourselves theoretically in the assumptions of Sociolinguistics, approaching it in the light of Variationist waves (LABOV, 2008, [1972], 2010 [1994]), Interactional (GUMPERZ, 1982) and Stylistic (ECKERT, 2003, 2008, 2012). Furthermore, we used, as a source to describe our object, the studies of Preti (1984, 2006 [2004]) and, during the analysis, we sought theoretical support from Lakoff and Johnson (2002), among others, in order to contribute for our analysis. Thus, through this research, we aim to identify whether Group Slang is used by inmates of the chosen prison and, from there, answer how this form of language is used, what is the relationship between the experience in the prison environment and the individual aspects of each of the inmates with the use of these slang words and, also, whether these slang words tend to be part of the popular vernacular. Thus, we hypothesize, initially, that there is the use of slang words by the studied community of practice, with training linked to the metaphorization process, constituting one of the elements that make up the culture and communication of the inmates. Furthermore, we hypothesize that the popularization of slang terms may face linguistic prejudice as an obstacle to its implementation. In view of the research, we obtained, in our results, the observation that slang words are used in the prison environment studied, which are part of the inmates' vernacular, composing a set of linguistic elements necessary for the organization of rules in the prison environment. Finally, we seek, through this study, to produce material that contributes to sociolinguistic studies in order to provide support for a reflection on the situation of incarcerated women, to (re)think about the form of

resocialization and education in Brazilian prisons and to assist entities that work alongside the prison team to defend the fundamental rights of inmates and promote resocialization.

### **KEYWORDS**

Sociolinguistics. Group slang. Social Invisibility. Imprisoned women.

**LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1</b> – Escolaridade das participantes.....	77
<b>Gráfico 2</b> – Estado Civil das participantes .....	78
<b>Gráfico 3</b> – Autodeclaração de Cor/Etnia das participantes.....	79
<b>Gráfico 4</b> – Participantes com filhos ou não.....	80
<b>Gráfico 5</b> – Acusadas de crimes tipificados na Lei de Drogas .....	81

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNMP	Banco Nacional de Monitoramento de Prisões
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
ETO	Estudos de Terceira Onda
Fapesb	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
Fundação	Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
CASA	
FEBEM	Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor
Infopen	Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
SI	Sociolinguística Interacional
SV	Sociolinguística Variacionista

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1 Conhecendo um pouco do objeto .....	20
1.2 Questões que norteiam a pesquisa .....	21
1.3 Objetivos.....	22
1.3.1 <i>Objetivo Geral</i> .....	23
1.3.1.1 <i>Objetivos específicos</i> .....	23
1.4 Justificativa .....	23
1.5 Partes que compõem a Dissertação .....	24
<b>2 AS GÍRIAS DE GRUPO INDO DE BONDE PELAS ONDAS SOCIOLINGUÍSTICAS</b> .....	<b>26</b>
2.1 Língua e Sociedade .....	27
2.1.1 <i>A língua enquanto elemento heterogêneo</i> .....	30
2.1.2 <i>A Língua no processo de interação</i> .....	38
2.1.3 <i>A Língua enquadrada em um estilo</i> .....	42
2.1.4 <i>Variação Linguística: Prestígio e Estigmatização</i> .....	44
2.1.5 <i>Língua e Identidade</i> .....	48
2.2 A Gíria: código de autodefesa e de identidade de um grupo .....	49
2.2.1 <i>Breve histórico a respeito dos estudos sobre gíria</i> .....	54
2.2.2 <i>A gíria no vernáculo do sistema prisional</i> .....	59
2.2.3 <i>O processo de formação da gíria: metáfora como recurso criptografador</i> .....	62
2.4 Síntese da Seção 2 .....	66
<b>3 “TIRANDO POR ONDAS”: CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>68</b>
3.1 Abordagem qualitativa .....	68
3.2 Desafios da pesquisa de campo.....	71
3.3 Caracterização da Comunidade de prática.....	73
3.3.1 <i>Entrevista Sociolinguística</i> .....	75
3.3.2 <i>Perfil social das participantes</i> .....	76
3.4 Síntese da seção 3.....	81
<b>4 “AI QUE SAUDADE DELA, DA LILI”: UM RETRATO SOCIOLINGUÍSTICO DA VIDA DE MULHERES ENCARCERADAS</b> .....	<b>83</b>
4.1 Salve? Salve: o uso das gírias por parte das internas.....	84
4.1.1 <i>Identidade e acordo social: A utilização das gírias pela comunidade de prática</i> .....	84

<i>4.1.2 Entre prestígio e estigma: a gíria da/na comunidade de prática</i> .....	92
<i>4.1.3 O nivelamento das gírias: mais uma consequência do prestígio ou estigma</i> .....	94
<b>4.2 “De boi a bonde”:</b> a formação das gírias a partir da metaforização .....	96
<b>4.3 Síntese da seção 4</b> .....	101
<b>5 “MULAS E JACKAS”:</b> UM RETRATO DAS MULHERES INVISÍVEIS DO NILTON GONÇALVES .....	104
<b>5.1 “Tirar de boa”:</b> quem são as mulheres “atrás das grades”? .....	105
<b>5.2 “Aqui é um inferno!”:</b> o ambiente prisional, suas relações e as gírias de grupo .....	110
<b>5.3 Síntese da Seção 05</b> .....	120
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	122
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	125
<b>APÊNDICES</b> .....	134
<b>APÊNDICE A – Solicitação para realização da pesquisa</b> .....	134
<b>APÊNDICE B – Roteiro Guia</b> .....	136
<b>APÊNDICE C – Ficha Social</b> .....	138
<b>APÊNDICE D – TCLE</b> .....	140



## 1 INTRODUÇÃO

[...] podemos notar a essencialidade da linguagem em um ambiente de opressão e podemos perceber a importância do estudo sociolinguístico como uma alternativa para tornar essas mulheres visíveis (PEREIRA; SOUSA, 2022 – no prelo).

A língua(gem) é uma capacidade intrínseca do ser humano, criada para se expressar, estabelecer e reproduzir suas relações e tecnologias e configura-se como um fenômeno social. Nesse sentido, a língua passa de geração em geração, de grupos em grupos, percorrendo diversos ambientes sociais, adaptando-se dentro da possibilidade que o sistema linguístico permite e modificando-se a cada fala individual, a cada comunidade de fala e de prática, em uma troca entre criar e refletir a cultura e ideologia de um povo (PRETI, 1984; 2006 [2004]; LABOV, 2008 [1972]; 2010 [1994]). Assim, há uma diversidade de práticas da linguagem, que são atingidas pelo modo como a sociedade se comporta, sendo algumas privilegiadas em detrimento a outras.

Nessa diversidade linguística, estão as linguagens produzidas por grupos marginalizados pela sociedade, como as gírias. Segundo Preti (1984), a gíria constitui um fenômeno sociolinguístico que sofre limitações dentro da própria linguagem popular, estando ligada a uma série de fatores, como identidade, prestígio e estigmatização. Além disso, seu uso está associado às respostas que grupos marginalizados, isolados socialmente, dão à sociedade que os oprime e segrega.

Diante disso, pensando nessa forma de linguagem, ao nos depararmos com mulheres encarceradas durante um estágio acadêmico do curso de Bacharelado em Direito, na área de Execução Penal, na Defensoria Pública do Estado da Bahia, no ano de 2019, surgiram-nos questionamentos, ainda na graduação, a respeito do uso das gírias por parte dessa população em privação de liberdade. Na busca de literatura sobre a vida dessas mulheres e de sua diversidade linguística, identificamos o crescimento desse grupo, vivendo em constante invisibilização social, porém, nesse momento, não encontramos pesquisas brasileiras sobre língua especificamente com essa população, o que nos provocou inquietações a respeito do vernáculo dessas mulheres.

Segundo dados disponibilizados pelo Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) e do Banco Nacional de Monitoramento de Prisões (BNMP) do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o aumento da população carcerária feminina não é recente no Brasil (BRASIL, 2014; 2022; SILVA, 2017). A análise desses dados revela, assim como dispõe Borges (2019), que, ainda que a população carcerária feminina seja menor que a

masculina, o aumento, proporcionalmente ao tamanho da população, vem aumentando mais que a de homens encarcerados.<sup>1</sup>

Esse aumento da população carcerária feminina potencializou também as precariedades em que vivem as mulheres presas. De acordo com um relatório elaborado pela Pastoral Carcerária (CNBB, 2016, p. 62), o ambiente prisional “[...] é estruturalmente machista, sendo grande parte das suas políticas públicas desenhadas exclusivamente para a população masculina”. Assim, o ambiente prisional, que se apresenta como precário em nível geral, demonstra ser pior quanto à opressão que causa à maioria das mulheres em privação de liberdade (BORGES, 2019), visto que elas dispõem de necessidades diversas não atendidas pelas unidades prisionais.

Essas constatações vão ao encontro de relatos do CNJ, que confirmam que as políticas prisionais são voltadas para a população masculina, omitindo as especificidades e necessidades da população feminina<sup>2</sup> (BRASIL, 2016). O Conselho ainda revela que ocorre o descumprimento do Tratado Internacional das Regras de Bangkok<sup>3</sup> (BRASIL, 2016), documento que dispõe de diretrizes para o tratamento de mulheres em privação de liberdade, observando suas especificidades e diversidades, bem como no que diz respeito à sentenciamento de mulheres com penas alternativas (BRASIL, 2016). Essa declaração ainda é endossada pelos altos índices de encarceramento feminino (BRASIL, 2022), que produzem um contingente de mulheres que não terão direitos básicos garantidos, como os cuidados na saúde física e mental, transparecendo a desigualdade de gênero institucionalizada.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Os dados do Infopen (2017; 2019) ainda revelam que a maioria dos crimes relacionados a prisão dessas mulheres estão tipificados na lei 11.343, de 2006, a Lei de Drogas (BRASIL, 2006).

<sup>2</sup>“Historicamente, a ótica masculina tem sido tomada como regra para o contexto prisional, com prevalência de serviços e políticas penais direcionados para homens, deixando em segundo plano as diversidades que compreendem a realidade prisional feminina, que se relacionam com sua raça e etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, nacionalidade, situação de gestação e maternidade, entre tantas outras nuanças. Há grande deficiência de dados e indicadores sobre o perfil de mulheres em privação de liberdade nos bancos de dados oficiais governamentais, o que contribui para a invisibilidade das necessidades dessas pessoas” (BRASIL, 2016, p.11)

<sup>3</sup> Regras das Nações Unidas para o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras, de 2010.

<sup>4</sup> A desigualdade de gênero diz respeito a uma desigualdade de poder, inicialmente conceituado como desigualdade entre homens e mulheres. Isto é, consiste na desigualdade de acesso a poder nos meios políticos, econômicos, trabalhistas, educacional e cultural. Nesse sentido, ela é efetivada porque mulheres estão em desvantagem em relação aos homens, quando se trata de se incluir nesses espaços deliberativos. Pontuamos que gênero é uma construção social elaborada pelo movimento feminista a fim de desmistificar e denunciar a ideia de que a desigualdade entre homens e mulheres era natural. Mas gênero não se limita a homogeneização masculino e feminino, mas reconhece a diversidade existente dentro de cada uma dessas categorias, como por exemplo, raça, classe e posição na sociedade (FARAH, 2004).

Ademais, podemos ainda afirmar que a desigualdade é um reflexo de como a sociedade enxerga essas mulheres. Segundo Varella (2017), médico, escritor e cientista brasileiro, que atuou como profissional de saúde no Carandiru, Casa de Detenção de São Paulo, e responsável também por estudos no sistema carcerário, tanto masculino, quanto feminino, as mulheres

cumprem suas penas esquecidas pelos familiares, amigos, maridos, namorados e até pelos filhos. A sociedade é capaz de encarar com alguma complacência a prisão de um parente homem, mas a da mulher envergonha a família inteira. Enquanto estiver preso, o homem contará com a visita de uma mulher, seja a mãe, esposa, namorada, prima ou a vizinha, esteja ele num presídio de São Paulo ou a centenas de quilômetros. A mulher é esquecida (VARELLA, 2017, p. 27).

Além disso, Borges (2019) ainda chama a atenção para as variáveis raça<sup>5</sup> e faixa etária, argumentando que a maioria das mulheres encarceradas é negra e jovem. Assim, a autora argumenta que o racismo estrutural e institucional<sup>6</sup> é um problema, social e histórico, gerador de consequências que contribuem para o encarceramento de mulheres negras, bem como para um possível tratamento desigual dentro do ambiente prisional.

Nesse sentido, Queiroz (2015), autora da obra *Presos que menstruam*, traz à tona a *brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*<sup>7</sup> por meio de relatos narrativos produzidos mediante entrevistas com mulheres encarceradas. Os relatos fazem uma fotografia de quem são essas mulheres, com vidas marcadas pela vulnerabilidade social e pela falta de oportunidades, presas em um ambiente prisional que produz opressão e violação de direitos. Desse modo, ao longo das páginas de *Presos que menstruam*, com falas originais das entrevistadas, é possível, ainda, observar o receio pela sua integridade, a insegurança de não dispor de cuidados à saúde, bem como outros direitos básicos, garantidos na letra da lei, também, a pessoas em privação de liberdade.

Assim, mergulhadas nesse ambiente de violações de direitos, com uma posição de marginalização taxada pela sociedade e sob o controle e correção institucional, ocorre a

---

<sup>5</sup> Segundo dados do Infopen de 2017, 2019 (INFOPEN 2017; 2019) e do Ministério de Justiça e Segura (Carneiro, 2022) de 2022, a maioria das mulheres presas no Brasil são negras. Em 2022 o número indicado por Carneiro (2022), citando os dados divulgados pelo Ministério de Justiça e Segurança, o número de mulheres negras presas em de 62% da população sobre as demais raças /etnias.

<sup>6</sup> O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2019, p. 22).

<sup>7</sup> Subtítulo escrito na capa da obra.

destituição da identidade da pessoa<sup>8</sup>. Nesse sentido, a pessoa quando ingressa no ambiente prisional é “obrigada a reconfigurar suas relações anteriores” e são condicionadas a viverem “em uma sociedade na qual ela se relaciona com um número limitado de pessoas” (BRAGA, 2008, p.37). Diante disso, as mulheres em situação de privação de liberdade são induzidas a suprimirem suas características pessoais e subjetividades para serem inseridas nessa nova sociedade, a comunidade encarcerada.

Diante dessa situação em que são colocadas de forma compulsória, para resistir aos processos de despersonalização<sup>9</sup>, as mulheres elaboram estratégias, desde a produção estética até a (re)construção da identidade a partir da reorganização/inserção em um grupo e utilização de uma linguagem<sup>10</sup>. Dessa maneira, a linguagem tem a função de promover a (re)construção da identidade dessa mulher e desse grupo, sendo as gírias uma das formas de linguagem produzidas por essa população marginalizada.

Portanto, diante dessas questões sociais e linguísticas, às quais a ciência linguística não pode/deve ser alheia, filiados ao Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio) Funcionalismo – , o Grupo Janus, que faz parte do Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e Socio Funcionalismo (LAPESF)/Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), e a partir do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), participando como voluntária e, em seguida, como Bolsista IC-UESB (2019/2020), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa, buscamos saber sobre a existência das gírias de grupo no vernáculo das encarceradas de um presídio em Vitória da Conquista – BA. Com a pesquisa realizada, apresentada por meio de Monografia de conclusão do Curso de Bacharelado em Direito da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB, Direito e Linguística: o vocabulário gírio da ala feminina de um presídio de Vitória da Conquista<sup>11</sup> (PEREIRA, 2020), na qual constatamos a presença de vocábulos gírios presentes no vernáculo das detentas.

---

<sup>8</sup> Foucault, na terceira parte de seu livro *Vigiar e Punir, Disciplina*, ao falar de corpos dóceis, os recursos para o bom adestramento e o panoptismo traz a compreensão de que a disciplina e este controle usurpa as individualidades dos indivíduos a fim de padronizá-los para melhor manejar (FOUCAULT, 1987).

<sup>9</sup> O termo despersonalização foi utilizado por Goffman em seu livro *Manicômios, prisões e conventos* (GOFFMAN, 1961) e pode ser entendido como um processo que ocorre com uma pessoa que é introduzida em instituições totalizantes, na qual acontece a perda de si mesmo e a aquisição de uma padronização imposta pelo ambiente, como a padronização elencada por Foucault em *Vigiar e Punir*.

<sup>10</sup> Entendemos em Preti (2006 [2004]), no capítulo *A gíria como um elemento da interação verbal* na linguagem urbana que assim como a estética, a linguagem, em específico, falando das gírias, são formas do indivíduo afimar sua identidade e inserir-se em um grupo, como podemos aduzir que ocorre com as mulheres encarceradas.

<sup>11</sup> Monografia de conclusão de curso apresentada, no ano de 2020, ao curso de Bacharelado em Direito da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia como requisito básico para a obtenção do título de

No entanto, apesar dessa constatação, era apenas o início da investigação e mais questionamentos surgiram, o que nos motivou a continuarmos esses estudos no Mestrado Acadêmico, a fim de fazer uma análise da linguagem utilizada dentro desses presídios femininos e de traçarmos uma relação entre a escolha do vernáculo, a cultura, a ideologia, o estilo e a identidade de suas falantes, que são invisibilizadas na sociedade brasileira.

### **1.1 Conhecendo um pouco do objeto**

A gíria é um fenômeno distintivamente sociolinguístico, que, segundo Preti (1984), pode ser estudado sob dois ângulos: o primeiro diz respeito a uma linguagem utilizada por grupos sociais marginalizados, com características criptológicas, denominada gíria de grupo, ou gíria em sentido restrito; o segundo é proveniente da linguagem desses mesmos grupos, mas que, por divulgação dos signos<sup>12</sup>, perdeu seu caráter secreto e se tornou parte da linguagem popular, a gíria comum. Nessa perspectiva, no presente trabalho, dedicamo-nos à investigação das gírias, principalmente, as consideradas gírias de grupo.

As gírias de grupo são utilizadas por falantes que objetivam se comunicar com o destinatário de forma que outros que não pertencem a seu grupo não entendam o que foi dito. Assim, essa espécie de gíria configura-se como uma linguagem secreta, compreensível somente aos que foram iniciados a essa linguagem (PRETI, 2006 [2004], p. 91 - 98). Diante disso, a gíria se torna um dispositivo do grupo empregado em seu vernáculo, representando uma ferramenta de autoafirmação, ou seja, de identificação, que proporciona a transmissão de sentimentos e criticidade do mundo, exercendo uma relação direta de um indivíduo com determinada comunidade de prática.

Nesse sentido, a gíria representa uma das únicas formas de identificação e autodeterminação de certos grupos sociais (PRETI, 1984, p. 19-26). Em nossa pesquisa, flagramos, por exemplo, o uso que as presas fazem das gírias a fim de confrontar o seu processo de despersonalização imposto pelo sistema carcerário (PEREIRA, 2020). Essa despersonalização, que é provocada devido à situação precária, punitivista e organizacional do

---

bacharel em Direito, sob a orientação do Prof. Me. Byron de Castro Muniz e a coorientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa.

<sup>12</sup> Segundo Suassure (2006) [2016]) um signo linguístico é compreendido como formado por duas partes, um significante (imagem acústica) e um significado (conceito).

sistema carcerário brasileiro (BRAGA, 2008)<sup>13</sup>, é aliada a fatores como a discriminação de gênero estrutural e institucional quando se tratam de mulheres encarceradas (CNBB, 2016)<sup>14</sup>, questões que colocam as mulheres em situações piores do que as situações vividas pela população carcerária masculina.

Assim, as gírias são inovações lexicais utilizadas (ECKERT, 2003), formadas a partir do uso do metaforismo gírio, que reflete o ambiente trágico e segregado da pessoa encarcerada e a forma como ela se vê no mundo, conforme exemplifica o professor Preti (PRETI, 1984, p. 25): “[...] a cela é expressa, entre outras, pelo vocábulo jaula, que apresenta o sema não humano; camburão, vaso em que os presos, durante a faxina, transportam resíduos fecais, é empregado para carro de transporte de presos”. Isso posto, nesta Dissertação, considerando a gíria como um fenômeno social e almejando explorar a sua função e uso dentro do grupo marginalizado encarcerado, partimos do pressuposto de que a gíria é uma variação que dialoga com identidade, ideologia e estilo do falante, configurando um produto da comunidade de prática.

## 1.2 Questões que norteiam a pesquisa

A partir do que foi apresentado nas subseções anteriores, nossa investigação tem a finalidade de traçar a relação entre os estudos linguísticos, sobre a variação linguística da gíria, as mulheres em situação de privação de liberdade e a realidade social. Assim, com vistas na pesquisa de base qualitativa, a fim de analisar a complexidade do fenômeno estudado e com a utilização dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística, guiamo-nos, então, pela seguinte questão: As encarceradas do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves utilizam gírias como linguagem criptológica?

Diante desta primeira questão, levantamos a hipótese de que as encarceradas utilizam gírias como linguagem criptológica a fim de protegerem o conteúdo de suas falas, bem como para enfatizar a identidade do grupo.

E, a partir dessa questão maior, perguntamos e lançamos as seguintes hipóteses:

- (i) Como esse vocabulário gírio é formado e utilizado pela comunidade de prática?

---

<sup>13</sup> Braga (2008), em sua dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade de São Paulo – USP, intitulada A identidade do preso e as leis do cárcere traz em sua discussão considerações a respeito da despersonalização sofrida pelo preso no ambiente prisional.

<sup>14</sup> Segundo a pastoral carcerária, a desigualdade de gênero é um fator que torna o ambiente prisional, feito por homens e para homens, um local pior para as mulheres (CNBB, 2016).

A princípio, levantamos a hipótese de que esse vocabulário gírio seja formado a partir de criações metafóricas e é utilizado pela comunidade de prática em seu dia a dia dentro da prisão.

- (ii) Qual a relação entre a vida na instituição, os fatores individuais de cada detenta e a utilização desses vocábulos gírios?

Para este questionamento, levantamos a hipótese de que o processo de prisionização e de despersonalização induzidos pela vida na instituição, somado às condições que a detenta ingressou no presídio, como, por exemplo, o crime ao qual foi condenada ou de que foi acusada, o perfil social, se faz parte ou não de organização criminosa, irão influenciar no uso ou não das gírias.

- (iii) As gírias utilizadas pelas detentas apresentam uma tendência que evidencia um nivelamento<sup>15</sup> linguístico para uma linguagem comum?

Para esse questionamento, levantamos a hipótese de que partes das gírias tendem ao nivelamento, ou seja, a se tornarem comum, no entanto, em razão do preconceito linguístico que impede que, embora se torne conhecida, não seja falado, pode ocorrer um baixo nivelamento das gírias utilizadas pelas internas.

Além dessas questões, lançamos ainda o questionamento: Quem são as mulheres que utilizam essa linguagem neste presídio baiano? Para essa pergunta, importante para o processo de análise da Sociolinguística, temos como hipótese elas sejam pessoas que, antes de serem presas, já se encontravam em estado de vulnerabilidade socioeconômica e fazem parte de grupos que são a minoria no poder.

### 1.3 Objetivos

Com a intenção de responder às questões-problemas, comprovar ou refutar as hipóteses, traçamos os seguintes objetivos:

---

<sup>15</sup> Alertamos que o termo “nivelamento”, nesta Dissertação, será utilizado para indicar que algo se tornou comum, por exemplo, quando falamos neste estudo sobre a ocorrência de um nivelamento linguístico de um termo gírio, estaremos falando que essa gíria se tornou e está presente no vernáculo popular,

### 1.3.1 Objetivo Geral

Analisar, em uma perspectiva sincrônica, os vocábulos gírios da população carcerária feminina, utilizando o *Corpus*<sup>16</sup>, coletado na comunidade de prática do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

#### 1.3.1.1 Objetivos específicos

- (i) Identificar os vocábulos gírios presentes no vernáculo das detentas do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves no Português Brasileiro, de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil;
- (ii) Correlacionar as variáveis extralinguísticas, que possivelmente revelam o contexto de exclusão social em que as encarceradas vivem, e a utilização/adoção de vocábulos gírios por meio de processos sociais, à luz de pesquisas sociolinguísticas;
- (iii) Verificar como os vocábulos gírios podem estar interligados com as marcas ideológicas e identitárias, a partir de uma análise da Sociolinguística;
- (iv) Apresentar um “retrato” dessas mulheres invisíveis, demonstrando quem são elas, a partir da análise sociolinguística dos relatos coletados nas entrevistas.

### 1.4 Justificativa

A partir dessas questões norteadoras, mediadas por nossas hipóteses, empreendemos esta pesquisa, que faz parte dos estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio) Funcionalismo – CNPq sobre o uso do Português Brasileiro, coordenado pela titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa. Em específico, nesta pesquisa, trabalharemos com o vernáculo utilizado pelas mulheres encarceradas em um presídio de Vitória da Conquista, formado por mulheres, em sua maioria, negras – preta ou parda, em condição de invisibilidade, que, conforme Oliveira e Santos (2016) defendem, possui

---

<sup>16</sup> *Corpus* organizado e coletado pela pesquisadora nos anos de 2019, 2020 e 2022.



características sociodemográficas compatíveis com os dados encontrados em outros presídios em nível nacional.

Assim sendo, estudar a gíria consiste, para além da percepção das variantes sociolinguísticas dessa comunidade de prática e, quiçá, de práticas envolvidas, em aprofundar também o conhecimento sobre as organizações dos grupos sociais, que, geralmente, denunciam, por meio da linguagem, problemas do grupo e exprimem respostas diante do sistema que os oprime.

Além dessas contribuições expostas, com o presente estudo, pretendemos proporcionar à comunidade científica uma exemplificação da variedade dentro do Português Brasileiro. Ademais, pretendemos oferecer um estudo que pode incrementar de forma positiva as reflexões a respeito da variação linguística, proporcionando materiais relacionadas às competências da base nacional curricular e a aspectos reais da língua. O estudo e a divulgação de resultados poderão trazer à sociedade, quiçá, uma visão da língua livre de estigmas e preconceitos linguísticos correntes no Brasil.

Isso posto, diante da responsabilidade da Ciência Linguística em contribuir para o entendimento dessa parcela da sociedade que sobrevive sob a tutela do Estado e, ao mesmo tempo, diante da variedade do Português Brasileiro, percebemos a carência e a relevância desta investigação. Sendo assim, esta pesquisa é de grande valor para a comunidade acadêmica, que visa estudar, descrever e analisar línguas naturais, sobretudo na área da Sociolinguística e, em particular, a linguagem presente em grupos postos à margem na sociedade. Com isso, esta pesquisa visa contribuir para a compreensão do universo carcerário feminino, tema que é pouco explorado.

### **1.5 Partes que compõem a Dissertação**

Nosso principal objetivo nesta subseção é situar o leitor de acordo com o contexto da pesquisa, que disserta desde as inquietações para elaboração da pesquisa aos resultados finais. Nesse sentido, para a compreensão dos resultados e sua importância, nós dividimos esta dissertação em 6 (seis) seções.

- (i) A princípio, esta seção foi escrita com o objetivo de trazer as primeiras noções a respeito do objeto de estudo, bem como uma breve compreensão da razão de realização da pesquisa. Diante disso, seguindo as orientações metodológicas de escrita do texto acadêmico de Sampieri, Collado e Lucio (2014 [1991]), apresentamos, na *Introdução*, o desenho mapeando a forma que a Dissertação está

organizada. Assim, esta seção apresenta o objeto de estudo, as questões que nortearam o estudo, as hipóteses de respostas para as questões, os objetivos da realização da pesquisa e a estrutura do trabalho.

- (ii) A seção 2, intitulada *As gírias de grupo indo de bonde pelas ondas sociolinguísticas*, é o espaço no qual trazemos as considerações teóricas que fundamentam e justificam a razão da elaboração da investigação, assim como apresentamos nosso objeto de estudo, as gírias. Desse modo, iremos trazer questões relacionadas às três ondas da Sociolinguística, elencando a variação em seu uso enquanto elemento de (re)afirmação da identidade e reflexo ideológico e de estilo, bem como as questões relacionadas ao nosso objeto de estudo, a gíria de grupo e o ambiente prisional. Para tanto, apresentamos referências teóricas como Eckert (2012), Goffman (2012), Gumperz (1982), Labov (2010 [1994], 2008 [1972]), Lakoff (1985), Lakoff e Johnson (2002), Preti (1984, 2006 [2004]), entre outros.
- (iii) Na seção 3, *Tirando por ondas: caminhos metodológicos*, apresentamos a metodologia, que corresponde às coordenadas que devemos seguir para realizar a coleta e análise de dados. Assim, levamos em consideração os pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística, analisando a comunidade de prática a partir desse método norteador. Nesta seção, nós sintetizamos a abordagem metodológica, apresentando os desafios da realização da pesquisa com as detentas do presídio, bem como apresentamos os instrumentos metodológicos utilizados.
- (iv) Para apresentar os resultados a respeito do nosso objeto de pesquisa, construímos a seção 4, nomeada de *Ai que saudade dela, da lili: um retrato sociolinguístico da vida de mulheres encarceradas*. Nesta seção, apresentaremos os resultados do estudo, indicando se há confirmação das hipóteses e apresentando análises do objeto estudado.
- (v) Na seção 5, *“Mulas e Jackas”*: um retrato das mulheres invisíveis do Nilton Gonçalves, apresentamos relatos e reflexões a respeito da vida das encarceradas na prisão e do ambiente em que elas vivem.
- (vi) E para concluir, nas *Considerações Finais*, fizemos as últimas considerações a respeito dos resultados da pesquisa neste trabalho. Nela concluímos respondendo aos questionamentos e hipóteses levantadas a respeito do fenômeno gírio e as encarceradas.
- (vii) E por último, apresentamos as referências, seguida de apêndices contendo outros documentos importantes que compõem a nossa Dissertação.

## 2 AS GÍRIAS DE GRUPO INDO *DE BONDE* PELAS ONDAS SOCIOLINGUÍSTICAS

Quando falamos em gíria, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolinguístico [...] (PRETI, 2006 [2004], p. 66).

A Sociolinguística estuda a língua(gem) e os fatores sociais que a envolvem, correlacionando-os. Assim, essa área da Linguística considera a língua inseparável do social, ou seja, das regras e comportamentos que regem nossa vida em sociedade. E esta ligação entre a língua e o social a partir do processo de interação entre os falantes promove o surgimento de variações linguísticas. Essas variações que se refletem fenômenos sociais e linguísticos que podem se manifestar, por exemplo, na forma ou no significado das palavras existentes no vernáculo de um povo (LABOV, 2008 [1972]). Várias são as motivações para essas ocorrências - uma delas é a necessidade de reafirmar uma identidade e de criptografar o conteúdo falado (PRETI, 1984; 2001; 2006 [2004]) - que produzem o tipo de variação que chamamos de Gírias de Grupo.

Esse fenômeno sociolinguístico faz parte do Português Brasileiro, bem como de outros idiomas (PRETI, 1984), e surge a partir do processo de interação de um grupo, que, na maioria das vezes, é, de alguma forma, isolado da sociedade, como grupos de adolescentes que buscam a originalidade e identidade ou até, como nos interessa nesta pesquisa, grupos de mulheres encarceradas, que buscam reafirmar sua identidade, proteger suas falas e superar o processo de despersonalização.

Diante dessas breves afirmações, trazemos a presente seção para construir um alicerce teórico, almejando apresentar o nosso objeto de estudo. Dessa forma, pretendemos ter como base teórica da nossa pesquisa a Sociolinguística a partir de três perspectivas que se complementam para atender às peculiaridades que comporta a análise de nosso objeto de pesquisa. Desse modo, tecemos considerações a respeito da Sociolinguística Variacionista, ou como também poderemos chamá-la, ao longo do texto, Sociolinguística Laboviana ou Teoria da Mudança e Variação Linguística; em seguida, faremos considerações a respeito da Sociolinguística Interacional, que será importante para compreendermos o fenômeno da gíria como produto direto da interação dentro de um grupo; logo após, traremos considerações a respeito da Sociolinguística sob a perspectiva Estilística, ou Estudos de Terceira Onda, a fim de complementar nosso arcabouço teórico para o entendimento da gíria, formada e utilizada em uma comunidade de prática.

E, por último, após a indicação teórica, trataremos de apresentar nosso objeto de estudo, que, embora não seja especificamente referencial teórico, propósito maior desta seção, torna-se pertinente por promover, já, neste primeiro momento a compreensão deste fenômeno sociolinguístico em estudo.

Assim, esta seção foi desenvolvida da seguinte forma: na primeira subseção *2.1 Língua e Sociedade*, será apresentado o aporte teórico deste estudo, sendo dividido nas subseções: *2.1.1 A língua enquanto elemento heterogêneo; 2.1.1.1 As variações internas, 2.1.1.2 As variações externas; 2.1.2 A Língua no processo de interação; 2.1.3 A Língua enquadrada em um estilo; 2.1.4 Variação Linguística: Prestígio e Estigmatização e 2.1.5 Língua e Identidade*; em seguida, após apresentar o nosso arcabouço teórico, falaremos a respeito do nosso objeto de estudo na seção *A gíria: Código de autodefesa e de identidade de um grupo*; e as subseções: *2.2.1 Breve histórico a respeito dos estudos sobre gíria, 2.2.2 A gíria no vernáculo do sistema prisional, 2.2.3 O processo de formação da gíria: metáfora como recurso criptografador*; e para concluir o capítulo apresentamos a seção: *(iii) Síntese da seção 2*.

## 2.1 Língua e Sociedade

A estratificação sociolinguística confunde-se, pois, com o próprio comportamento social dos vários grupos, submetido a normas, que incidem sobre os falantes de cada classe, conscientemente ou não (PRETI, 1984, p. 70).

Podemos dizer que a língua(gem) é uma singularidade inerente ao ser humano. Dessa maneira, a comunidade linguística é uma característica das comunidades humanas. A língua, assim, constitui-se como um sistema, no qual há a presença de comportamentos linguísticos contínuos e perseverantes, escolhidos por quem fala para comunicar e transmitir mensagens importantes do cotidiano em suas interações (PRETI, 1984). Dessa forma, “esses hábitos linguísticos, com a força de uma convenção tácita, ligados de maneira indissolúvel ao modo de viver e encarar a vida numa sociedade, formam o que se convencionou chamar de uso” (PRETI, 1984, p. 1). Nessa perspectiva, Labov (2008 [1994]) afirma que a língua é heterogênea e, diante disso, as comunidades de fala são constituídas de pluralidades que ocasionam elementos variáveis que, por sua vez, influenciam o aparecimento de variantes linguísticas<sup>17</sup>. Essas

---

<sup>17</sup> Segundo Coelho *et al.*, no capítulo 2 de sua obra intitulada *Sociolinguística*, as variantes podem ser padrão ou não padrão, geralmente as não padrão tendem a ser conservadoras e de prestígio, ou seja, aceitas pela camada social que detém do poder; enquanto as variantes não padrão, geralmente, são

variações são inerentes ao sistema linguístico e são influenciadas por variáveis extralinguísticas.

A heterogeneidade da língua foi firmada a partir de estudos feitos por William Labov, considerado o pai da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Essa base teórica foi melhor divulgada após pesquisadores da Universidade da Califórnia (UCLA), em 1964, inclusive com a presença de Labov, escreverem o texto *The Dimensions of Sociolinguistics*<sup>18</sup>, texto introdutório que caracterizou e conceituou a Sociolinguística (CEZARIO; VOTRE, 2009). Assim, conforme afirmou Mollica no capítulo *Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação* (MOLLICA; BRAGA, 2012), ocorreu a consolidação da Sociolinguística como subárea da Linguística, com a finalidade de investigar a língua dentro da comunidade de fala, correlacionando os fatores linguísticos e sociais.

Essa área da linguística, que apresenta pressupostos diferentes do Estruturalismo Saussuriano<sup>19</sup> e do Gerativismo Chomskyano<sup>20</sup>, foca no estudo da língua em seu uso real, considerando as relações entre as estruturas da língua e o entorno social e cultural que a influenciam. Assim, podemos afirmar que a Sociolinguística Variacionista (SV), além de trazer a língua enquanto instituição humana e social, propõe que, em razão disso, deva ser estudada em observância aos fatores sociais, contextuais e culturais que a correlacionam (CEZARIO; VOTRE, 2009 [2008]).

Cezario e Votre (2009 [2008]) escrevem que a Sociolinguística é um campo multidisciplinar, que utiliza da contribuição de diversas disciplinas, como a linguística, a sociologia, a antropologia, a educação, a poética, a psicologia e o folclore, mas, embora inclua essas disciplinas, ela se configura como uma matéria autônoma, já que a perspectiva de análise do seu objeto final, a língua, é diferente das demais. Além disso, os autores completam que a

---

estigmatizadas, não aceitas, podendo, mais facilmente, ser alvo de preconceito linguístico (COELHO *et al.*, 2010).

<sup>18</sup> *The Dimensions of Sociolinguistics*, em português. As dimensões da Sociolinguística foi um trabalho publicado pelo sociolinguista William Bright em 1966, no qual ele buscou conceituar a Sociolinguística e definir a variedade linguística enquanto objeto de estudo dessa corrente teórica.

<sup>19</sup> A língua para o Estruturalismo Saussuriano, ainda que considerado como um fenômeno social, constitui um sistema homogêneo e estruturado, devendo ser estudado a partir de uma abordagem sincrônica, ou seja, em um determinado tempo, não considerando os fatores externos ao sistema (SAUSSURE, 2006 [1916]).

<sup>20</sup> Para a teoria chomskyana, a língua é vista como um sistema de princípios universais, considerada uma competência humana. Assim, considera-se como um sistema abstrato de regras que provocam a formação de sentenças gramaticais (COELHO *et al.*, 2010). Dessa forma, para essa corrente, a língua deve ser estudada a partir de uma realidade abstrata, excluindo, assim como o Estruturalismo, os fatores históricos e sociais.

Sociolinguística Laboviana se ocupa em identificar, interpretar e descrever variáveis que influenciam na mudança e variação linguística.

O estudo da Sociolinguística Variacionista diz respeito à compreensão das ocorrências de variação e mudança linguística, isto é, diz respeito ao estudo da língua em uso dentro de uma comunidade de fala ou de prática. Portanto, o interesse do estudo está centrado em uma comunidade e não apenas em um indivíduo em separado. A comunidade de fala, na perspectiva Sociolinguística, pode ser definida

pela participação [em um determinado grupo] num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, [1972]2008, p. 150).

O conceito de comunidade de fala foi refinado por Guy (2001), para quem há 3 (três) requisitos fundamentais para que uma comunidade seja classificada assim, ela constitui-se como um grupo de falantes que: “compartilham traços linguísticos que distinguem este grupo de outros; se comunicam relativamente mais entre eles do que com outros; compartilham normas e atitudes frente o uso da linguagem” (GUY, 2001, p. 33). Diante disso, podemos afirmar que a Sociolinguística tem como objeto de estudo a língua, falada e escrita, considerando suas variantes e variáveis<sup>21</sup> e observando diretamente o cotidiano das comunidades de fala.

Nesse sentido, a Sociolinguística abriu novos caminhos para a ciência que estuda a língua, já que passou a considerar as variações, sejam elas com prestígio ou estigmatizadas, como o caso do estudo das gírias (PRETI, 1984; CYRANKA, 2015). Desse modo, essa corrente linguística constituiu-se em uma área que estuda a língua, considerando-a um sistema, tal qual os estruturalistas, no entanto, abraçando consigo os fatores culturais e sociais que interferem na composição desse sistema, sem, contudo, violá-lo.

Em síntese, essa ciência sociolinguística, no geral, ocupa-se de analisar as variáveis sociais, a fim de produzir uma compreensão mais detalhada e completa das estruturas linguísticas e seu funcionamento em uso em uma comunidade de fala. Para isso, conforme as pesquisas de Labov, que se concentraram na relação entre língua e sociedade, com o propósito

---

<sup>21</sup> Variante é o item alvo da mudança, que permite a intercambialidade sem alteração de sentido, enquanto a variável é o traço ou construção que apresenta as variantes, que pode sofrer variação e representa o fenômeno em estudo, nesse sentido, Tarallo (1986, p.8 [1985]) diz que “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”.

de sistematizar a língua em uso (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), consideramos as condições extralinguísticas, como: idade, sexo e gênero, classe social, escolaridade, entre outros marcadores que se correlacionam com a língua e, assim, demonstram a relação entre a língua dos falantes e o seu meio social de vivência. Diante do exposto, essa corrente apresenta-se como aporte adequado para estudarmos a língua e a sociedade, tendo em vista que concebe, entre outras questões, a língua como heterogênea, a variação linguística como inerente à língua, o valor social que as variantes possuem e a concepção sobre comunidade de fala.

### **2.1.1 A língua enquanto elemento heterogêneo**

Nenhuma língua natural é homogênea, todas sofrem variações a depender do tempo, espaço e contexto social, podendo haver várias formas de dizer a mesma coisa (ALKMIN, 2001, p.32). Poderíamos, para exemplificar, falar do Português Brasileiro e do Português Europeu, com suas diferenças fonético-fonológicas, morfossintáticas e semântico-pragmático-discursivas; poderíamos enumerar as diferenças presentes na fala dos informantes das diversas regiões do Brasil ou mesmo falar dos diferentes falares presentes na Bahia, a título de exemplo, o uso de “macaxeira”, “aipim” e “mandioca” para indicar a *Manihot esculenta Crantz*<sup>22</sup> (UNIMED NACIONAL, 2021); mas um exemplo real que escolhemos trazer é dentro da cidade baiana, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, onde se fala *canjica* e *mungunzá* para indicar o mesmo prato feito com milho e leite.

Assim, percebemos que, em uma mesma língua, dentro de um mesmo território/região, coexistem duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa. As variações linguísticas podem ocorrer tanto na fala quanto na escrita. Todas essas variações e/ou mudanças linguísticas podem ser condicionadas por fatores presentes na dimensão interna ou na dimensão externa da língua. Essas variações e/ou mudanças são ocasionadas, principalmente, em razão da movimentação da língua e de seu encontro aos fatores extralinguísticos<sup>23</sup>.

Nessa perspectiva, o teórico Labov (2008 [1972]) realizou, entre outros, estudos no campo da fonética e da fonologia, na ilha de Martha 's Vineyard, no estado de Massachusetts,

---

<sup>22</sup> A *Manihot esculenta Crantz* (nome científico) é um alimento que não faz parte somente da alimentação do brasileiro, como da sua cultura e história. Além de “aipim”, “mandioca” e “macaxeira” pode ser chamada de “maniva”, “castelinha”, “uaipi”, “maniveira” e “pão-de-pobre” (UNIMED NACIONAL, 2021)

<sup>23</sup> Os fatores extralinguísticos aqui são motivações externas que condicionam o uso de uma nova forma, ou de um novo traço, na língua.

e em três lojas de departamento de Nova Iorque. Em seus primeiros estudos, o pesquisador investigou a pronúncia da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/. Os resultados do estudo dos ditongos apontaram para uma tendência de centralização da primeira vogal em conformidade com o desejo dos moradores em permanecer ou em sair da ilha. Essa pesquisa é considerada como uma pesquisa de segunda onda na Sociolinguística, por envolver, na correlação das estruturas linguísticas e sociais, questões de natureza etnográfica da população investigada. No entanto, o autor ainda notou com a pesquisa social que, apesar da ilha receber muitos turistas, a taxa de desemprego era grande e havia muitas pessoas habitantes da ilha de Martha 's Vineyard que gostariam de deixar o local.

Em relação à pesquisa nas três lojas de departamento, Labov investigou a ocorrência do /r/ pós-vocálico, considerando os fatores sociais, como a questão geográfica, social, de origem/etnia dos falantes informantes, considerada como uma pesquisa de primeira onda na Sociolinguística, por correlacionar, sobretudo, questões linguísticas e sociais. Diferentemente da pesquisa realizada na Martha's Vineyard, Labov não gravou as entrevistas, e anotava as pronúncias que ouvia nas lojas, percebendo, então, mudanças nos usos dos /r/ diante das estratificações sociais. Assim, os resultados apresentaram uma tendência para a fala de prestígio dos nova-iorquinos, diferente da pronúncia conservadora de 1930.

Assim, o autor observou que os fatores extralinguísticos foram fundamentais para a pesquisa, chegando à conclusão de que a diferença no uso se relacionava com o significado social, ou seja, percebeu uma forte ligação entre variáveis sociais e linguísticas.

Com isso, podemos perceber que a língua natural demonstra variabilidade, apresentando-se de forma heterogênea. Dessa forma, ela constitui-se objeto de estudo da Sociolinguística, que é responsável por estudar o conceito de variação “como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela [a Sociolinguística] parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.” (MOLLICA, 2012, p. 9-10). Ademais, devemos pontuar que essa concepção de variedade linguística e conseqüente heterogeneidade da língua não é caótica, nem desregrada, mas sim passível de ser sistematizada e descrita por meio de regras que a regem (TARALLO, 1986 [1985], p. 5 - 7). Nesse sentido, Coelho *et al.* (2010) escrevem que,

[...] mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a língua é dotada de heterogeneidade estruturada, portanto há regras, sim. Só que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, ou obrigatórias, ou invariantes (i.e., que sempre se aplicam da mesma maneira por todos), a língua concebida como um



sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis (COELHO *et al.*, 2010, p. 24).

Na dimensão interna, conforme mencionamos, podemos citar os níveis de variação linguística, como: variação lexical, variação fonológica, variação sintática, variação morfofonológica, variação morfológica, variação morfossintática, e variação e discurso. Na dimensão externa, por sua vez, temos variação regional, geográfica ou diatópica, variação social ou diastrática, variação estilística ou diafásica e a variação diamésica. Desses tipos de variações, que discutiremos nas subseções a seguir.

### 2.1.1.1 *As variações internas*

Segundo Preti, em *a Gíria e outros temas* (1984), a variação linguística, embora produza uma diversidade no vernáculo de um país, não impede que falantes da mesma língua se comuniquem, ainda que a variação esteja presente no léxico da língua, como é o caso do nosso objeto de estudo, que mais adiante discutiremos. Nesse sentido, como já adiantamos na seção principal, existem variações em todos os níveis da língua (LABOV, 2008 [1972]), fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical, estilística-pragmática, que são condicionadas e regradas por fatores externos e internos, ou seja, linguísticos e extralinguísticos. Nesta subseção, iremos apresentar os níveis em que ocorrem as variações internas.

O primeiro nível de variação que trazemos é o lexical, que diz respeito ao emprego de palavras diferentes para nomear o mesmo referente (COELHO *et al.*, 2010, ISQUERDO; NUNES 2012;). O léxico é uma parte viva da língua e é, a partir dele, que são manifestados os sentimentos e são registradas as nossas histórias (ANTUNES, 2006). Logo, ele está em constante dinamicidade e movimentação, sofrendo variações com seu uso e desuso. É esse tipo de variação que acontece no exemplo inicial da nossa seção, em que “aipim”, “mandioca” e “macaxeira” são nomes diferentes que designam o mesmo referente. Assim sendo, é, nesse nível de variação, que iremos, mais tarde, concentrar nossa análise sobre nosso objeto de estudo.

A maioria das pesquisas sobre esse nível de estudo está concentrada nos estudos geolinguísticos no Brasil, como podemos perceber ainda sobre o exemplo anterior: são palavras que são faladas em maior ou menor frequência em cada região do país. Um dos pioneiros nesse

tipo de estudo foi Antenor Nascentes<sup>24</sup>, com publicações datadas de 1958 e 1961, escreveu sobre “os falares brasileiros”, que foram classificados em seis “subfalares”, organizados em dois grupos, “o falar do Norte” e “o falar do Sul” (COELHO *et al.*, 2010). A partir desse trabalho, outros estudos empíricos surgiram na mesma perspectiva tratando de testar as hipóteses de Nascentes.

As variações lexicais podem estar no campo da variação regional, diatópica, diafásica e até diastrática, como é o caso do nosso fenômeno. Para isso, podemos citar os exemplos que encontramos nos resultados de uma pesquisa realizada por Oliveira (2006), orientada pelo professor Dino Preti, na comunidade de fala da Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM)<sup>25</sup>, em 2006, em que a autora buscou investigar as gírias utilizadas pelos internos da fundação:

**Casa** é um vocábulo utilizado pelos internos, em geral, em duas situações: quando os internos querem saber se houve autorização por parte da diretoria da unidade para a realização de alguma atividade diferenciada ou quando se referem a rebeliões. É comum ouvirmos as seguintes expressões: “A casa subiu”. “A casa não autorizou a entrada das professoras”. “A casa virou. [...] O vocábulo gírio **boi** é empregado para designar banheiro. Esse espaço da instituição possui apenas um vaso sanitário sem pia e torneira que possibilite qualquer tipo de higienização ou porta para manter a intimidade do usuário (OLIVEIRA, 2006, p. 58-59, grifos nossos).

Além dessas variações no campo lexical, organizadas por Oliveira (2006) para designar lugar, a pesquisadora também registrou exemplos quanto à alimentação, como grude, gororoba, quentinha, blindado, xepa; para designar o próprio interno, como mano, “truta”, “nóia”, “jambrão”, “jack”, “gardenal”, entre outras classificações e gírias encontradas. Diante disso, reforçamos a variação lexical como nível importante de variação linguística, que se faz presente em nosso objeto de estudo.

Outro nível de variação é o fonológico, que consiste na alternância, ou ausência, ou acréscimo de fonemas ao falar uma palavra (COELHO *et al.*, 2010, p. 53 a 57). Exemplificando esse tipo de variação, podemos observar a piada a seguir sobre o político assistindo televisão:

Domingo à tarde, o político vê um programa de TV. Um assessor passa por ele e pergunta:  
— Firme?  
O político responde:  
— Não, Sírvio Santos. (COELHO *et al.*, 2010, p. 53).

<sup>24</sup> Antenor de Veras Nascentes foi um linguista e lexicógrafo brasileiro que trouxe grandes contribuições para o estudo da Língua Portuguesa no Brasil.

<sup>25</sup> Fundação do Bem-Estar do Menor do Complexo Raposo Tavares, São Paulo, atualmente nomeada como Fundação CASA – Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente.

Na conversa apresentada, percebemos que há uma troca do /l/ pelo /r/, o que cria uma interpretação no interlocutor diversa da que o locutor realizou. Outro exemplo de ocorrência da variação fonética-fonológica é a introdução de uma vogal entre as consoantes, como no caso de ['pi.new] ou ['pe.new] para referir-se a “pneu” e em [a.di.vo.'ga.du] ou [a.de.vo.'ga.du] para indicar “advogado”. Também é possível presenciar esse fato quando há a redução de um ditongo em apenas uma vogal, como é o caso do ditongo /ey/ ['pe.ʃI] para referir-se a peixe, ['be.ʒu] para referir-se a beijo, ['ka.ʃɐ] para referir-se a caixa.

Existem muitas formas de ocorrer a variação nos níveis fonético-fonológico (COELHO *et al.*, 2010, p. 53 a 61), como a síncope, que é a supressão de um fonema no interior da palavra; a monotongação, como no exemplo apresentado, é a redução de um ditongo em apenas uma vogal; a vocalização, que é a transformação de uma consoante lateral em uma vogal; a desnasalização, que consiste na transformação de um fonema nasal em oral; e o alçamento das vogais médias, que se configura na elevação pretônicas como efeito de uma vogal em sílaba consecutiva; a assimilação, que ocorre quando há aproximação de fonemas em razão da influência de um sobre outro; e a palatalização, na qual ocorre a transformação de fonemas em uma palatal.

As variações também ocorrem em nível morfológico, no qual há ainda classificações nos níveis morfofonológico, morfológico e morfossintático. Algumas variações nesse nível ocorrem na interface com outros níveis, como morfológico/sintático e morfológico/fonológico. Como exemplo dessa ocorrência, podemos citar o apagamento do infinitivo dos verbos, como [be.'be] para “beber”, [ẽ.'da] para “andar”. Podemos perceber essas ocorrências como esta no dia a dia, e um exemplo que podemos citar é a interpretação da música *Pode Apostar*, cantada pela cantora e compositora brasileira Mari Fernandez e pelo cantor Xande Avião (FERNANDEZ, 2022), em que, na letra da composição, está escrito “Eu vou beber”, mas, na fala, percebemos que é realizado/cantado [be.'be]. Outra forma de alternância, classificada como morfossintática, pode, em casos, ocorrer na concordância nominal, como por exemplo: ['as me.'ni.nɐ bu.'ni.tɐ] em variação à forma “as meninas bonitas”.

As variações podem ocorrer, também, na organização das palavras, em nível sintático. Nesse nível, as palavras podem sofrer mudanças no tocante à sua organização na formação dos enunciados. Um exemplo é “[...] a posposição da negação como em ‘vou não’ é típica do Nordeste, a dupla negação como em ‘não vou não’ é comum no Sudeste (especialmente no Rio de Janeiro), e a anteposição da negação como em não vou é preferida no sul” (GÖRSKI; COELHO, 2009, p. 77). Coelho *et. al.* (2010) destacam que

a variação das relativas, estudada por Tarallo na década de 1980, foi um dos primeiros trabalhos de Sociolinguística no âmbito da variação na sintaxe feitos no Brasil. O autor mostrou que as três construções ilustradas anteriormente estão em variação no PB e são condicionadas principalmente por fatores extralinguísticos. Seus resultados indicaram que a relativa padrão (O filme a que me referi é muito bom) parece estar deixando de ser usada na linguagem espontânea; sua substituta é a relativa cortadora (O filme que me referi é muito bom), enquanto a relativa com pronome lembrete (O filme que me referi a ele é muito bom) é geralmente usada por falantes menos escolarizados e sofre estigma na sociedade. Note-se aqui uma correlação entre variável sintática e fatores externos (COELHO *et al.*, 2010, p. 62).

Outros fenômenos da variação sintática podem ocorrer na posição do clítico, como “eu vi-o no cinema/ Eu o vi no cinema”, que consiste na posição do clítico em relação ao verbo, formas variantes comuns ao nosso vernáculo.

Além dessas variações dos casos e exemplos dados, ainda existe variação em nível textual/discursivo. Nesse sentido, Görski e Valle (2016, p. 81) entendem, por variação discursiva, “o processo que envolve fenômenos variáveis no nível discursivo tomados como objeto de análise, bem como condicionamentos de natureza discursiva”. Um exemplo de variação, no campo discursivo, diz respeito aos conectivos utilizados para formar os enunciados, bem como expressões utilizadas em regiões brasileiras, como: “‘mas bah!’, ‘pô, cara, aí...’, ‘orra meu!’, ‘pronto’, que são facilmente associadas a falantes gaúchos, cariocas, paulistas e nordestinos, respectivamente, constituindo-se em variantes regionais” (COELHO *et al.*, 2010, p. 68). Portanto, percebemos, mais uma vez, a presença da variação linguística, que ratificando o que já foi dito, é um fenômeno intrínseco das línguas naturais.

Destarte, diante da apresentação das variações nesses níveis linguísticos, podemos perceber como a variação está presente em todos os níveis, reafirmando, assim, as condições, em que pode ocorrer e que ocorre, a variação linguística em nosso vernáculo. A partir desta tipologia exposta classificamos a gíria como uma variação que ocorre no nível lexical.

#### 2.1.1.2 As variações externas

As variações externas ocorrem, geralmente, nos âmbitos geográficos, temporais, estilísticos e sociais (CAMACHO, 1988). A classificação das variações em externas ou internas aqui não significa que existe um fenômeno fruto apenas da variação externa em exclusão da interna ou vice-versa. De certa forma, elas podem ocorrer de forma concomitante, como é o caso do nosso objeto de estudo, que já adiantamos ser uma variação, geralmente, social e

lexical. A seguir, teceremos considerações a respeito das variações que ocorrem na dimensão externa de análise.

A primeira que apresentamos é a variação diatópica, também chamada de variação regional ou geográfica. Ela ocorre de acordo com o local onde os falantes vivem, pode ser associada à oposição do falar urbano e do falar rural, e refletem o falar de certa região. Essa variação, geralmente, ocorre em razão das diferentes culturas, hábitos, tradições e conceitos de vida, demonstrando essa diferença também nas estruturas da língua. De acordo com Coelho *et al.* (2010), um exemplo de variação regional é

a pronúncia das vogais /e/ e /o/ pré-tônicas, como nas palavras ‘peteca’ e ‘moderno’, que no dialeto nordestino de algumas regiões são pronunciadas abertas (p[E]teca – m[o]derno) e no dialeto do Sudeste e do Sul do Brasil são pronunciadas fechadas (p[e]teca – m[o]derno) (COELHO *et al.*, 2010, p. 77).

Outras ocorrências de variações diatópicas acontecem em nível lexical, como vimos na subseção anterior em que apresentamos os vocábulos *aipim*, *mandioca* e *macaxeira* para se referir ao mesmo alimento. Além disso, podemos citar também diferentes sotaques e dialetos, como: o dialeto baiano, o dialeto mineiro. Outrossim, podemos também observar esse tipo de variação na redução de fonemas ou mudança, como [mui.'ɛ] para mulher, [pẽ.tẽ.'na] para pantanal. Ademais, a variação diatópica pode abarcar dentro de si a variação diastrática, que veremos mais adiante, já que está relacionada aos fatores socioculturais das comunidades de fala.

As variações históricas, ou também chamadas de diacrônicas, diz respeito às variações ocorridas em razão do tempo, ou seja, variações percebidas em épocas diferentes que demonstram a sucessão de dois estados diferentes do mesmo idioma. A título de exemplo, podemos, sucintamente, expor a mudança que levou a forma nominal “vossa mecê” ao pronome você. Podemos observar a seguir, nos exemplos dessa variação na escrita, por meio de dados trazidos por Pezzato, Baronas e Silvestres (2013), como a duplicação de consoantes que, comparado ao Português atual, caiu em desuso e foi excluída após reformas ortográficas. De acordo com esses autores

também verificamos, na crônica de Blurette, a duplicação do l em tiracollo (linha 7), aquelle (linha 34) e aquella (linha 40). Williams (1975) atribui o duplo l a três possíveis fatores: à herança do galego, em que o ll correspondia ao lh; quando no início da palavra, a fim de tornar o som mais longo do que o obtido pelo l único; quando no fim do vocábulo ou antes de consoante, para indicar som velar. (PEZZATO, BARONAS, SILVESTRE, 2013, p. 264).

Outra forma de variação é estilística, diafásica e, também, chamada de situacional. É um tipo de variação que ocorre de acordo com o contexto ou situação em que o falante está presente. Assim, o falante escolherá a modalidade expressiva que utilizará de acordo com o contexto em que está inserido, papel social que está sujeito, ou seja, o mesmo falante pode usar diferentes maneiras linguísticas de expressão. Um exemplo dessa variação é a utilização de uma linguagem formal em um ambiente de trabalho e uma linguagem informal entre amigos em um momento de lazer. De acordo com Macedo (2008), o estudo clássico de Labov, já mencionado por nós, a respeito da variação no /r/ é um exemplo de variações diafásicas, na qual é atestada a relação entre o uso das variantes de prestígio em ambientes formais, mais monitoradas, enquanto as variações de menor prestígio, menos monitoradas, eram empregadas em estilos mais informais.

Além desse trabalho de Labov, muitos outros foram realizados a respeito desse tipo de variação, como os de Lemle e Naro (1977). Pesquisadores que postularam o entendimento de que as variações ocorriam de acordo com o contexto, ambiente e papel social em que a pessoa estava presente ou que estava ocupando.

Por fim, trazemos a variação diastrática, também chamada de variação social. Segundo Preti (1984) e Antunes (2003), essa variação diz respeito às formas variantes que ocorrem influenciadas pelos hábitos e culturas de diferentes grupos sociais. Desse modo, ela pode ser associada a condições de organização socioeconômica e cultural, podendo ser observados, dessa forma, fatores como sexo, faixa etária, grau de escolaridade, classe social, profissão, estado civil, identidade, ideologia ou condição do grupo ao qual o falante pertence. Esse tipo de variação ocorre dentro dos sistemas de comunicação, tendo como um dos exemplos as gírias de grupo – nesse caso, as gírias dos adolescentes, as gírias utilizadas entre os *gamers*, as gírias da internet e as gírias de grupos mais restritos, como o caso das gírias prisionais.

Labov (2010 [1994]) considera o sexo, a faixa etária, profissão e nível socioeconômico e de escolaridade como um dos fatores sociais principais que condicionam o uso de variações linguísticas diastráticas. Nesse sentido, trazendo um exemplo da teoria de Labov (2010 [1994]), Coelho *et al.* (2010, p.78) exemplificam que “falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como ‘nós vai’ ou ‘a gente vamos’, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem “nós vamos” e “a gente vai”. Enquanto isso, em nível socioeconômico, segundo sugerimos a partir de Labov (2010 [1994]) que os grupos sociais menos privilegiados tendem a usar mais variantes menos padronizadas da língua, enquanto grupos mais abastados costumam usar variantes padrões.

No que diz respeito ao sexo/gênero, os estudos mostraram que as mulheres tendem a ser mais conservadoras na fala do que os homens, utilizando, assim, uma linguagem mais padrão e mais valorizada socialmente<sup>26</sup>. Quanto à faixa etária, na Sociolinguística Laboviana, é levantada uma questão sobre a variação condicionada à idade, para qual apresentam duas correntes teóricas explicativas. A primeira diz que a aquisição da linguagem termina na puberdade, o que torna o vernáculo espontâneo do falante estável a partir daquele momento. Assim, indivíduos na fase adulta apresentam a tendência de estarem usando uma língua adquirida quando ainda tinham uma média de 15 anos de idade. A outra corrente, diferente desta visão, defende que a língua falada por uma pessoa pode mudar ao longo dos anos.

Destarte, observamos os fatores da dimensão externa que condicionam a ocorrência de variações linguísticas, mais uma vez fazendo-nos observar o quanto a língua comporta-se de forma heterogênea e dinâmica, navegando ao longo dos anos e comunidades de fala junto aos acontecimentos sociais. No entanto, pontuamos que essa variedade que ocorre na nossa língua, por mais enriquecedor e plural que demonstre, nem sempre é bem vista por membros da comunidade de fala ou de prática.

Dessa forma, as variações são produzidas e reproduzidas no processo de interação entre os membros da comunidade de fala ou prática. Nesse contexto, podem ocupar lugares de prestígio ou estigmatização, sendo as de prestígio utilizadas por comunidades de fala ou de prática mais escolarizadas e abastadas socioeconomicamente enquanto as variações que são estigmatizadas e ditas como “erradas” são utilizadas por grupo sociais mais carentes e com níveis de escolaridade mais baixos. Essa resistência negativa a essas variações muitas vezes ultrapassa os limites de uma crítica e se torna uma discriminação/preconceito, conforme discutiremos mais adiante.

### ***2.1.2 A Língua no processo de interação***

Ao lançar a proposta de fazer “navegar” pelas ondas da Sociolinguística, percebendo os elementos da Sociolinguística Variacionista, Interacional, e mais à frente, Estilística, tivemos a intenção de agrupar mais informações para um maior entendimento sobre o nosso objeto de estudo, a gíria. A gíria, como mencionamos na Introdução desta dissertação e como veremos na seção a seguir, é um produto social do processo de interação e, sendo decorrente da interação,

---

<sup>26</sup> No que diz respeito a esse uso pelas mulheres, COELHO *et al.* (2010), citando Paiva (2008), observa que deve-se ter cautela quanto a esses resultados, já que essa condição da mulher escolher certas falas a outras pode estar ligado aos papéis da mulher na sociedade, o que vem sofrendo transformações.

portanto, sofre influências não somente dos fatores já mencionados da Sociolinguística Variacionista, como também pelo processo de interação no momento da fala. Além disso, a nossa pesquisa será de caráter qualitativo, a qual a Sociolinguística Interacional contribuirá nos âmbitos de análise, a exemplo da qualitativa mais detalhada dos excertos e com a observância maior aos fatores identitários do discurso gírio. Dessa forma, utilizamos, nesta Dissertação, a Sociolinguística Interacional, como detalharemos e explicaremos na próxima seção sobre metodologia.

Essa vertente da Sociolinguística, surgida no final do século XX, a partir de estudo do linguista Gumperz (1982), é uma ramificação da Sociolinguística Laboviana, que expandiu a questão interpretativa em sua abordagem, ou seja, diferente da Variacionista que detém um caráter mais quantitativo ou qualiquantitativo, a Interacional possui natureza mais qualitativa. Nesse sentido, a Sociolinguística Interacional estuda o discurso a partir da Sociolinguística, trazendo pontos de vista da Sociologia e da Linguística, elencando questões culturais e ideológicas que rondam a língua nas interações sociais. Diante disso, Matos (2014) escreve que,

[...] enquanto a tarefa do pesquisador da Sociolinguística Quantitativa ou Variacionista é isolar e analisar variáveis linguísticas relacionadas a uma ou mais variáveis extralinguísticas, a tarefa do pesquisador que adota a Sociolinguística Interacional é o estudo profundo de instâncias selecionadas de interação verbal, ou seja, é uma análise mais interpretativa (MATOS, 2014, p. 28).

A partir disso, na nossa proposta de conciliação, pretendemos realizar a pesquisa a partir dos parâmetros variacionistas e, simultaneamente, almejamos elaborar uma análise profunda e interpretativa no processo interacional em que se encontra nosso objeto. Gumperz (1982), nessa perspectiva, considera que a abordagem interpretativa busca explicar de forma profunda as questões ideológicas, as crenças, os valores e os comportamentos dos variados grupos sociais. Assim, citando indiretamente Gumperz (1982) e Ribeiro e Garcez (2002), Araújo Nóbrega (2016) escreve:

A Sociolinguística Interacional (SI) é conhecida dentro da área dos estudos linguísticos como uma vertente teórica que discute a organização social do discurso pelo ponto de vista sociológico e linguístico. Linguisticamente, a SI descreve a organização estrutural do discurso falado por meio da análise de como o tema/assunto é desenvolvido pelos interlocutores, por exemplo. Do ponto de vista sociológico, esta vertente aborda questões de língua, cultura e sociedade em estudos de interações sociais. Isto é, a SI descreve e analisa como os indivíduos (re)constroem suas identidades sociais através do uso da linguagem em uma variedade de encontros conversacionais (GUMPERZ, 1982; RIBEIRO e GARCEZ, 2002; NÓBREGA, 2016, p. 55-56).



Nessa perspectiva, para realizar uma análise da língua(gem) no processo de interação, é necessário que ela seja realizada, a partir de uma abordagem de caráter qualitativo e, por meio de pressupostos metodológicos da pesquisa etnográfica, pois, conforme observa Nóbrega, (2016)

[...] esta teoria tem como procedimento metodológico a pesquisa etnográfica. Com base em observações etnográficas, Blom e Gumperz revelaram que os significados das ações e expressões dos interlocutores, em interações conversacionais, não estão relacionados apenas às palavras pronunciadas pelos interlocutores. Ao descrever o comportamento verbal de uma comunidade norueguesa, eles constataram que é o evento social que determina se o dialeto ou a linguagem padrão deve ser escolhido em conversas. Os sinais de prosódia, pronúncia, compartilhamento de conhecimentos, a organização sequencial dos diálogos, o sistema da tomada de turnos e a sinalização adequada de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) são tidos como alguns dos elementos sociolinguísticos utilizados para indicar diferentes significados sociais e culturais em eventos interacionais diversos (NÓBREGA, 2016, p. 56).

Nesse sentido, essa teoria explora a interação humana, observando fatores de ordem, estruturas e significados, que, segundo Gumperz (1982), não são predeterminados, senão está em constante evolução no processo de interação, que envolve questões sociais, psicológicas e circunstanciais (GUMPERZ, 2008). Nesse sentido, a Sociolinguística Interacional (SI)

propõe o estudo da língua na interação social, tendo como fundamento noções da Psicologia social. Em outras palavras, é o estudo da construção da interação lingüística e social que fornece subsídios para analisar o contexto social e incorpora o entendimento dos participantes construídos por meio dos sentidos inferidos na interação. É uma perspectiva teórica e metodológica do estudo do uso da língua que envolve lingüística, sociologia, e antropologia por relacionar língua, sociedade e cultura (BRASIL, s.d., p. 29).

Diante disso, essa vertente teórica ocupa-se em decifrar os fatores psicológicos, ideológicos e culturais da língua na interação, já que, nessa análise qualitativa, os fatores que influenciam na escolha e mudanças linguísticas não estão relacionados apenas a sexo, idade, classe social, estado civil e outras variáveis sociais nessa direção, mas também aos fatores contextuais durante o processo interacional (MATOS, 2014). Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2005) escreve que essa perspectiva de análise visa a abarcar os ocorridos durante o processo interacional, já que o indivíduo locutor poderá, em razão do contexto da fala e do que há em volta, promover a comunicação com o interlocutor, alterar a variante linguística ou seu estilo de falar. Essa mudança a fim de realizar a comunicação, geralmente, é feita para “ser

compreendido por seu interlocutor ou por questões sociais, ideológicas e psicológicas que o faz mudar, intencionalmente, a sua maneira de falar e/ou o curso da conversa” (MATOS, 2014, p. 29). Assim, a interação constitui-se em um contexto em que as estruturas são moldadas e as variações são utilizadas como um recurso expressivo para atender ao que o locutor pretende transmitir ao outro em um jogo linguístico (inter)subjetivo<sup>27</sup>.

Dessa forma, a língua, no processo de interação, pode ser utilizada como uma ferramenta que o falante poderá/deverá moldá-la para promover a comunicação. Assim, a língua constitui-se como um recurso social em que o locutor utiliza, não só para se fazer compreendido, mas também para demonstrar seu valor social diante daquela interação e como um reflexo da identidade e ideologia do falante. Para ilustrar essas ocorrências, utilizaremos, como exemplo, excertos do trabalho de Matos (2014), nos quais ocorrem um processo de interação, face a face, de uma entrevistadora com as encarceradas do sistema penitenciário, em que um interno demonstra preocupação quanto ao uso das gírias, já que, segundo o que ele menciona, é uma linguagem de malandro. Vejamos:

**Excerto 17:**

[...]

**Sete Um:** Como eu já falei... só os mais problemáticos da criminalidade que conversa assim... Eu mesmo já estou evitando falar gíria... Minha família não gosta que eu falo assim... eles falam... “para com isso... falar assim é feio...” Eu quase não falo mais... Éh:::.... a senhora observou se eu falei alguma gíria da hora que estamos conversando aqui?

**E.:** Não... acho que num falou não...

**Sete Um:** Ufa... ainda bem... **E.:** ((risos))

**Sete Um:** ((risos)) (MATOS, 2014, p. 97).

Essa cautela e preocupação do entrevistado em não utilizar o vocabulário gírio configura-se como a preservação da fachada<sup>28</sup>, demonstrando um preconceito linguístico-social que o interno tem sobre si mesmo e sobre a própria comunidade de fala (GOFFMAN, 2002). Diante dessa ocorrência, podemos interpretar que houve uma mudança de postura em relação à

<sup>27</sup> Para maior conhecimento sobre subjetividade e intersubjetividade, sugerimos consulta a ANDRADE, A. M. F. de. A (inter)subjetividade presente em construções subordinadas subjetivas: uma abordagem centrada no uso, Dissertação de Mestrado, UESB, 2022.

<sup>28</sup> Goffman (2002) caracteriza a fachada ou face como um elemento de valor social positivo para a pessoa, como a imagem ou status de si, ao qual serão atribuídos valores e julgamentos por parte de quem interage com essa pessoa face a face. Dessa forma, a preservação da fachada consiste na preservação dessa imagem, seja por vergonha, honra, medo, poder, por exemplo. Assim, no exemplo que trazemos podemos perceber que houve uma busca pela preservação da fachada, ou seja, da imagem do entrevistado, em razão de um preconceito contra o fenômeno gírio e ao valor que poderia ser atribuído, segundo o que se interpreta da fala do entrevistado, aos usuários dessa variação linguística (GOFFMAN, 2002).

fala, a qual, na interação face a face com a entrevistadora, foi favorecida por fatores linguísticos, sociais, psicológicos e ideológicos. Essa mudança de postura é denominada por Goffman (2002) como *footing*. Segundo Sousa (2006, p. 28), citado por Matos (2014, p. 37), os *footings* são “estratégias verbais e não-verbais que sinalizam um início, a mudança e o término de enquadres, isto é, quando começamos e finalizamos um assunto ou, simplesmente, quando mudamos de assunto sem concluí-lo”. Assim, ratificamos que, no processo interacional, há elementos que podem influenciar/influenciam na fala de caráter psicológico e social.

Diante do que foi exposto, compreendemos que a SI busca analisar os fatores funcionais e estruturais da língua que estão presentes em um contexto de interação social. Nesse sentido, ao incluí-la nos nossos pressupostos teóricos e metodológicos, reafirmamos que temos a intenção de realizar uma análise qualitativa dos nossos dados, observando os elementos que influenciam na interação, uma vez que o nosso objeto de estudo é concentrado em uma comunidade de prática que passa por uma grande carga de opressões sociais, que ugerem ser aspectos do cotidiano das falantes que se relacionam com a identidade e a ideologia das falantes.

### **2.1.3 A Língua enquadrada em um estilo**

Na corrente Sociolinguística, falar em variação estilística refere-se a falar da variação presente na fala de uma pessoa que varia de acordo com o grupo que ela fala. Isso quer dizer que um indivíduo pode mudar sua forma de falar, estilo, de forma consciente ou inconsciente, de acordo com o momento e interlocutores específicos (COUPLAND, 2007). Podemos ter, como exemplo, o estilo de uma situação formal ou informal, bem como podemos citar variações que estão presentes somente dentro de um grupo de comunidade de prática, como é o caso das Gírias de Grupo. Assim, visualizando esse cenário teórico, consideramos de grande importância trazer aspectos da análise estilística da Sociolinguística para aplicarmos na análise de nosso objeto de estudo.

A variação estilística, ou como denominamos aqui, estudos de terceira onda (ETO) está presente dentro dos estudos da variação linguística, sendo uma de suas abordagens, e tem como característica a análise de como os falantes utilizam a língua a partir de um estilo social que carrega um conjunto de propósitos simbólicos. Esses estilos sociais, conforme compreendemos em Coupland (2007), configuram-se como recursos para os falantes produzirem diferentes tipos de significado pessoal e interpessoal.

Segundo Eckert (2012), a variação estilística enquadrada na terceira onda da Sociolinguística, vem na intenção de compreender a variabilidade como uma marca das

identidades sociais que são conduzidas para a prática linguística nos contextos em que os falantes se estabelecem. Nessa perspectiva, conforme afirma Gomes (2017), a prática linguística é elaborada a partir da prática estilística, desenvolvida por meio de seus valores, identidades e perspectivas.

Além da observação desses aspectos da língua em uso, essa terceira onda da Sociolinguística define a participação desses falantes em conjunto como uma comunidade de prática, que se configuram como um grupo de pessoas reunidas e empenhadas por uma atividade em comum e, no desenrolar dessas atividades, desenvolvem visões, valores e relações comuns e particulares do grupo (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010 [1992]). Diante disso, em grupo, os indivíduos desenvolvem uma percepção sobre o externo e o interno de forma particular e comum a eles, como as formas linguísticas, como o exemplo do nosso objeto de estudo, as gírias de grupo, criadas e compartilhadas dentro dessa comunidade de prática, que, embora venham de localidades e culturas diferentes, naquela comunidade de prática encarcerada, podem compartilhar de valores e regras comuns. Nessa perspectiva, ao contrário

de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos focar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010 [1992], p. 103).

Diante disso, durante uma relação em um contexto amplo, as formas linguísticas conhecidas influenciam no momento da fala, na qual o estilo se guiará como forma de identificação com o indivíduo com quem se fala ou com outro grupo, a variar da intenção do locutor (ECKERT, 2012).

A análise proposta por essa abordagem da Sociolinguística acrescenta ao acrescentar o estudo voltado ao estilo é proposto nas outras abordagens que a antecederam, ela percebe o falante como agentes estilísticos, entendendo a variação como uma prática linguística diante do contexto que o participante está inserido e não apenas como sujeito passivo e estável.

Levando em consideração Bortoni-Ricardo (2005), podemos afirmar que a variação no Português Brasileiro (PB), passa pelo contínuo monitoramento estilístico, que efetivamos uma monitoração nos estilos de fala a depender da situação, sendo influenciado pelo ambiente, pelo interlocutor a quem fala e pela temática da conversa. Dessa forma, ao estar inserido em uma prática linguística, o indivíduo poderá utilizar de variantes linguísticas aos quais podem

demonstrar determinada identidade que o favorece naquele contexto social da prática linguística, como também pode ser demonstrado a sua identidade a partir do que foi forjado socialmente em razão das categoriais macrossociais (MELO, 2020). Assim, o indivíduo pode, por exemplo, utilizar a gíria quando estiver presente em uma comunidade de prática em que ela é vista como algo desejável, de prestígio, podendo não o utilizar externamente de aquele grupo, na qual ela pode ser vista de forma estigmatizada.

Complementando essa afirmação, Melo (2020), que, em seu estudo, com a análise da amostra EJLA (PEUL/UFRJ), composta por adolescentes a margem da sociedade, em uma unidade de internação para atos infracionais, conclui que, para estudar uma população marginalizada, é necessário observar, tanto os fatores sociais, lançados pela SV, quanto os de ETO. Assim, ele dispõe que,

ao olhar para falantes que estejam à margem da hierarquia social e que tenham a sua formação distanciada dos valores sociais que circulam na sociedade, parece evidenciado que esses falantes – no caso, os indivíduos da EJLA – têm ao seu dispor muito menos possibilidades de reconhecer e, portanto, manipular as variantes linguísticas, “exercitar” ou projetar diferentes personae. Conforme se pôde depreender dos resultados do teste de percepção, os indivíduos excluídos socialmente não se identificam com as mesmas práticas discursivas que são disseminadas entre indivíduos com maior grau de inserção social e que projetam diferentes status e relações sociais (MELO, 2020, p.814).

Diante disso, a análise da gíria, considerada por Eckert (2003), como adiantamos na *Introdução*, é um recurso linguístico de inovação lexical proposto geralmente usados por grupos deslegitimados pela sociedade. A gíria faz parte de um estilo do grupo, o que requer uma análise qualitativa interpretativa a partir (i) da Sociolinguística Variacionista, no que diz respeito à observação dos fatores sociais; (ii) da Sociolinguística Interacionista, considerando os aspectos identitários do falante; (iii) e dos Estudos de Terceira Onda ou Sociolinguística Estilística, em que são observados fatores ideológicos e sociopessoais do falante relacionados às questões de prestígio e estigmatização da variação.

#### ***2.1.4 Variação Linguística: Prestígio e Estigmatização***

A língua, como já mencionamos, é heterogênea e não há nenhuma língua natural que não sofra variação linguística, não há nenhum falante que não utilize de variações em seu repertório linguístico, mas, apesar disso, nem todas as variações são aceitas e são aceitas da mesma forma. Esse divisor de águas entre as variações linguísticas é que caracteriza o

preconceito linguístico. Ele surge entre as variações linguísticas de prestígio e variações linguísticas estigmatizadas, na qual uma é vista como forma errada de falar, enquanto a outra é taxada como padrão, ligadas também a fatores sociais. Por exemplo, no dialeto baiano, falar “abroba” configura-se uma variação linguística estigmatizada, na qual quem fala é considerado, muitas vezes, como menos escolarizado, pessoa que vive na zona rural; já falar “abrobinha”, que também constitui uma variação, não é considerada como uma forma estigmatizada, pois é aceita e falada, a rigor, pela população em geral independentemente da classe socioeconômica e do grau de escolaridade. Assim, o uso da primeira variação citada é suscetível de sofrer preconceito, enquanto a segunda, ainda que tenha passado pelo mesmo processo de variação, não é atingida pelo preconceito. Da mesma forma, flagramos os usos de “xícara” e “xicrinha”.

Percebemos, dessa forma, que há variação vista como superior, àquele presente em quem acredita que fala de forma correta e culta, enquanto há variação que é considerada menos correta. Assim, o preconceito linguístico se faz presente e pode manifestar por meio de comentários depreciativos e pejorativos e até chegar à exclusão de falantes de determinados ambientes e a sofrer violência, produzindo o impedimento de acesso de grupos a vários âmbitos da sociedade, como também ferindo a identidade e originalidade de um grupo, como o caso do preconceito contra o uso de gírias, variação ainda considerada marginal e inapropriada (SCHERRE, 2008). Nesse sentido, Possenti (1996) avalia:

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere às variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente (POSSENTI, 1996, p.29).

Diante disso, podemos afirmar que esse estigma diante da variedade, que se torna uma forma de preconceito e opressão aos falantes usuários de certa variedade linguística, é imposta a partir de um padrão que é dito como culto, sustentado pela ideologia<sup>29</sup> do grupo social

---

<sup>29</sup> “A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças\como de classes e de fornecer aos membros da 44 sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado” (CHAUÍ, 2004 [1980], p. 43 e 44).

dominante. Essa afirmação justifica-se porque todo signo é repleto de ideologia e, como vimos, a língua é um produto social, dotada de sentidos advindos da sociedade, assim, ela é carregada de ideologia. Diante disso, os valores sociais estão associados às variedades linguísticas, constituindo assim que não há neutralidade na fala de qualquer indivíduo, não há um padrão neutro de se dizer, mas um padrão dominante e prestigiado. Assim, a classe dominante busca introduzir a sua forma de falar como a forma neutra e padrão, desvalorizando e oprimindo as variações diversas, estigmatizadas (BAGNO, 2010). Nesse sentido, esse modelo dito como culto sustentará e reproduzirá privilégios a certas camadas sociais, enquanto desprestigiará e oprimirá outra parcela que utiliza outros tipos de variação.

Podemos perceber que, assim como em outros âmbitos da vida existe uma separação entre classes e grupos sociais, na qual o que detém maior poder financeiro é mais prestigiado e visto como autoridade que dita regras de comportamento e vivência, a língua é refletida no mesmo problema. A língua é encarada também como um divisor de classes, na qual os falantes de certa variedade são ditos como os marginais, ou os com escolaridade baixa, sem cultura, enquanto outros são tidos como os superiores, que falam corretamente (GNERRE, 2009). Assim, o preconceito linguístico constitui-se como um mecanismo de discriminação de sujeitos, grupos e classes em razão da forma que falam, esse preconceito provoca e reflete a separação das classes.

Vale ressaltar, ainda, que o que conhecemos como Preconceito Linguístico, diante do exposto e de tantas situações vivenciadas por todos nós, configura-se, dessa maneira, como um Preconceito Social. O estigma não é necessariamente ao que se fala/ao que se é falado, mas a quem/ a que classe quem a fala está associada.

A gíria, nosso objeto de pesquisa, sempre foi uma variação cercada de preconceito linguístico, já que sempre esteve ligada a grupos marginalizados, assim ela está introduzida no grupo de variações estigmatizadas. Essa linguagem é estigmatizada principalmente quando ainda está dentro do grupo restrito de origem e ainda não se popularizou. Nesse sentido, Preti (1984), afirma que

o problema do prestígio linguístico com a gíria ainda pode ser observado, na época contemporânea desmitificação do vocabulário gírio, perdidas ou diminuídas suas conotações de “linguagem baixa”, “má linguagem”, “linguagem de malandro”, etc., marca advinda, provavelmente, de sua ligação com a vida desonesta ou marginal. Nesse sentido, vale lembrar que, para os criminologistas do fim do século, discípulos de Lombroso, “era necessário reunir, numa mesma condenação moralística, a gíria e os falantes da gíria”, conforme nos mostra Ernesto Ferrero. Por isso, Alfredo Niceforo classificava a gíria de “obscena e repugnante como um sapo viscoso” e via nela, à maneira

naturalista, “uma língua cheia de plasmas estranhos, de desnudamentos obscenos, que circula como linfa envenenada por todos os tecidos mórbidos da baixa sociedade e, circulando, leva seus podres tributos de plasma mais distantes regiões do organismo” (PRETI, 1984, p. 21 - 22).

Diante do exposto, podemos notar que há na língua um reflexo de todos os problemas sociais, inclusive a partir dela também é produzido e reproduzido formas de opressão e exclusão, ao taxar uma forma de falar superior a outra, e desconsiderar legítimas e importantes as variações para o Português Brasileiro (GNERRE, 2009). Assim, os falantes verão as variedades linguísticas e agirão de acordo com o que o próprio valoriza, podendo modificá-lo, encaixá-lo ao modelo de prestígio padrão, bem como criticar de forma negativa o falante diverso dele (CALVET, 2002), o que constitui um preconceito linguístico, mas que é, em sua essência, social. Conciliando esse conceito com os ditames elencados por Eckert (2012), podemos afirmar que o prestígio e a estigmatização estão relacionadas diretamente à escolha de falar ou não determinada variação em determinada comunidade de prática, na qual o falante está ciente do valor da variação em cada ambiente.

Antes de finalizar esta subseção, cabe-nos, ainda, fazer uma referência à obra *Padrões Sociolinguísticos*. Nesta publicação, Labov (2008 [1972]) ocupa-se de escrever a respeito de padrões linguísticos, ou seja, regras linguísticas que regem o sistema da língua e o desenvolvimento dessas regras ao longo do uso e do tempo, com os três aspectos fundamentais para a compreensão dessas variações. São eles: a origem, a propagação e a realização completa.

A origem da mudança diz respeito à motivação que levou a escolha de certa variação no uso pela comunidade de prática. Para Preti (1984), a gíria tem seu início (origem) marcada por constituir um reflexo identitário de um determinado grupo. A propagação, por sua vez, diz respeito à utilização dessa variação em detrimento de outra forma existente. Para compreender a propagação de uma forma variante, é necessário entender os valores de prestígio e de estigma que são a ela relacionados, pois isso levará a forma a ter seu uso expandido ou refreado pela comunidade. E, por fim, a realização completa é visto como o momento em que a variação é consolidada, sendo utilizada de forma efetiva, o que implica a perda da utilização de outro termo que era usado anteriormente.

Assim, levando em consideração esse esquema dá origem à realização completa, podemos perceber, nos estudos de Preti (1984) sobre as gírias, que há uma relação em prestígio e estigmatização no desenvolvimento desse caminho que a variação percorre, ao qual, será ponto de análise para o nosso objeto de estudo.



### 2.1.5 Língua e Identidade

A comunicação é um dos fatores importantes para a formação das civilizações e para o nosso desenvolvimento e evolução, e ela é feita por meio da língua. Assim, a língua constitui-se um elemento expressivo que, ao mesmo tempo que reflete, produz elementos para a identidade do falante introduzido em um contexto cultural, social e econômico. Como já foi dito quando tecemos esclarecimentos sobre a gíria, a identidade é um dos elementos que rondam o uso dos vocábulos gírios, constituindo uma das motivações da adoção dessa linguagem ao vocabulário.

Vários âmbitos da ciência buscaram conceituar identidade, “a auto identificação predicativa que efetua uma pessoa é, em certa medida, condição para que essa pessoa possa ser identificada genericamente e numericamente pelas demais<sup>30</sup>” (HABERMAS, 1988, p.147). Assim, de acordo com essa descrição, a identidade é mutável, construída no processo de interação (indivíduo e sociedade) e constitui uma forma de identificação própria e de identificação observada pela sociedade. Em um viés semelhante, a Sociologia encara a identidade como algo construído, observando um processo de construção que implica origem, finalidade e especificidades (CASTELLS, 2008).

De acordo com Le Page (1980), o ato de falar constitui um ato de identidade, uma vez que as escolhas linguísticas configuram fruto de processo conscientes e inconscientes que advém de nossa identidade social. Assim, Oliveira (2006) assegura que a língua cumpre uma função essencial na construção da identidade de um povo. Nessa perspectiva, é por meio da linguagem que o indivíduo constrói sua linguagem (RAJAGOPALAN, 2006), a língua surge como um fator de construção da identidade, como no caso das pessoas privadas de liberdade que utilizam da linguagem enquanto elemento de (re)construção de suas identidades.

Diante disso, podemos assegurar que é por meio da manifestação da linguagem que o indivíduo pode realizar o processo de comunicação e expressar seus pensamentos e sentimentos, conhecer e ser conhecido, expressar poder ou resistência. Bakhtin (2006), afirma que a linguagem é um fenômeno ideológico por excelência, ou seja, é a realização das trocas durante a relação social e a alma dos falantes. Assim, com os processos de interação, as pessoas vão alimentando a construção de suas identidades, uma vez que, “a partir do processo de identificação do indivíduo com alguma ideia, ele assume uma posição, ou seja, uma identidade” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 29).

---

<sup>30</sup> Tradução nossa.

Nessa perspectiva, pensando em um grupo coletivo, como o caso das internas de um presídio, um dos principais aspectos que corroboram para que grupos de pessoas se identifiquem entre si por meio da língua, são, geralmente, o compartilhamento de representações e vivências (ILARI,2013). Dessa forma, as internas, ainda que vindas de realidades diversas, por pertencerem, naquele momento, ao mesmo grupo e por passarem pelas mesmas experiências, podem se expressar linguisticamente de forma semelhante, refletindo as marcas culturais e ideológicas do grupo a que pertencem ou a que passaram a pertencer. E isso ocorre em razão da flexibilidade da identidade, que não se comporta como um elemento imutável. A identidade, assim como a língua, não é estática (SILVA, 2012), passa por transformações e é flexível a sofrer transformações de acordo com o ambiente que o indivíduo é inserido e, conseqüentemente, do que passa a ser a ele demandado em suas interações.

Assim, tal qual como compreendemos a língua, a identidade é heterogênea, mutável, e, diante desse movimento e dessa dinamicidade tão peculiar, pode sofrer mudanças e transformações de acordo com as atitudes pessoais e conflitos que podem surgir no meio social, como, por exemplo, estar em privação de liberdade. Dessa forma, conforme o breve exposto, elencamos a identidade como elemento fundamental e intrinsecamente ligado à língua e, conseqüentemente, assim como a identidade, se faz uma pauta de estudo da Sociolinguística, quer seja Interacional ou Estilística, que, em nossa análise estarão correlacionadas.

## **2.2 A Gíria: código de autodefesa e de identidade de um grupo**

O vocabulário gírio, com seu humor, sua ironia, seu poder agressivo (quando não injurioso), cumpre, também, o papel de um verdadeiro processo de catarse, de purgação para o homem moderno, que nele encontra uma das formas de defender-se das injustiças sociais, atacando-as no conservadorismo de sua linguagem, para compensar sua revolta e frustração (PRETI, 2006 [2004], p. 70)

Conceituar a gíria não é uma tarefa fácil, mas podemos iniciar falando que ela é um vocabulário que difere da norma padrão, principalmente, a partir do léxico e é, por meio da Sociolinguística, que podemos fazer uma definição, na perspectiva que almejamos nesta Dissertação, mais assertiva sobre esse fenômeno, que deve ser explicado observando os fatores sociais que envolve seus falantes. Esse fenômeno presente na Língua Portuguesa não é algo distante da realidade dos falantes da língua, podemos inferir até que provavelmente não haja ninguém que nunca tenha falado uma gíria.

A gíria tornou-se comum e padronizou-se no uso linguístico para além dos limites do uso realizado por informantes do português popular. Mas há, contudo, as gírias que são mais peculiares ou representativas de um grupo que distingue quem usa dos demais membros, diferenciando-os do restante da sociedade. Relacionamos, assim, o conceito de gíria como um fenômeno, conforme o linguista Preti (2006 [2004] p. 66), “tipicamente sociolinguístico”.

As gírias são variações linguísticas sociais, que podem ser descritas como uma linguagem criptológica, ocupando-se do propósito de serem secretas e restritas ao grupo de origem, ou seja “a gíria surge como um signo de grupo, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade restrita (seja a gíria dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de outros grupos ou profissões)” (PRETI, 1984, p. 3). Assim, elas são recursos expressivos, essenciais na comunicação desses grupos, visando proteger o conteúdo que é falado dentro do grupo que pertencem os informantes do restante da sociedade (PRETI, 1984).

Dessa forma, a gíria está presente, principalmente, na oralidade de grupos preteridos pela comunidade e é “usada por um determinado grupo social, [...] [com a função de] distinguir-se da massa, empregando o desrespeito intencional à norma estabelecida” (RECTOR, 1975, p. 118 - 9). Nessa perspectiva, Preti (1984) afirma que

a gíria, portanto, como um mecanismo de agressão e defesa, podemos dizer, ganha um caráter social de elemento compensatório, meio de purgação da alma popular. Optando pelas formas gírias, deformando significantes da linguagem usual, criando significados especiais, o falante agride com esse vocabulário o convencional, opõe-se a um comportamento linguístico, escolhido pela maioria como norma e, assim, deixa marcado seu conflito com a sociedade (PRETI, 1984, p. 22).

Entretanto, a gíria é mais que um recurso linguístico para tornar a fala secreta, constitui-se como um elemento de autoafirmação e identificação do usuário e do grupo ao qual faz parte. Segundo Preti (1984, p. 3) “[...] a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante da sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de autoafirmação”. Assim, a gíria ocupa o lugar de fator identificador desse grupo específico.

No entanto, os falantes da gíria restrita geralmente não as utilizaram para a comunicação fora do seu grupo, pois ela se constitui como uma “língua especial de um grupo social onde seus falantes utilizam, mas que só se refere a membros desses grupos sociais, fora deles falam a língua geral” (RECTOR, 1975, p. 39-40). Nesse sentido, Halliday (1976) concorda que uma antilíngua não é uma língua materna, mas um código que exista apenas naquele momento de

ressocialização do grupo, como uma linguagem utilizada estritamente, funcionando em alternância a fala popular comum. Isto é, embora constitui-se como uma variação linguística social, que provoca a fuga do vernáculo dos falantes da norma culta, não significa que o indivíduo não tenha conhecimento da norma culta, ou que ele utilizará essa linguagem em todos os âmbitos da vida, pois é uma linguagem utilizada dentro do grupo, constituindo assim uma variação linguística que, por vezes, se diferencia das demais.

Nessa direção, Preti (2006 [2004], p. 69) traz um relato presente numa entrevista em um jornal a respeito da gíria, na qual um estudante de dezessete anos afirmou à matéria jornalística que

as gírias mudam e não vão deixar de existir. [...] Eu também sei falar formalmente, mas não gosto. Não me dirijo ao padre do colégio com um “Aí, velhinho!” Estou apto a usar a linguagem formal, quando necessário (Jornal do Brasil, 5 maio 1996, p. 12) (PRETI, 2006 [2004], p. 69).

Assim, Preti (2006 [2004]) afirma que esse vocabulário gírio faz parte da identidade do grupo e preenche essa função na posição de linguagem responsável pela interação dentro dele, provocando aos membros o sentimento de pertencimento. Nessa perspectiva, a gíria propriamente dita, também chamadas de gíria marginal, é um vocabulário criptológico, que tem a capacidade de transmitir sentimentos, emoções e criticidade do mundo, representando a relação sólida do indivíduo com a comunidade de fala restrita ao qual pertence (PRETI, 2006 [2004]). Assim, ela, também, surge desses grupos que estão isolados da sociedade como uma forma de resposta aos padrões socioculturais ditados pelos grupos dominantes da sociedade, ou como forma de resposta a esse isolamento, como o caso da gíria em ambientes prisionais. Para Preti (1984, p. 2),

sempre que possível, determinados grupos se isolam, adotam uma linguagem especial (em particular no campo lexical), opondo-se ao uso comum, ou seja, no caso do grupo marginalizado [...] esse comportamento linguístico, naturalmente, é decorrente do próprio comportamento social (é, inclusive, parte dele) e poderia ser denominado de uso restrito de certos grupos sociais (PRETI, 1984, p. 2).

Nesse viés, Mattiello (2005), elencando a literatura sobre gíria, traz duas visões a respeito desse fenômeno, uma sociológica e outra estilística. Segundo a autora,

esta visão é aceita [a sociológica], entre outros, por Eble (1996:11), que considera a gíria como «um conjunto em constante mudança de palavras e

frases coloquiais que **os falantes usam para estabelecer ou reforçar a identidade ou coesão social dentro de um grupo ou com uma tendência ou moda na sociedade em geral**» (ver também Munro 1997, cf. Allen 1998). Uma segunda abordagem fundamental é estilística. De acordo com isso, a gíria deve ser organizada entre as “variedades de acordo com a atitude” (Quirk et al. 1985:25-27), pois “inclui palavras que estão abaixo do nível da linguagem estilisticamente neutra” (Stenström et al. 2002:67). Uma terceira abordagem relevante enfatiza os aspectos de novidade e frescor da gíria, e a caracteriza como uma variedade linguística que exhibe uma tendência à inovação lexical (Jespersen 1922, Dundes e Schonhorn 1963, Mencken 1967, Olesen e Whittaker 1968, Dumas e Lighter 1978, Sornig 1981) (MATTIELLO, 2005, p. 10, tradução nossa, grifos nossos).<sup>31</sup>

Diante dessa breve descrição, podemos notar que a gíria se ocupa por tornar a língua secreta e é utilizada por determinado grupo para diferenciá-la da sociedade. Assim, nos questionamos: como que a gíria pode deixar/ou deixa de ter uma representatividade menor/mais restrita a um grupo e passa a ocupar mais camadas na sociedade? Para responder a essa questão, trazemos as duas perspectivas de estudo e categoria de classificação da gíria apresentadas por Preti (1984).

A primeira, podemos analogamente dizer que seria como *acessórios* que se tornaram comuns e encaixaram-se no padrão popular, ou seja, as gírias ultrapassaram as barreiras do grupo, foram aceitas pela sociedade e tornaram-se léxicos utilizados no vernáculo da massa, chamadas por Preti (1984) de Gírias Comuns. Já aquele *look* diferente do que é visto no padrão do dia a dia, seriam as Gírias de Grupo, ou gíria marginal, léxicos que ainda carregam seu caráter secreto e fazem parte do conjunto de fatores que marcam a identidade da pessoa que utiliza e do grupo ao qual ela pertence, categoria que nos concentramos nesta Dissertação.

Nesse sentido, devemos observar que, assim como um acessório que tinha a função de marcar a identidade de determinado grupo e a partir do momento que se torna comum perde essa serventia, acontece com os vocábulos gírios. Eles deixam de ser um elemento identitário e secreto e tornam-se comuns - nesse caso, como pontua Preti (2006 [2004]), torna-se difícil descobrir o que é gíria e o que é linguagem popular.

---

<sup>31</sup> *In the relevant literature most definitions of slang show a tendency towards a sociological view of the phenomenon. This view is accepted, among others, by Eble (1996:11), who regards slang as «an everchanging set of colloquial words and phrases that speakers use to establish or reinforce social identity or cohesiveness within a group or with a trend or fashion in society at large» (see also Munro 1997, cf. Allen 1998). A second fundamental approach is stylistic. In line with it, slang has to be arranged among the «varieties according to attitude» (Quirk et al. 1985:25-27) as it «includes words that are below the level of stylistically neutral language» (Stenström et al. 2002:67). A third relevant approach emphasizes the aspects of novelty and freshness of slang, and characterizes it as a language variety that exhibits a leaning towards lexical innovation (Jespersen 1922, Dundes and Schonhorn 1963, Mencken 1967, Olesen and Whittaker 1968, Dumas and Lighter 1978, Sornig 1981). (MATTIELLO, 2005, p. 10)*

Em suma, as gírias inicialmente são produções ocorridas no vernáculo de determinado grupo e, após o contato do grupo restrito com a sociedade e com a sua ampla divulgação, geralmente feita pela mídia, ocorre a vulgarização do fenômeno e essa linguagem passa a compor o vernáculo popular (PRETI 2006 [2004]). Assim, Preti (1984) fala que,

ao vulgarizar-se, porém, para a grande comunidade, assumindo a forma de uma gíria comum, de uso geral e não diferenciado, esse vocabulário perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando, desde então, de ser signo grupal (PRETI, 1984, p. 3).

Diante dessa situação, Preti (2006 [2004]) acrescenta que os vocábulos gírios são um tipo de linguagem ágil, por estar em constante mudança e movimento, se assemelhando com a sociedade contemporânea, que, com meios de comunicação evoluídos, a sua divulgação se torna mais rápida. Isso tudo para manter sua natureza secreta dentro do grupo, já que logo que se divulga perde essa função e se torna obsoleta e, assim, é necessário, dessa forma, que o grupo tenha que substituir esses vocábulos que antes eram secretos por outros.

Assim, em síntese, a gíria é definida como uma variação linguística, que ocorre geralmente nas dimensões lexicais e diastráticas, constituindo como um fenômeno de ocorrência isolada em determinadas comunidades de fala, que, muitas vezes, é formada por grupos desfavorecidos ou isolados socialmente, como o caso das pessoas em privação de liberdade. Nesse sentido, os vocábulos gírios tem a função de “satisfazer necessidades advindas da formação de grupos, composto de elementos que tenham interesses comuns” (CABELLO, 1991 *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 27), assim, suprindo a linguagem com elementos necessários para resistirem a esse isolamento imposto, seja de forma indireta, a partir da marginalização do grupo, ou seja de forma direta, como o caso das presidiárias, que são isoladas compulsoriamente e obrigatoriamente, e ainda são marginalizadas pela sociedade.

Diante do exposto, reiteramos que, neste trabalho, nos interessa o estudo da Gíria de Grupo, já que, conforme percebemos em Preti (1984; 2006 [2004]), conseguimos estudar a partir da ciência sociolinguística, ao fazer a relação da escolha desses vocábulos na linguagem do grupo e sua relação com a identidade e cotidiano social dos falantes. Assim, estudaremos as gírias de grupo utilizadas por um dos grupos marginalizados pela sociedade, no caso, o grupo de mulheres encarceradas, a partir do conceito de gíria enquanto linguagem de autoproteção, de comunicação, secreta e elemento de identidade do grupo.

### 2.2.1 Breve histórico a respeito dos estudos sobre gíria

As linguagens especiais, ou também chamadas de anti-linguagens (HALLIDAY, 1976), estão ligadas às variedades sociais existentes e se transformam em meios expressivos para determinadas comunidades de fala, como é o caso das gírias. Nesse sentido, Preti (2006 [2004], p.70) afirma que “hoje, simplesmente não é possível ignorar a gíria e sua ligação direta com a vida”. Assim, é possível que todos nós um dia já tenhamos utilizado, uma vez que a gíria está ligada diretamente à construção do nosso vernáculo. E, diante desse caráter social da gíria, o estudo sobre ela veio desenvolver de forma mais forte após os estudos Sociolinguísticos, da Análise da Conversação e Análise do Discurso (PRETI, 2006 [2004]).

Preti (2006 [2004]) justifica que, apesar do interesse sobre esse fenômeno ter surgido recentemente entre os linguistas, as gírias, enquanto elemento presente no vernáculo de determinado grupo, constituem um vocabulário existente em “todas as épocas e de todos os povos” (PRETI, 2006 [2004], p. 71). No entanto, os registros mostram que a gíria, ao longo da história, sempre foi marcada por preconceitos e desaprovação de seu uso, já que ela estava, geralmente, ligada a grupos marginalizados pela sociedade (SANTOS, 2018). Dessa forma, ainda que seja um elemento identitário, que está inserido na cultura de muitos grupos, há um estigma social a partir da visão de quem detém do poder social.

Nesse sentido, Bürke (2010 *apud* SANTOS, 2018, p. 27) esclarece que a Europa, entre os séculos XIX e XX, buscou a purificação das línguas nacionais, por meio da censura de certos termos e formas de falar, a fim de buscar elevar o *status* do vernáculo local. Diante dessa visão preconceituosa da gíria, e em razão de ser um fenômeno produzido e reproduzido, principalmente, na oralidade, não há registros suficientes que possam garantir a data exata de seu aparecimento. No entanto, conforme defende Preti (1984, 2006 [2004]), ainda que não seja possível definir sua data exata de aparecimento, por ser um fenômeno social, sugere-se que ela seja tão antiga quanto a civilização. De acordo com Preti (2006 [2004]), os primeiros registros de gírias documentadas reportam-se às linguagens dos mascates, comerciantes ambulantes e de corporações criminosas, na Itália, por volta do século XV e em torno do século XVI, na Espanha e em Portugal.

Na França, os primeiros registros das gírias de grupo remetem à linguagem marginal ou aos mascates, que eram comerciantes na Idade Média, bem como nos versos de uma balada *argótica*<sup>32</sup> de um poeta popular, François de Villon, no final do século XV. Na Itália, no mesmo

---

<sup>32</sup> Um poema escrito com gírias francesas chamadas de *argot*.

século, são documentados os primeiros vocábulos gírios, relacionados aos dialetos da Península. Enquanto isso, na Espanha, nos registros, embora mais novos, aparecendo no século XVI, percebe-se a influência do argot francês. No mesmo século surgem os primeiros registros documentados em Portugal, a partir da obra de Gil Vicente, e da obra do de D. Francisco Manuel de Melo, poeta no século XVII, Feira de Anexins. Além desses registros, por volta da segunda metade do século XIX e início do século XX, foram elaborados e publicados estudos, ensaios, capítulos e dicionários, nos quais foram registrados vocábulos gírios, como obras de J. Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Queiroz Veloso, Alberto Bessa, Amílcar Ferreira de Castro e Albino Lapa. (PRETI, 2006 [2004]; LUFT, 2005).

No Brasil, assim como no mundo, não há como definir de forma exata a origem das gírias. Segundo Preti (2006 [2004]), a gíria no Brasil, diferente da Europa, onde teve influências de mascates e ciganos, está ligada diretamente à sociedade urbana. O autor completa que, antes do século XIX, há poucos registros de gírias no país, segundo ele as poucas gírias encontradas estão registradas na poesia satírica de Gregório de Matos Guerra, no século XVII, ainda que veja dificuldades em distinguir o vocabulário erótico e obsceno da gíria propriamente dita.

Com o crescimento das cidades brasileiras, no final do século XIX, precisamente o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, temos as marcas mais fortes da gíria no Português Brasileiro. O vocábulo gírio passa, então, a fazer parte da fala de grupos sociais e são retratados no teatro realista e na prosa dos romancistas do Naturalismo, como em Aluísio de Azevedo, no romance *O cortiço*, como podemos identificar abaixo:

Foi um forrobodó valente. A Rita Baiana essa noite estava de veia para a coisa; estava inspirada! divina! Nunca dançara com tanta graça e tamanha lubricidade! Também cantou. E cada verso que vinha da sua boca de mulata era um arrulhar choroso de pomba no cio. E o Firmo, bêbedo de volúpia, enroscava-se todo ao violão; e o violão e ele gemiam com o mesmo gosto, grunhindo, ganindo, miando, com todas as vozes de bichos sensuais, num desespero de luxúria que penetrava até ao tutano com línguas finíssimas de cobra (AZEVEDO, 2016 [1890], p. 119).

Mais tarde, com o início do século XX e as reformas realizadas na capital brasileira, aumentou de forma considerável a quantidade de veículos de imprensa, assim começaram a surgir retratos das gírias por meio das publicações. Entre essas publicações, Preti (2006 [2004]) destaca *O Coiô*, um jornal semanal que trazia uma diversidade de publicações, incluindo humor,



notícias e propagandas, expondo em seus textos, marcas de gírias, principalmente nas publicações de José Ângelo Vieira de Brito<sup>33</sup>.

Em 1903, surge na Biblioteca de *O Coió*, o *Dicionário Moderno*, no qual são registrados vocábulos populares da época, escrito por José Ângelo Vieira de Brito. Décadas depois, ainda no início do século XX, surgiram outros textos que, embora não falassem de forma direta sobre gírias, deixavam claro a sua existência na linguagem da época. Podemos encontrar, por exemplo, nas obras literárias, como na obra do romancista Lima Barreto, na qual a própria obra é intitulada com vocábulos da linguagem popular daquele período, *Os bruzundangas* (1923), vocábulo que poderia ter como sinônimo “confusões”, fazendo uma relação com a situação política do Brasil daquele momento (PRETI, 2006 [2004]).

No mesmo período, outro registro importante para os estudos gírios foi a obra de Raul Pederneiras, *Geringonça Carioca – verbetes para um dicionário de gíria*, publicada em 1922. Além disso, Petri escreve que

até o surgimento de *A gíria brasileira*, dicionário elaborado pelo filólogo Antenor Nascentes, em 1953, há trabalhos esparsos de recolha, alguns mais amplos, como o *Dicionário da gíria brasileira*, de Manuel Viotti (1945), depois reformulado, na 3ª edição para *Novo dicionário de gíria brasileira* (1957) e outros menores e mais específicos, em geral, referentes à gíria da polícia, dos marginais do crime ou da malandragem. Entre estes (às vezes, pequenos vocabulários em artigos e revistas), lembraremos as contribuições de Elísio de Carvalho (*Gíria dos gatunos cariocas*, 1912), Olinto Nogueira (*Tratado de polícia e detetive*, s/d), Antenor Nascentes (*O linguajar carioca em 1922*), Francisco da Silveira Bueno (*A gíria dos melfeitores*, 1948) e Cariolano Nogueira Cobra (*Linguajar de criminosos e policiais*, 1948) (PRETI, 2006 [2004] p. 75).

Preti (2006 [2004]) reconhece que essas obras não apresentavam um aprofundamento e preocupação com a lexicografia e demonstravam uma posição preconceituosa diante dessa variação linguística. Além disso, o autor ainda cita que a gíria também esteve presente na música, destacando Noel Rosa (1936), poeta e compositor, que, ao contrário da visão negativa esboçada diante dessa variação, deu valor as gírias, escrevendo-as na música “Não Tem Tradução”:

Lá no morro, se eu fizer uma falseta  
A Risoleta desiste logo do francês e do inglês  
A gíria que o nosso morro criou  
Bem cedo a cidade aceitou e usou  
[...]  
Tudo aquilo que o malandro pronuncia

---

<sup>33</sup> O autor utilizava do pseudônimo de Bock em suas publicações.

Com voz macia  
 É brasileiro,  
 Já passou de português  
 (Noel Rosa - “Não tem tradução”, 1936)  
 (PRETI, 2006, p. 75-76)

Com o êxodo rural<sup>34</sup> e conseqüente crescimento da população urbana brasileira a partir de 1960, houve também um grande aumento no uso de gírias nas grandes cidades. Com isso, a gíria começou a aparecer não somente na música popular, mas nas mídias, como no jornal impresso, na rádio e na televisão, aparecendo em propagandas, no teatro, em centros de diversão e em grupos de futebol e dança. Assim, Preti (2006 [2004], p. 76) exemplifica que “as casas de danças criaram seu vocabulário típico, às vezes, verdadeiros códigos fechados, em constante transformação”, para que, dessa forma, conservasse a originalidade ao passo que protegia o conteúdo do grupo.

Após esse período, vários outros trabalhos de linguistas brasileiros tiveram destacaram no estudo da gíria, como:

A linguagem da juventude (Rector, 1975), A gíria e outros temas (Preti, 1984a); A linguagem proibida (Preti, 1984b); Gíria: vulgarização de um signo de grupo? (Cabello, 1989); A fala dos jovens (Rector, 1994); A linguagem dos esportes de massa e a gíria do futebol (Feijó, 1994); A gíria da cidade grande (Preti, 1996); além dos dicionários, como Dicionário de gíria – gíria policial, gíria humorística, gíria dos marginais (Silva, s/d); Dicionário de expressões populares (Franco, s/d); Dicionário dos marginais (Tacla, 1968); Dicionário da gíria brasileira (Silva, 1973); Dicionário do palavrão e termos afins (Souto Maior, 1980); Dicionário de gíria – modismo lingüístico – o equipamentos falados do Brasil (Serra e Gurgel, 1990) (PRETI, 2006 [2004], p. 76).

Assim, em muitos desses trabalhos, como no caso dos estudos do linguista Preti (1984; 2006 [2004]) e da linguista e dialetóloga Cabello (1991), tem-se quebrado a visão preconceituosa das gírias. Isso porque, com o advento da Sociolinguística, as variedades linguísticas passaram a ser estudadas a partir de uma preocupação em demonstrar a importância dessa variação para o grupo e para a comunidade falante geral.

Com a ampliação dos estudos sobre gírias, essas passam a ocupar espaços nos Livros Didáticos. Nessa perspectiva, Matos (2014) argumenta que

alguns livros didáticos já tratam do assunto sem preconceitos, procurando mostrar aos estudantes da Educação Básica que as gírias existem e podem ser usadas em determinados contextos, a fim de se obter maior interação

---

<sup>34</sup> O êxodo rural é o nome que se dá ao processo de migração da população rural para a zona urbana.

comunicativa, como é o caso da obra de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, *Português – Linguagens* (2010), atualmente adotada em várias escolas das redes públicas e particulares de ensino brasileiras (MATOS, 2014, p. 47).

Além de a ciência começar a estudá-la com uma visão diferente, muitos vocábulos gírios ultrapassaram os limites dos grupos de origem, expandindo-se e fazendo parte do vernáculo popular. Preti (2006 [2004]) explica que isso se deve a rapidez que os meios de comunicação hoje são capazes de levar informações. Assim, levando em consideração as redes sociais que são utilizadas hoje no Brasil, de forma mais frequente e por um número grande de pessoas, desde as camadas mais abastadas a camadas desprestigiadas economicamente, podemos sugerir que os vocábulos gírios são inseridos no vernáculo popular de forma mais rápida, ao mesmo tempo que cobra de os grupos restritos acompanhar essa dinamicidade a fim de renovar seu vocabulário gírio, para manter a linguagem secreta e símbolo de sua originalidade (PRETI, 2006 [2004]). Por esse ângulo, Preti (2006 [2004]) escreve:

Soma-se a esses meios de propagação da gíria a internet que, com o advento das redes sociais, tem sido uma grande divulgadora dessa linguagem. Sem falar do ritmo funk, grande propagador da gíria, que tem ultrapassado a barreira das favelas e invadido a classe média, principalmente o público mais jovem, apesar do preconceito dos pais mais tradicionais (PRETI, 2006 [2004], p. 76).

Assim, diante dessa maior evidência do fenômeno gírio, apareceram mais estudos e dicionários com uma visão diversa da preconceituosa que era visto (PRETI, 2006 [2004]). No que diz respeito a estudos da gíria prisionais temos importantes trabalhos, como a dissertação *As gírias dos internos da FEBEM* (OLIVEIRA, 2006), de Maria Luciana Teles de Oliveira, orientada pelo Prof. Dr. Dino Preto, no curso de Pós Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a qual trouxe importantes contribuições quanto ao processo de formação da gíria a partir de figuras de linguagem; a dissertação “A língua dos ‘filhos errantes da sociedade’: Uma análise sociodiscursiva das gírias do sistema penitenciário do interior do Tocantins” (2014), de Solange Cavalcante de Matos, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Elizabeth Bortone, no curso de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, estudo que trouxe fortes contribuições na análise discursiva das gírias penitenciárias.

Diante disso, as pesquisas atuais sobre gírias concentram-se além da Dialectologia, a partir da Sociolinguística. Esses estudos, estuda o fato linguístico, assim como observa-o a

partir de interesses no fato social, como é o caso do nosso estudo, que busca contribuir para o entendimento da ocorrência desse fenômeno em uma comunidade de fala marginalizada.

### 2.2.2 A gíria no vernáculo do sistema prisional

Em nossa Seção 1, apresentamos uma justificativa a respeito do nosso interesse em estudar os vocábulos gírios das mulheres presas em um presídio baiano. Esse interesse, conforme explicamos, vem em razão do anseio de elucidar como esse fenômeno sociolinguístico se comporta em um presídio baiano e qual a sua relação com o cotidiano e identidade das presas e de seus interlocutores. Nosso interesse, além de linguístico, foi social, já que essas mulheres sofrem em razão de fazer parte de um grupo marginalizado e invisibilizado pela sociedade, cumprindo penas em situações desumanas, conforme exemplificaremos de forma mais detalhada na próxima seção. Assim, para responder aos primeiros questionamentos e sustentar parte das nossas hipóteses, buscamos pesquisas que falassem sobre o uso das gírias em ambiente prisional. Embora não tenhamos encontrado pesquisas realizadas especialmente com o *corpus* feminino, encontramos sobre a gíria prisional.

Como mencionamos nas subseções anteriores, a gíria é um vocabulário criptológico, ágil e com caráter identitário. Assim, enquanto variação linguística, podemos dizer que sua origem e formação está diretamente ligada à vivência do grupo na qual ela surge. Diante disso, como explica Preti (1984), é uma forma de linguagem importante e que na maioria dos casos surge dentro de grupos marginalizados<sup>35</sup>, ou seja, grupos preteridos e/ou isolados pela sociedade de alguma forma.

Nessa perspectiva, podemos dizer que o ambiente prisional, chamado por Thompson (2002), citando Sparks (1975), de *sociedade dentro da sociedade*, por constituir-se uma sociedade marginalizada e formada por um grupo que foi/vai contra os “valores da sociedade”, é uma *anti-society* (anti-sociedade), e, logo, essa linguagem especial, as gírias, podem ser chamadas de *anti-language* (anti-linguagem)<sup>36</sup>, como cita o linguista Halliday (1976). Segundo o autor (HALLIDAY, 1976), uma anti-linguagem serve para criar e manter a estrutura social

---

<sup>35</sup> Mas não devemos manter a visão de que é uma variação presente somente nesses grupos relacionados a crime, já que a literatura comprova que a gíria é uma forma de linguagem presente em nosso cotidiano.

<sup>36</sup> Utilizamos os termos anti-língua e anti-linguagem, mas observamos que a gíria não é uma língua, mas sim um vocabulário, já que não tem sintaxe, então partimos da explicação de que uma anti-língua no sentido de uma forma de linguagem elaborada dentro de um grupo marginalizado, ou também chamado por Halliday, de anti-sociedade, com o pretexto de proteger o conteúdo falado e estruturar sua originalidade, não constituindo uma nova língua, senão apenas inserindo léxicos em seu vernáculo.

por meio da comunicação, da mesma forma que uma linguagem cotidiana, no entanto, essa estrutura social é diferente. Assim, Halliday (1976) justifica que essas línguas especiais, podemos dizer, como a gíria, ganha um caráter metafórico, aparecendo esses padrões nos níveis fonológico, léxico e semântico.

Além disso, o linguista britânico completa que o estudo dessas antilínguas, considerando-as como uma forma de variação, nos oferece *insights*<sup>37</sup> a respeito da relação linguagem e estrutura social, assim, nesse mesmo viés, Preti (1984, p.19) também concorda, citando que "estudá-las significa penetrar também nas estruturas sociais dos grupos que a usam". Assim, reforçamos a certeza de que a gíria constitui um fenômeno inteiramente sociolinguístico e natural da língua.

Dessa forma, inserido no vernáculo do grupo, o vocábulo gírio ocupa-se de ser uma forma de linguagem restrita que atenderá às necessidades linguísticas daquele grupo. Nesse sentido, pesquisadores, como a linguista Beier (*apud* BÜRKE e PORTER, 1997) afirma que as gírias criminais eram evidentes durante interrogatórios jurídicos e, em razão de ser uma linguagem secreta, dificultava o entendimento por parte das autoridades jurídicas e policiais. Nesse viés, Preti (1984, p.3) atesta que a gíria surge como domínio unicamente da comunidade de fala restrita, inicialmente secreta e, dessa forma "a linguagem servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de autoafirmação".

Assim, a gíria cumpre o papel de recurso expressivo para grupos marginalizados e oprimidos, com a função de suprir seu vocabulário e exprimir suas insatisfações ocasionadas pela situação social. Diante disso, complementamos nossa afirmação com a fala de Preti (1984), que escreve que,

apesar desse processo de interação, porém, tudo leva a crer que o vocabulário marginal se revela um dos únicos meios de identificação e realização pessoal do detento que, através dele, ainda pode opor certa resistência à inevitável desagregação de sua personalidade, decorrente da própria organização carcerária (PRETI, 1984, p. 25).

E, dessa forma, a gíria assume o propósito de simultaneamente ser recurso expressivo de defesa e de resistência contra o processo de despersonalização sofrido ao ser colocado em situação de privação de liberdade (1984). Nesse viés, tomando como fonte Biondelli (1846), Ferrero (1972) sugere que, em todas as civilizações, grupos marginalizados e/ou tidos como

---

<sup>37</sup> É um acontecimento cognitivo, que pode ter como sinônimo as palavras compreensão ou percepção.

merecedores de pena, criavam suas línguas secretas a fim de serem compreendidos apenas por seus membros, e assim, pudessem fugir da vigilância pública e manter o conteúdo falado pelo grupo criptografado.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que, em ambientes prisionais, como na comunidade de fala que realizamos nosso estudo, a gíria pode ser utilizada como uma defesa contra o sistema que priva a liberdade do indivíduo e mortifica sua identidade. Dessa forma, essa linguagem ocupa-se de isolá-los da conveniência do grupo e proteger seu conteúdo falado, estabelecendo uma regra linguística entre os componentes do grupo, nesse caso, as pessoas que se encontram em situação semelhante de privação de liberdade.

Nesse sentido, Preti (1984) alude que é possível observar que as gírias do grupo prisional demonstram marcas do cotidiano no ambiente carcerário, marcado por insatisfações, precariedades, mágoas, conflitos e injustiças. Diante disso, Preti (1984, p. 25) reflete que “a visão trágica da vida na prisão e da condição de prisioneiro são ressaltadas pelo metaforismo gírio que expressa, não raro, o desprezo do homem pela sua própria condição de preso, subestimando-se e subestimando o grupo que o segrega”. Ademais, ocupando-se de transformar a comunicação sigilosa dentro do presídio, bem como de (re)construir a identidade da pessoa presa e garantir-lhe originalidade, a gíria é um recurso expressivo importante para o indivíduo encarcerado, já que, “a anti-linguagem é o veículo dessa ressocialização” (HALLIDAY, 1976, p. 575). Assim, a gíria prisional assume um lugar de reconstrução da identidade e resposta da comunidade linguística que está nessa situação de cárcere.

A gíria no ambiente prisional, pelo lugar ser tão específico e as pessoas que ali estão inseridas, estarem, geralmente, contra sua vontade, ou seja, torna-se parte de um grupo de forma arbitrária, a forma de adesão da língua pode ocorrer de forma diferente de outros grupos. Preti (2006 [2004]), refletindo sobre essa questão, traz que

a gíria pode vir a ser um verdadeiro “signo de adesão” (Guiraud, P.1966:104), no momento em que o falante concorda em aprender seu significado, condição indispensável para que venha a pertencer oficialmente ao grupo. Assim, em contextos fechados como as penitenciárias, onde comumente ocorre a formação de grupos, os novos detentos, antes de serem aceitos no grupo, são submetidos, às vezes, a um aprendizado, que consiste na decoração de listas de vocábulos ou histórias cifradas com vocabulário secreto, que lhes servirão de código nas interações dentro do presídio. É o caso, por exemplo, da linguagem da máfia, na Itália. (Ferrero, E., 1972:289). Uma vez iniciados na gíria do grupo a que desejam pertencer, esse vocabulário será sua senha e seu código linguístico de segurança (PRETI, 2006 [2004], p. 90).

Conforme apresentamos e, assim, compreendemos nas subseções anteriores, a gíria é um recurso linguístico utilizado, principalmente por grupos preteridos pela sociedade, enquanto como forma de firmar sua identidade e seu sentimento de pertencimento (FLEXNER, 1967). Nessa perspectiva, em razão do caótico cotidiano em que as pessoas encarceradas estão inseridas, provoca o surgimento dessas gírias, pois “um código restrito pode surgir em qualquer ponto da sociedade em que as condições prévias requeridas foram preenchidas” (OLIVEIRA, 2006, p. 24). Assim, a variação linguística será de interesse do grupo, com a produção lexical, criptografando a linguagem produzida e utilizada pelo grupo.

Diante desse cenário de surgimento da gíria em ambiente prisional, encontram-se as mulheres, que, como já demonstramos na seção, utilizam de estratégias como forma de resistência ao processo de despersonalização sofrido no interior das penitenciárias, e uma dessas encontra-se na linguagem. Nessa perspectiva, sugerimos, conforme indicamos em nossas hipóteses, que essa linguagem gíria era utilizada por essas mulheres a fim de promover a construção da identidade do grupo, proteção de suas falas e (re)afirmação de sua identidade pessoal.

Em síntese, podemos concluir que a gíria se configura como um elemento linguístico de interesse das comunidades de fala em situação de cárcere, constituindo não só um recurso expressivo, como também uma forma de se tornar pertencente a um grupo. Podemos concluir que a utilização desses vocábulos demonstra, conforme os estudos de Preti (1984; 2006 [2005]), demonstram o contexto sociocultural em que as falantes estão inseridas, refletindo, muitas vezes, marcas do submundo das prisões.

### ***2.2.3 O processo de formação da gíria: metáfora como recurso criptografador***

Ao observamos as subseções anteriores e notarmos os exemplos, podemos já pressupor que a gíria tem uma certa ligação com a metáfora, e mais que isso, quando citamos a partir de Preti (2006 [2004]) que as gírias vêm de um processo de metaforização, pudemos perceber que há uma estreita relação entre metáfora e gíria, e que aquela é uma das responsáveis por tornar as gírias secretas. Halliday (1976), ao falar das anti-línguas, das línguas do submundo, como ele cita, esclarece que a metáfora não é um fenômeno específico dessas línguas, mas admite que é um elemento muito presente e importante para a formação desses vocábulos especiais, como o caso das gírias de grupo, já que, com a expressão metafórica, o indivíduo torna o texto falado incompreensível para aqueles que não pertencem ao grupo de origem. Dessa forma,

reafirmamos que a gíria se comporta como um recurso expressivo fundamental nessas variações.

Preti (2006 [2004]) parte desse mesmo viés, detalhando ainda que a gíria, muitas vezes, nasce de um vocabulário comum, existente no idioma, mas que sofreu mudanças semânticas, ou seja, alterações em seu significado, transformando, dessa forma, o texto em que a gíria está presente em um “um jogo de adivinhação, para os não iniciados”. Podemos comprovar essa afirmação observando um diálogo entre dois detentos da Casa de Detenção de São Paulo, trazido por Preti (2006 [2004]):

- Oi, meu!
- Oi! Que é que há? Alguma lança quente pra nós?
- Tenho duas, basta ficar na campana. O que falta é as turbinas pra render os loques.
- Máquina é fácil de arrumar. Basta pular no gogó de um mico e pronto: estamos maquinados.
- Nada de micos, vamos de mão grande num napo de firma. Eles sempre têm fogo na cinta.
- Escute, meu: a lança é caxanga, espianto ou mão grande. Precisa ver se o serviço é limpo e não dá tira ou se a barra é suja.
- É mole, meu, só tem parwana e mina na jogada. (PRETI, 2006 [2004], p. 90).

Verificamos que, nesse diálogo, apresentado por Preti (2006[2004]), realizado por duas pessoas detidas da Casa de Detenção de São Paulo, a pedido do pesquisador, há a presença da naturalidade de como o diálogo é processado, no entanto, para uma pessoa fora do grupo, no caso, o pesquisador, o diálogo se torna em grande parte e, quiçá, totalmente incompreensível. Assim, somente os membros daquela comunidade de fala em específico vão conseguir compreender o que foi dito, pois não há muitas possibilidades de inferências ou sugestões do que foi dito.

A respeito do uso de metáforas, a linguista Mattiello (2005) escreve que a gíria, por meio do processo de metaforização, enriquece a linguagem com novos significados extras aos léxicos. Segundo a autora, a maioria desses novos sentidos são encaixados em uma linguagem figurativa, como “*diamante* é algo 'maravilhoso' por excelência, veneno é o nome metafórico de 'álcool' e mau ironicamente significa 'bom'” (MATTIELLO, 2005, p. 18, tradução nossa). Além desses exemplos, que, mais adiante iremos retomar e justificar enquanto processo de metaforização conceitual, a pesquisadora ainda cita palavras, como “*galinha* (uma gíria curiosa para 'um jovem') e *peixe* (peculiarmente significa 'uma mulher')” (MATTIELLO, 2005, p. 18, tradução nossa) que, segundo ela, são adicionados significados de forma arbitrária, já que ela



não vê relações como nos exemplos do período anterior.<sup>38</sup> Compreendemos que as gírias em nossa pesquisa, a rigor, sejam icônicas, isto é, motivadas. No entanto, à medida que se afastam do contexto e época de produção e, assim, se distanciam da sua história, tornam-se arbitrárias para os que dela fazem uso. Defendemos, a partir da teoria a que nos filiamos, que exista uma iconicidade branda<sup>39</sup>.

Assim, as metáforas constituem recursos comuns na produção das gírias (PRETI, 1984). Diante disso, podemos citar os achados metafóricos nas gírias dos internos da FEBEM, por Oliveira (2006, p. 34 - 35): “pé de pato”, para indicar assassino de ladrão; “mão branca”, para referir-se a policial; “dedeira”, para indicar anel; “mil grau”, para referir-se a algo muito bom; praia, para indicar o local entre as beliches dos dormitórios; “ficar de Jesus Cristo”, que é a posição como Cristo na cruz para receber tortura dos internos, como forma de punição; “gato”, que se refere a pênis; “galinhar”, que se refere a “brincar”; entre outras criações metafóricas que a autora classifica em metáforas humorísticas, referentes a animais, espaços e as sensitivas.

Complementamos que a criação gíria está ligada a essas criações metafóricas, que, além de tornar a linguagem secreta, traz eufemismos para o discurso, como “dezoito<sup>40</sup>” para nomear o agente penitenciário, ou sátiras e humor, como “churrasqueira<sup>41</sup>” para indicar a grade acima do pátio interno do presídio.

Assim, a metáfora, além de constituir um recurso estético para a criação poética, sempre esteve presente na criação dos vocábulos gírios. Uma das definições de metáforas mais antigas foi a do filósofo Aristóteles, por volta do século IV a.C, que a descreveu como um léxico utilizado para denominar outro. Nesse sentido, etimologicamente a palavra advém do grego *metapherein*, formada por *meta*, que significa mudança e por *pherein* que significa carregar.

---

<sup>38</sup> *Second, slang enriches the language with novel meanings. It is likely to establish new extra senses, most of which derive from figurative language: for example, diamond is something 'wonderful' par excellence, poison is the metaphoric name for 'alcohol', and bad ironically means 'good'. Sometimes an additional sense is more arbitrarily given to the standard words: therefore, chicken is a curious slang name for 'a young person', and fish peculiarly stands for 'a woman' (MATTIELLO, 2005, p. 18).*

<sup>39</sup> A iconicidade é um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana. Trata-se de uma relação natural entre o código lingüístico e o seu designatum”. (NEVES, 1997) “O princípio da iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código lingüístico (expressão) e seu significado (conteúdo)”. (CUNHA, In: Martelotta: 2008) “Por hipótese, tudo o que, em determinado estágio de mudança, é icônico e transparente, será ou tenderá a ser, um dia, opaco e aparentemente arbitrário. (VOTRE *apud* ABREU, 2000)

<sup>40</sup> Com relação ao vocábulo “dezoito”, notamos que se trata de uma metáfora carregada de eufemismo, pois os reeducandos recriam o significado da metáfora zoomórfica “porco” para designar o agente penitenciário, transferindo a este as características negativas de um animal (MATOS, 2014, p-. 123).

<sup>41</sup> churrasqueira – grade que cobre o pátio interno, onde os presos tomam banho de sol (OLIVEIRA, 2006, p. 46).

Segundo Sardinha (2007), a teoria tradicional trata dos estudos da metáfora descrevendo-a como uma figura de linguagem com função de embelezar o texto, ganhando até o nome de figura de estilo. No entanto, o próprio autor argumenta que a metáfora está sendo usada e estudada a partir de outras perspectivas, como no ensino de cursos de oratória, como forma de melhorar o poder de convencimento no processo de comunicação. Cançado (2012) também escreve sobre a metáfora, afirmando que ela é muito comum em textos publicitários, jornalísticos e até na linguagem popular.

Entretanto, a metáfora é mais que uma figura de linguagem utilizado para embelezar ou melhorar a produção textual, segundo Lakoff e Johnson (2002), ela configura-se como um processo cognitivo ligado ao sistema conceitual do ser humano, e está associada ao desenvolvimento da capacidade interpretativa do interlocutor. Os autores criaram a teoria da metáfora conceptual, na qual a metáfora representa uma peça convencional para conceituar um domínio em termos de significado ou experiência de outro, geralmente de forma espontâneo (LAKOFF; JOHNSON, 2002), como o exemplo da gíria trazida por Mattiello (2005) *diamante* para indicar algo maravilhoso, no caso a metáfora *diamante* fornece o conceito de maravilhoso a algo que ele estiver referindo. Diante disso, podemos concluir que as metáforas, geralmente, apresentam regras de origem, ou seja, uma sistematização e não surgem aleatoriamente.

A partir dessas afirmações de Lakoff e Johnson (2002), podemos concluir que as metáforas são culturais, ou seja, elas comportam-se como o reflexo da ideologia e cultura de determinado grupo (SARDINHA, 2007), como exemplo: “a cela é expressa, entre outras, pelo vocábulo *jaula*, que apresenta o sema não humano; *camburão*, vaso em que os presos, durante a faxina, transportam resíduos fecais, é empregado para carro de transporte de presos” (PRETI, 1984, p. 90). Dessa forma, nesse caso das gírias prisionais, percebemos que é refletido o cotidiano das encarceradas e a ideologia adotada por eles diante do caos carcerário, na produção das metáforas, nesse caso, classificadas como gírias.

Diante disso, para que haja um entendimento, como observamos no diálogo trazido por Preti (2006 [2004]), realizado por internos da Casa de Detenção de São Paulo, é necessário que tanto o locutor quanto o interlocutor façam parte do mesmo grupo, ou sejam inseridos de alguma forma naquela realidade linguística e social, como por exemplo, os policiais carcerários e demais funcionários do presídio.

Assim como em Preti (1984; 2006 [2004]), chegamos ao entendimento a partir da leitura e interpretação de Mattiello (2005) e Halliday (1976), que a gíria, enquanto formação metafórica, carrega um caráter criptográfico, e serve de linguagem secreta para a proteção do conteúdo dos indivíduos do grupo falante diante das pessoas externas a ele. Uma das hipóteses

que Oliveira (2006) traz é de que essa metáfora, como símbolo de autoproteção intelectual desse grupo restrito, representa duas tendências: uma de inibir algo que é considerado tabu, como por exemplo, assuntos relacionados a sexualidade e a drogas, e a outra, de tornar possível a comunicação linguística.

Em síntese, a metáfora atua no processo de formação das gírias cumprindo a função de criptografar a linguagem, representando, em seus conceitos, o reflexo sociocultural do ambiente prisional, constituindo um processo cognitivo linguístico de seus criadores e usuários. Diante disso, conforme percebemos em Preti (1984), é uma dimensão importante para a análise do nosso objeto de estudo, os vocábulos gírios das internas de um presídio baiano.

## **2.4 Síntese da Seção 2**

Na presente seção, apresentamos a Sociolinguística como referencial teórico que foi utilizado para a realização das análises produzidas nesta pesquisa. Para tanto, a princípio, percorremos desde os estudos de Labov sobre Teoria e Variação Linguística, para compreendermos a língua enquanto fenômeno heterogêneo, a novos estudos que captam variantes de estilo.

Assim, inicialmente, demonstramos as contribuições essenciais de Labov para a pesquisa da língua como fenômeno heterogêneo, marcada pela presença de variações diacrônicas e sincrônicas, introduzindo a gíria como uma variação diastrática. Em seguida, apresentamos a respeito do processo de interação na criação e disseminação dessa variação como um recurso importante no processo de (re)construção da identidade do grupo.

Logo após, para complementar o entendimento a respeito do uso dessas variações linguísticas, observamos os ditames pontuados a partir de uma perspectiva estilística. Dessa forma, ao observar o uso dessa variação na comunidade de prática, a qual, na nossa pesquisa, é composta por um grupo diverso, formado compulsoriamente, obtivemos subsídios para o próximo ponto, a saber: as questões de prestígio e estigmatização e o que leva ao preconceito linguístico.

Após a exposição da variação a partir das ondas Sociolinguísticas, apresentamos os conceitos de prestígio e estigmatização, elencando que o valor de uma variação pode ser mutável a depender de onde se fala, ou seja, a mesma variação pode ser de prestígio ou de estigma. Assim, deduzimos que a gíria pode ser de prestígio dentro do grupo de prática, enquanto pode ser vista pelo mesmo falante sob uma perspectiva estigmatizada, fazendo com que ele possa não escolher utilizar a variação em outras comunidades de prática e de fala.

Todo esse conjunto, nós fechamos com a apresentação das Gírias de Grupo, que assumem a função de uma variação que faz parte da construção da identidade da comunidade de prática encarcerada, e que podem ser um elemento de autoproteção e autoafirmação do grupo. Assim, formada a partir do processo de metaforização na interação, a Gíria de Grupo pode ser prestigiosa para a comunidade de prática, de forma interna, enquanto para os mesmos falantes, pode ser vista como estigma, a partir do momento em que é pensada em ser falada externamente ao grupo.

Diante disso, *navegando* pelas ondas sociolinguísticas, pretendemos fazer uma análise da gíria de grupo presente em uma comunidade de fala estigmatizada e invisibilizada pela sociedade. Para tanto, utilizamos entrevistas sociolinguísticas como amostra da nossa pesquisa para captarmos vocábulos gírios e os analisarmos a partir da abordagem qualitativa, a fim de respondermos aos nossos questionamentos, conforme descreveremos na próxima seção.

### 3 “TIRANDO POR ONDAS”: CAMINHOS METODOLÓGICOS

Optamos por introduzir esta seção justificando o título utilizado para nomeá-la. Dessa forma, “Tirar” na linguagem gíria da comunidade de fala eleita, como veremos na próxima seção, refere-se ao cumprimento da pena ou da prisão, geralmente vindo acompanhado de um complemento na construção da oração. Assim, utilizamos a analogia, não de forma negativa e esvaziada de sentido, mas como o propósito de indicar que não foi uma situação. O uso do “por ondas”, por sua vez, representa as ondas sociolinguísticas que foram necessárias para realização da análise, como também as ondas da Covid-19<sup>42</sup>, doença que ceifou milhões de vidas no mundo, e que foi um grande obstáculo para a realização da pesquisa.

Nesta seção, nos dedicamos à apresentação dos caminhos metodológicos que percorremos para realizar a presente investigação. Na primeira subseção, intitulada *3.1 Abordagem qualitativa*, dedicamos a fazer uma ligação entre os pressupostos teóricos, expostos na seção anterior, com a abordagem metodológica adotada para a coleta e análise do objeto de pesquisa. Em seguida, na subseção *3.2 Desafios da pesquisa de campo*; na terceira e última subseção, *3.3 Caracterização da comunidade de prática estudada*, iremos trazer as informações a respeito de onde foi realizada a pesquisa, bem como informações a respeito do grupo estudado. Assim, a subseção será composta por: *3.3.1 Entrevista Sociolinguística* e *3.3.2 Perfil social das participantes*. E por último, para finalizar esta seção, sintetizamos o que foi apresentado.

#### 3.1 Abordagem qualitativa

Conforme abordamos na seção teórica e na introdução desta seção, iremos analisar o nosso objeto de estudo percorrendo três ondas sociolinguísticas. Nesse sentido, considerando que, para responder aos nossos questionamentos e cumprir nossos objetivos, devemos nos ater aos termos metodológicos da terceira onda, como aspectos sociais, culturais e sociopessoais, como ideologia e identidade, elegemos a abordagem qualitativa. Segundo Bragança (2017, p. 248), esses aspectos devem ser investigados “prioritariamente de forma qualitativa e no âmbito dos sistemas sociais e culturais”. O presente estudo é norteado pelo método qualitativo, uma

---

<sup>42</sup> O termo ondas para se referir a um momento da pandemia foi emprestado do conceito de ondas da física e utilizado nos momentos em que o número de pessoas testadas como positivo para a doença ou que morriam em decorrência da doença subiam de forma elevada, aumentando a curva nos gráficos de análise.

vez que demonstra ser direção mais produtiva quando nos dedicamos a responder questionamentos a respeito das variações presentes no vernáculo das mulheres encarceradas.

Nessa perspectiva, complementamos que, por se tratar de um fenômeno multidimensional complexo, cujo uso é implicado por fatores externos, internos e contextuais, a análise cobra a observação da qualidade da interação, atentando-se aos diversos contextos sociais (HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2019, p. 12). Ou seja, levando em consideração esses fatores, “o significado social da variação linguística se localiza no padrão qualitativo da variação estilística na interação e não no padrão quantitativo da variação linguístico-social do grupo” (SCHILLING, 2013, p. 339 *apud* LACERDA, MANHÃES, JESUS, 2022, P. 102). Dessa forma, requerendo um método que atenda às nuances do objeto de estudo.

Nesse sentido, a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, em um contexto natural, ou que promova a naturalização, é fundamental para a coleta de dados da comunidade estudada. Assim, nesta análise qualitativa, não há preocupação com dados estatísticos, mas comportamental, pois “importa o que o pesquisador observou e aprendeu em determinado grupo social” (LOPES, 2003, p. 34). A partir disso, a investigação qualitativa oferece várias formas de estudo, como a etnografia.

Assim, no presente estudo, optamos por realizar a análise qualitativa a partir da pesquisa numa perspectiva etnográfica, com a utilização da entrevista sociolinguística (Labov, 2008 [1972]). A pesquisa etnográfica não está ligada somente à análise quantitativa, mas também é de grande importância para análise qualitativa, uma vez que, por meio dela, no nosso caso, pela entrevista, é possível observar os aspectos sociais, culturais e estilísticos de um grupo. Assim, conciliamos a pesquisa etnográfica, na modalidade entrevista, para a realização da investigação da comunidade de prática escolhida.

Por esse viés, segundo Valle e Gürski (2014), a entrevista é um gênero comunicativo que, na Sociolinguística, configura-se como uma forma de gerar dados linguísticos para a observação da língua em uso em uma comunidade. Nesse sentido, as autoras, citando o artigo *Field methods of the Project on Linguistic Change and Variation*, de Labov (1984), trazem os dez objetivos principais da pesquisa sociolinguística, conforme demonstramos a seguir:

- 1) gravar com razoável fidelidade uma a duas horas de entrevista; 2) obter o maior número possível de dados do informante (idade, ocupação, relações familiares etc.); 3) obter respostas comparáveis a questões polêmicas e a questões de interesse em várias culturas (risco de vida, preconceito racial pessoal (para chegar mais próximo do vernáculo). 5) promover a interação entre as pessoas no momento da gravação e registrar também os dados não direcionados ao entrevistador; 6) usar os tópicos que mais interessam ao

entrevistado para fazê-lo falar mais espontaneamente; 7) traçar o padrão da comunidade e estabelecer o lugar do falante nela; 8) descobrir julgamentos/attitudes do falante sobre questões linguísticas; 9) obter informações específicas sobre certas estruturas ou formas através de momentos de leitura de textos e de lista de palavras; 10) realizar experimentos para verificar a percepção e avaliação do falante em relação a certos fenômenos (pares mínimos, testes de reação subjetiva etc.) (VALLE E GÜRSKI, 2014, p. 95).

Nessa perspectiva, podemos seguir os passos para realizar uma entrevista bem sucedida, no entanto, Labov (2008 [1972]), considerando os resultados de suas pesquisas, alerta que o *paradoxo do observador* consiste em um fator que pode interferir nas pesquisas. Segundo o teórico (LABOV, 2008 [1972]), o *paradoxo do observador* refere-se à presença do entrevistador observador como um ponto negativo na captação do vernáculo mais próximo ao mais natural das participantes. E não é um problema que irá repercutir apenas nas análises quantitativas, mas também qualitativas, em razão da busca do vernáculo da comunidade de prática.

Assim, uma forma indicada para superar esse problema é a participação do pesquisador “diretamente da interação”, conforme destaca Tarallo (1986, p. 21). Assim, é necessário que a entrevista seja guiada por um roteiro em que apresenta tópicos que provoque no entrevistado memórias, emoções, com narrativas de cunho pessoal (VALLE; GÜRSKI, 2014). Nesse sentido, o entrevistador deve:

a) desviar a atenção do falante, interrompendo o fluxo da entrevista em momentos bem definidos, dando a impressão de que aquele momento não fazia parte da entrevista (situações em que o falante atendia ao telefone ou falava com outras pessoas, por exemplo); b) fazer perguntas que envolvesse emocionalmente o falante (módulo do risco de morte); c) valorizar os momentos conhecidos como tangente, em que o entrevistado propusesse novos tópicos ou retomasse tópicos já tratados que fossem de seu interesse (VALLE; GÜRSKI, 2014, p. 99).

Diante disso, Labov (2010 [1994]), em sua obra *Principles of Linguistic Change*, traz um amadurecimento maior para a entrevista sociolinguística, reforçando a interação entre entrevistador e entrevistado como crucial para que ela seja bem sucedida. O teórico ressalta que as trocas entre os participantes, como o envolvimento emocional, tendem a produzir entrevistas com longa duração e muita espontaneidade.

Segundo Bell (1984), essa mudança de estilo está ligada à maneira que o falante modifica a forma de falar de acordo com os recursos disponíveis em seu vernáculo, respondendo a diversas audiências (BELL, 1984). Assim, cabe ao entrevistador dar uma

margem mais discursiva à entrevista. A mudança de estilo, conforme conclui Freitag (2014) citando Schilling-Estes (2007), se deve a fatores externos e internos do falante, como sua posição no grupo social, seus valores sociais e ideológicos. Diante disso, as autoras ainda alertam que a entrevista sociolinguística deve estar a par de um caráter mais discursivo para que capte as especificidades de estilo, levando em consideração o perfil socio pessoal das participantes e o contexto, nosso foco nesta pesquisa.

Em razão dessa preocupação e desse objetivo, elegemos a entrevista para a análise qualitativa, trazendo a análise, não apenas de cunho variacional e interacional, mas também estilístico para as variações da comunidade de prática estudada. Assim, conforme segue o esquema a seguir, a nossa metodologia está formada.

### **3.2 Desafios da pesquisa de campo**

Conforme anunciamos no início deste trabalho, e complementaremos aqui, houve desafios para a realização da pesquisa, principalmente quando se trata da coleta de dados. Um dos passos para a realização da nossa análise era a coleta de dados no Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, de Vitória da Conquista, BA, por meio de entrevistas sociolinguísticas, conforme detalharemos mais adiante.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB, a intenção era de realizar uma pesquisa com as mulheres presas em Vitória da Conquista, programando, conforme o plano de trabalho, a realização de entrevistas sociolinguísticas já no início do período letivo, em março de 2021. No entanto, o fato de ser um estabelecimento prisional, tornou impossível, por um período de tempo, a realização da pesquisa, uma vez que havia decretos que impediam a visita aos presos como forma de contenção da disseminação do vírus da Covid-19<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> No ano de 2020 o mundo se deparou com a maior crise sanitária dos últimos cem anos, desde a gripe espanhola. De forma rápida e silenciosa, o vírus SARS-CoV-2, também conhecido como coronavírus, se alastrou por todo o planeta, colapsando sistemas de saúde, desestruturando sociedades e ceifando milhares de vidas. Com o vírus da covid-19 originado em Wuham, na China, em 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 28 de janeiro de 2020, que, a partir dessa data, haveria um alto risco do vírus ocasionar uma epidemia pelo mundo. Contudo, em 11 de março de 2020, a OMS subiu o grau da ameaça do coronavírus, declarando estado de pandemia. Após esse alerta, até que fosse encontrado um tratamento/vacinação para combater essa nova doença, o epicentro de casos registrados rapidamente saiu do continente asiático, alastrando-se por toda a Europa e América e gerando caos. Por conseguinte, conforme os casos iam aumentando, o medo e o desespero também tomavam conta da população, assim como a disseminação de informações falsas por meio da incessante busca por uma fuga/uma cura para o cenário caótico que a pandemia proporcionou. Nesse ambiente de temor e de busca por uma solução, teorias da conspiração sobre o real motivo do surgimento da doença, medicações



Assim, a pesquisa, que continha dados colhidos ainda em caráter de Iniciação Científica, em dezembro de 2019 e janeiro de 2020, teve que ser pausada, já que a recomendação e, muitas vezes, obrigação era de distanciamento social. Diante disso, com as ondas<sup>44</sup> da Covid-19 aumentando os números de infectados e mortos, mesmo com a vacinação, só foi possível a realização de novas coletas de dados em setembro de 2022, após tentativas de realização, sendo negada em cumprimento a Decreto Estadual.

A obtenção da autorização para coleta de dados foi um processo simples. A administração do presídio, bem como os policiais carcerários e assistentes sociais apoiaram a realização da pesquisa. Assim, foram feitas as entrevistas, no entanto, existia a limitação de horários, devido às regras do presídio, o que provocou a realização de algumas entrevistas

---

miraculosas sem comprovação científica de eficácia e, até a negação ao poder mortífero do coronavírus foram propagandeados perante a população como forma de supostamente evitar a sensação de medo nas pessoas e, conseqüentemente, uma crise político-econômica. No entanto, enquanto isso ocorria, vidas eram perdidas. No Brasil, esse cenário devastador não foi diferente. Em 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso foi confirmado no país. No dia 12 de março de 2020, a primeira morte em terras brasileiras foi constatada. Com o número de casos aumentando, em 18 de março de 2020, por meio do Projeto de Decreto Legislativo (PDL) 88/20 (BRASIL, 2020), foi reconhecido o estado de calamidade pública no país, o que ocasionaria mais tarde o uso obrigatório de máscaras e o isolamento social obrigatório, *lockdown*, por todo o território nacional como forma de tentar controlar a disseminação do vírus. Conforme o país ia se enclausurando para o combate ao vírus da Covid-19, as ações que visavam (re)negar a nova doença tiveram uma grande representação no líder do executivo, o então presidente Jair Messias Bolsonaro. Apesar dos alarmantes números de infectados e mortos, em 16 de abril de 2020, o presidente da república decidiu exonerar o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, que, diferentemente do que Bolsonaro pregava, era contrário ao uso de medicações sem eficácia comprovada e defendia o isolamento social. Após esse episódio e com novos recordes de mortos sendo batidos a cada dia que passava, o presidente anunciou Nelson Teich como novo ministro da saúde, que pediu demissão após um mês à frente do cargo. Durante o período que coordenou a saúde brasileira, Teich também foi contrário aos discursos do presidente, defendendo o isolamento social naquele momento e criticando o uso de medicações como a Cloroquina para o combate do vírus. Em seguida ao desligamento de Teich, o presidente anunciou o general Eduardo Pazuello, que não possuía experiência e formação na área de saúde, para o cargo do Ministério da Saúde. Durante os nove meses à frente ao ministério, Pazuello protocolou diretrizes para o uso de medicações sem eficácia comprovada - hidroxicloroquina e ivermectina, por exemplo-, além de se envolver em denúncias de negligência para a aquisição de vacinas e para o fornecimento de oxigênio para hospitais. Após os escândalos e crises para a compra de vacinas e início da imunização, em 17 de janeiro de 2021, deu-se início a vacinação em São Paulo, por meio da vacina Coronavac (BITAR, 2022). Seguidamente, conforme a vacinação foi se difundindo pelo Brasil, os números de contaminados e de mortos foram diminuindo no país e todas as restrições anteriormente impostas foram sendo flexibilizadas. Dessa forma, conforme a crise do coronavírus foi se estabilizando, o convívio social foi sendo retomado. Contudo, infelizmente, até o momento, restam os números de pessoas que nos deixaram durante essa crise: 687 mil mortes no Brasil e 6 milhões e 56 mil mortos por todo o mundo.

<sup>44</sup> O conceito físico de onda passou a ser aplicado para contextualizar o comportamento da pandemia. Segundo os especialistas, o termo não tem como embasamento critérios científicos estabelecidos no campo da epidemiologia, mas está relacionado principalmente ao aumento acentuado no número de casos (CNN Brasil, 2021, np)

longas e outras mais curtas, o que não apresenta um problema na nossa análise qualitativa, mas representou um obstáculo na coleta mais efetiva de dados.

Outro obstáculo foi a realização das últimas entrevistas, as quais foram efetuadas em um ambiente diverso, conforme explicaremos na próxima subseção, mas que pode não ter promovido uma fala natural das falantes em razão da observação, ainda que de longe, da líder do grupo. Assim, além dos obstáculos criados pelas nossas limitações humanas, a pesquisa passou por obstáculos que foram superados, mas que representaram desafios para a condução da pesquisa.

### 3.3 Caracterização da Comunidade de prática

[...] as mulas por exemplo, pelo menos as histórias que eu ouvi, tinha necessidade, mãe solteira, e precisou, precisa de um dinheiro e recebeu uma proposta [...] Samara<sup>45</sup>

O primeiro passo metodológico para o estudo das gírias das *mulheres invisíveis*<sup>46</sup> foi a escolha da comunidade de prática que nos permitisse a realização de, ao menos, uma das formas de obtenção de dados a fim de observar a produção da variação linguística e ter, ao menos, o mínimo de interação para perceber os aspectos identitários e para observar o comportamento estilístico na escolha dos vernáculos, captando questões ideológicas na fala. Assim, elegemos a comunidade de fala formada pelas internas no Presídio Advogado Nilton Gonçalves.

Esse estabelecimento prisional, que leva o nome de Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, fica na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, localizado à rua 24, nº 13, Bairro Conveima I. O presídio recebe internos femininos e masculinos, tendo alas

---

<sup>45</sup> Samara é um pseudônimo dado a uma das participantes, como forma de manter sua identidade em sigilo.

<sup>46</sup> A escolha da expressão “mulheres invisíveis” para referir-se as mulheres encarceradas surgiu ao longo da pesquisa quando percebemos o quanto estas mulheres encarceradas eram invisibilizadas pela sociedade e pela família, ou seja, sempre postas longe do que seria prioridade para o Estado, esquecidas pelos familiares, sendo caracterizadas simplesmente como seres marginais para a sociedade. Na discussão do trabalho durante a qualificação nos foi questionado a respeito do termo, a partir daí fizemos uma busca do seu uso e encontramos o livro *Invisible women: exposing data bias in a world designed for men*, com o título no Brasil como *Mulheres invisíveis: o viés dos dados em um mundo projetado para homens*, escrito por Caroline Criado Perez, com ano copyright em 2019 (PEREZ, 2022 [2019]). Nesse livro, a autora aborda como o preconceito de gênero não está apenas em um campo subjetivo, mas também na ciência, na alocação de recursos e de tecnologias, na qual tudo é feito com base em dados coletados a partir do padrão do homem. Nesse sentido, percebemos nessa obra uma intenção semelhante a nossa com relação ao uso da expressão “mulheres invisíveis”, visto que nela há requerência a um mundo feito para atender às necessidades dos homens, assim como fazemos referência aos presídios, que são feitos para atender às necessidades dos homens, sem se considerar o padrão feminino.

individualizadas por sexo biológico, comportando, atualmente, internas, em regra, provisórias, ou seja, aguardando sentença e internos masculinos em regime semiaberto. Nesse sentido, chamamos atenção para o fato de constituir-se um local provisório onde as internas aguardam a decisão do juiz quanto à sentença ser um fator a ser considerado, uma vez que dinamiza mais o processo de inserção e saída de membros da comunidade de prática, o que pode ser uma variável a ser observada posteriormente nas análises linguísticas.

Assim, escolhida a comunidade de fala em que iríamos fazer a coleta dos dados, em razão de constituir-se um grupo que está sob a tutela do Estado, em privação de liberdade, solicitamos a administração do estabelecimento prisional a autorização (APÊNDICE A) para a realização da pesquisa no ambiente prisional, com a participação de internas, se assim elas aceitassem. Após a autorização da autoridade policial, em 2019, realizamos uma visita, com o auxílio de uma defensora pública do estado da Bahia, às internas, membras da nossa comunidade de fala e explicamos que iríamos fazer uma pesquisa, sem detalhar a especificidade linguística procurada para que isso não constituísse fator que pudesse vir a alterar os dados. Nesta visita, observamos a constituição física do ambiente, anotamos relatos e vivenciamos interações entre as internas. Dessa forma, criamos uma relação descontraída de proximidade com as internas.

Além disso, ainda foi feita uma entrevista no ano de 2022, com duração média de 15 (quinze) minutos, com um representante da administração do presídio a fim de coletar mais dados a respeito das internas.

A coleta de dados ocorreu sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa, líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio) Funcionalismo – CNPq, Grupo Janus/PPGLIN-UESB, coordenadora do projeto que faz parte do projeto “Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Sociofuncionalista, a partir da descrição e análise do *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, cadastrado no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 34221214.9.0000.00552.

Nos anos de 2019 e 2020, vinculadas ao programa de Iniciação Científica da UESB (PIBIC) e, em seguida, em 2022, vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB), realizamos 19 (dezenove) entrevistas, organizamos o corpus e coletamos os dados. Ressaltamos que em 2019, havia aproximadamente 40 (quarenta) internas no presídio no momento da entrevista, quando uma delas foi entrevistada no mês de dezembro e, em 2020, havia em torno de 35 (trinta e cinco) internas, sendo entrevistadas 12 (doze) delas; e, em 2022, esse número caiu para 25 (vinte e cinco) e foram entrevistadas 6 (seis) das internas, conforme detalhamos a seguir.

### *3.3.1 Entrevista Sociolinguística*

As entrevistas sociolinguísticas tiveram duração de em média 40 (quarenta) minutos, variando de acordo com a disponibilidade e particularidades do ambiente prisional. Assim, elas foram realizadas de forma semiestruturada, apenas com um pequeno roteiro guia (APÊNDICE B), a fim de minimizar os efeitos provenientes do paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972]), levantamos questionamentos de forma natural sobre relatos pessoais e experiências, tanto fora, quanto no ambiente prisional. Antes de iniciar a entrevista, a detenta respondia a uma Ficha Social (APÊNDICE C), que utilizamos a fim de traçar o perfil social das entrevistadas.

Assim, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D) por parte das participantes e da entrevistadora, foram realizadas 19 (dezenove) entrevistas, das quais 1 (uma) foi anotada e 18 (dezoito) foram gravadas em um gravador de voz digital ICD-PX312, 2GB, da marca Sony, disponibilizado pelo grupo de pesquisa.

A primeira entrevista foi realizada em dezembro de 2019. Em razão das condições no momento da entrevista, não foi possível o uso do gravador. A entrevista foi realizada em uma sala, na qual estavam presentes a entrevistadora, a entrevistada e uma policial penal supervisionando de forma afastada. Com a impossibilidade de gravação, foram anotadas em uma folha os pontos principais da entrevista, julgados relevantes para a análise do objeto. Além disso, é válido informar que, no momento da entrevista, a entrevistada estava algemada, fator que, junto à supervisão de uma policial penal na sala, causou uma preocupação quanto a não tornar a entrevista produtiva e a entrevistada não se sentir à vontade. No entanto, diferente do que foi imaginado, a entrevista fluiu de forma natural, gerando mais de 60 (sessenta) minutos de entrevista.

As entrevistas que foram realizadas em janeiro de 2020, diferentemente da primeira, foram realizadas no jardim interno do presídio, onde as internas estavam sem algemas e sob a supervisão mais distante das policiais carcerárias. Nestas entrevistas, foi utilizado o gravador digital e duraram, em torno de 40 a 50 minutos cada. Além disso, três dessas entrevistas foram realizadas dentro das celas das internas, na qual havia apenas a presença de três internas e da entrevistadora.

As entrevistas realizadas em 2022 seguiram padrões diferentes. As primeiras foram realizadas no jardim interno do presídio, com aproximadamente 40 minutos de duração. As demais foram realizadas no pátio comum da ala feminina, em que havia a presença das internas, de uma policial carcerária e de outra funcionária. Para a realização desta entrevista, para torná-

la particular e individual, nos distanciamos do grupo e realizamos as entrevistas. Entretanto, diferentemente das primeiras entrevistas, realizadas na sala, no jardim e na cela, estas ocorreram de forma rápida, com uma média de 20 minutos. Nestas entrevistas, foi percebida uma naturalidade menor, que interpretamos ser em razão da presença próxima da “frente”<sup>47</sup> no mesmo ambiente.

E assim, o conjunto de entrevistas que compõe o *corpus* desta dissertação foi construído. Acreditamos que, embora as últimas entrevistas tenham demonstrado uma naturalidade menor, nas quais as participantes estavam mais contidas, o material que conseguimos foi interessante e relevante para responder às nossas questões de investigação.

Uma das características marcantes nas entrevistas realizadas nesta comunidade de fala foi o envolvimento emocional entre participante e entrevistadora. Com isso, a maioria das detentas sentiu a entrevista como um momento de desabafo e, assim, ficaram à vontade para narrarem fatos fortes sobre a vida, falarem sobre as perspectivas de vida e sobre os sentimentos que tinham. Ao comentarem sobre o que sentiam, a maioria delas deixou lágrimas caírem, sobretudo ao falarem de si, do presídio e de seus entes fora do presídio.

Destarte, após as anotações e gravações das entrevistas, partimos para a etapa da transcrição, captação e reconhecimento das nossas amostras. Esse processo foi realizado manualmente pela pesquisadora e desenvolvido por meio da escuta e transcrição das falas em um documento *Word*.

Esclarecemos que os trechos das entrevistas que foram pertinentes à análise serão apresentados de forma a não expor ou identificar a pessoa entrevistada, a fim de garantir o sigilo, bem como a integridade da informante. Assim, em razão de constituir uma comunidade de prática controlada, que está sob os olhos da sociedade e sob a tutela do Estado, iremos, nesta pesquisa, utilizar pseudônimos.

### ***3.3.2 Perfil social das participantes***

Um dos nossos objetivos e questionamentos que motivou a nossa pesquisa foi saber quem são essas mulheres encarceradas, quem são as *mulheres invisíveis*. Assim, uma das formas de revelar a descoberta da resposta a esse questionamento e cumprir nosso objetivo é a apresentação do perfil social delas. Conforme discutido na seção teórica, na língua é refletida a

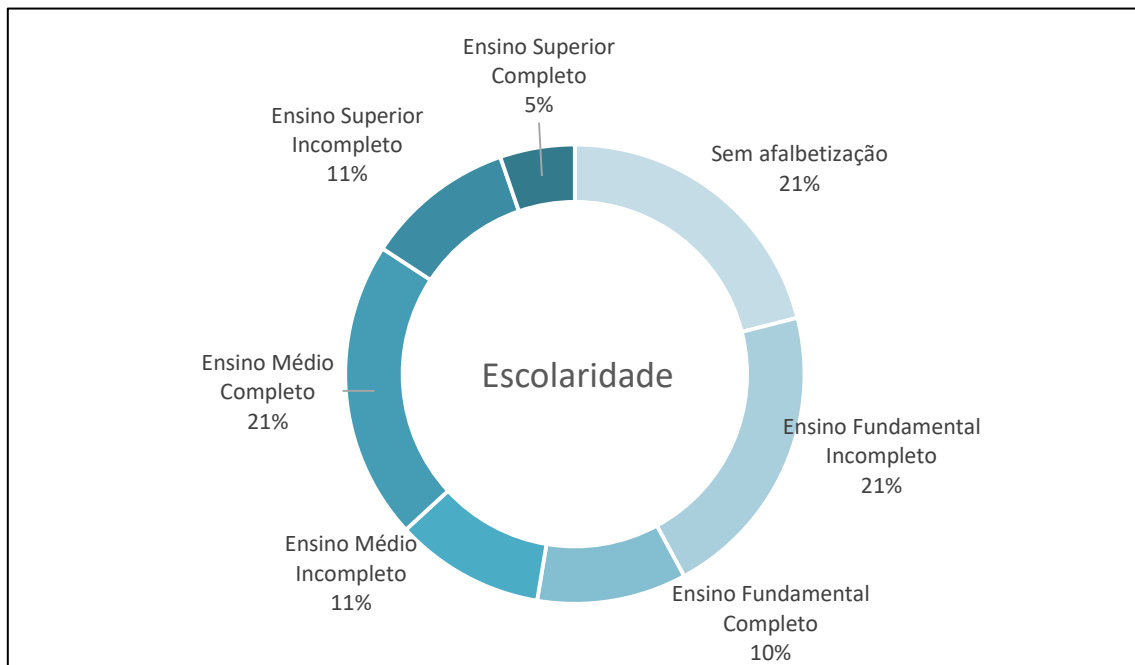
---

<sup>47</sup> “Frente”, segundo nossa análise, é um termo gírio utilizado para nomear a interna líder da prisão, geralmente uma participante da facção dominante no presídio. Cabe a frente impor as regras criadas pelas detentas no presídio e executar as sanções em caso de descumprimento.

identidade e ideologia do falante. Nesse sentido, conhecer o perfil social dos falantes é iniciar o processo de conhecimento da linguagem utilizada por eles, já que os fatores sociais é um dos aspectos que influenciam na construção da identidade e ideologia da pessoa. Diante disso, a partir da utilização da ficha social e de outros dados coletados da entrevista, apresentamos a seguir o perfil social das participantes. Alertamos e justificamos que a nossa análise é qualitativa, dessa forma, os dados, ainda que coletados de maneiras diferentes, serão úteis e seguros para a nossa pesquisa. Nessa perspectiva, apresentaremos, por meio dos dados obtidos, o perfil social do grupo investigado.

Com relação à escolaridade, constatamos que: 5% (cinco por cento) relataram possuir ensino superior completo; 11% (onze por cento) relataram possuir ensino superior incompleto; 21% (vinte e um por cento) relataram possuir ensino médio completo; 11% (onze por cento) relataram possuir ensino médio incompleto; 10% (dez por cento) relataram possuir ensino fundamental completo; 21% (vinte e um por cento) relataram possuir ensino fundamental incompleto; e 21% (vinte e um por cento) informaram não ser alfabetizadas:

**Gráfico 1 – Escolaridade das participantes**



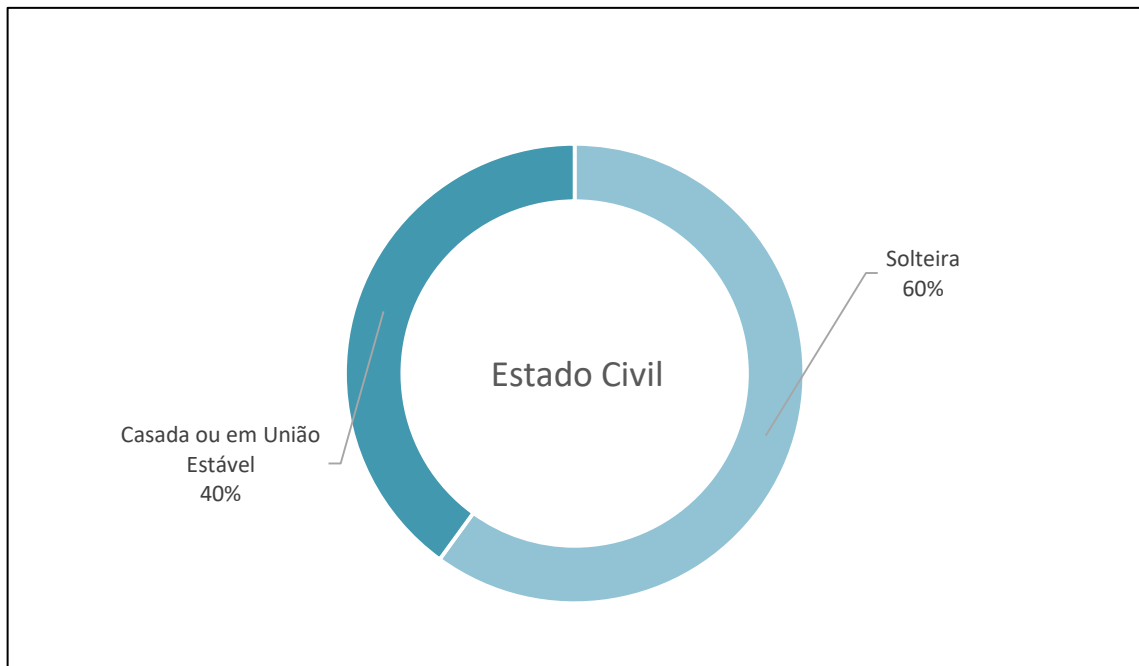
Fonte: Elaboração própria.

Diante do Gráfico 1, somando o número de pessoas sem alfabetização (21%), pessoas com ensino fundamental incompleto (21%), pessoas com ensino fundamental completo (10%) e pessoas com ensino médio incompleto (11%), percebemos que 63% das pessoas não possuem o ensino médio completo e apenas 5%, que corresponde a uma pessoa, possui o ensino superior

completo. Dessa forma, conforme constatamos a baixa escolaridade é uma das características que marca as internas que passam pelo Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves.

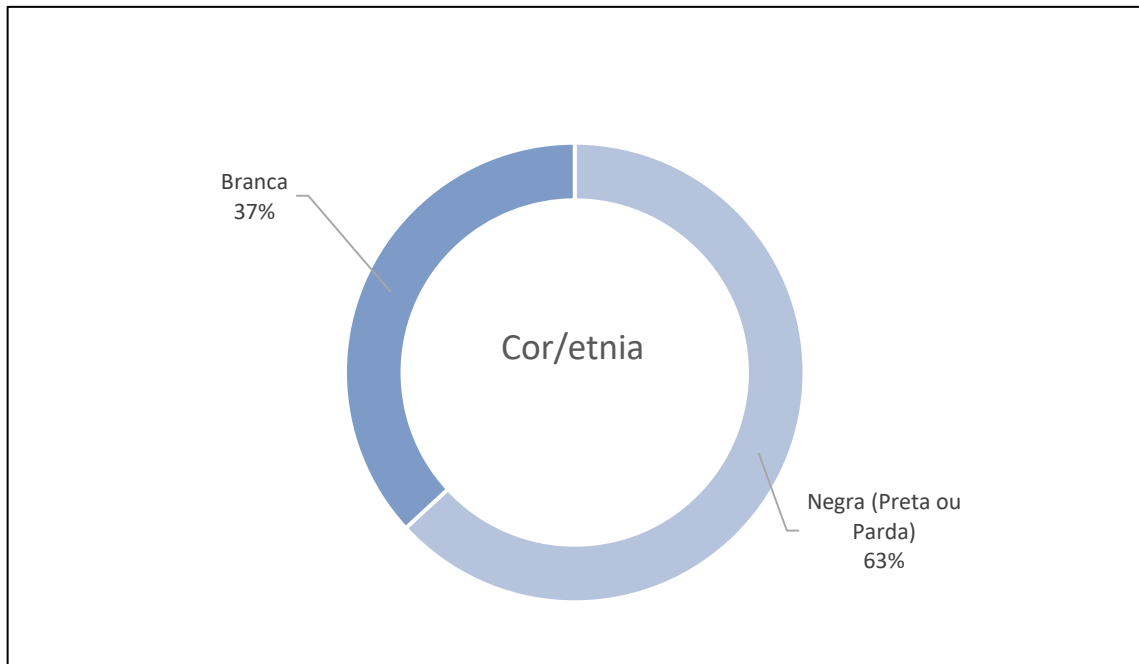
No que diz respeito ao estado civil, 40% (quarenta por cento) informaram ser casadas, enquanto 60% (sessenta por cento) relataram ser solteiras, como demonstramos no Gráfico 2:

**Gráfico 2** – Estado Civil das participantes



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Assim, percebemos que a maioria das internas são solteiras. Com relação à cor/etnia, 37% (trinta e sete por cento) se autodeclararam brancas e 63% (sessenta e três por cento) se autodeclararam negras (pretas ou pardas):

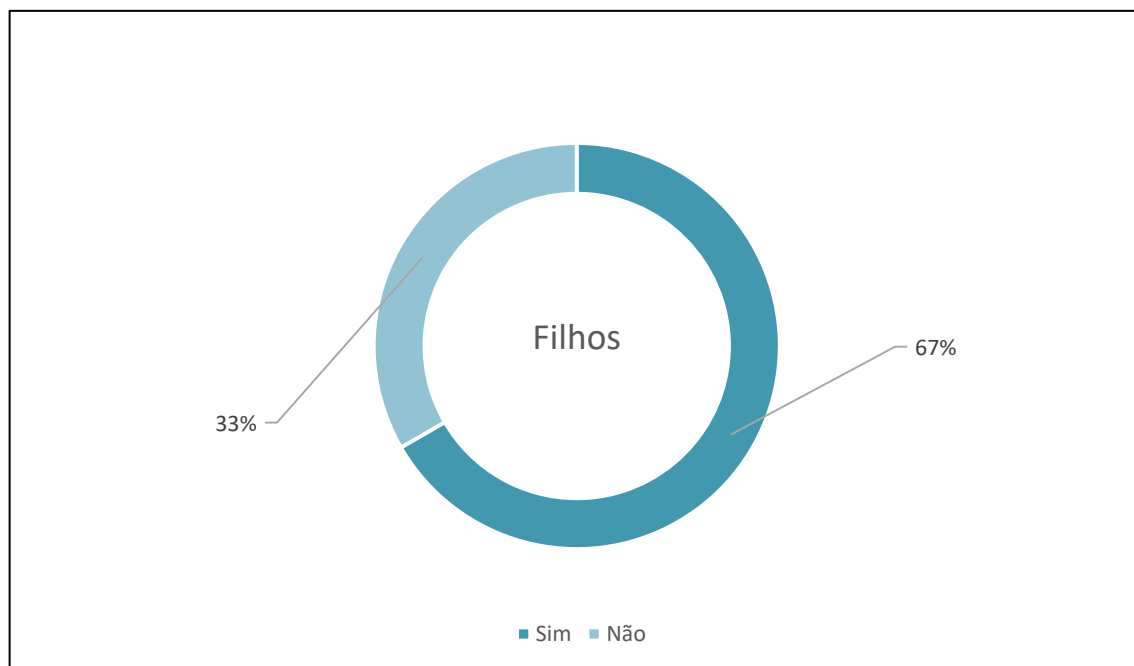
**Gráfico 3** – Autodeclaração de Cor/Etnia das participantes

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Dessa forma, segundo observamos no Gráfico 3, a maioria das internas é negra (pretas ou pardas de acordo com o IBGE), o que demonstra um número semelhante aos resultados em nível nacional, segundo dos dados levantados pelo INFOPEN (BRASIL, 2019) e os dados do Ministério de Justiça e Segurança Pública de 2022, como cita Carneiro (2022).

Quando questionadas a respeito de terem ou não filhos, 33% (trinta e três por cento) relataram não possuir, enquanto 67% (sessenta e sete por cento) informaram que são mães, conforme simplificamos no Gráfico 4.

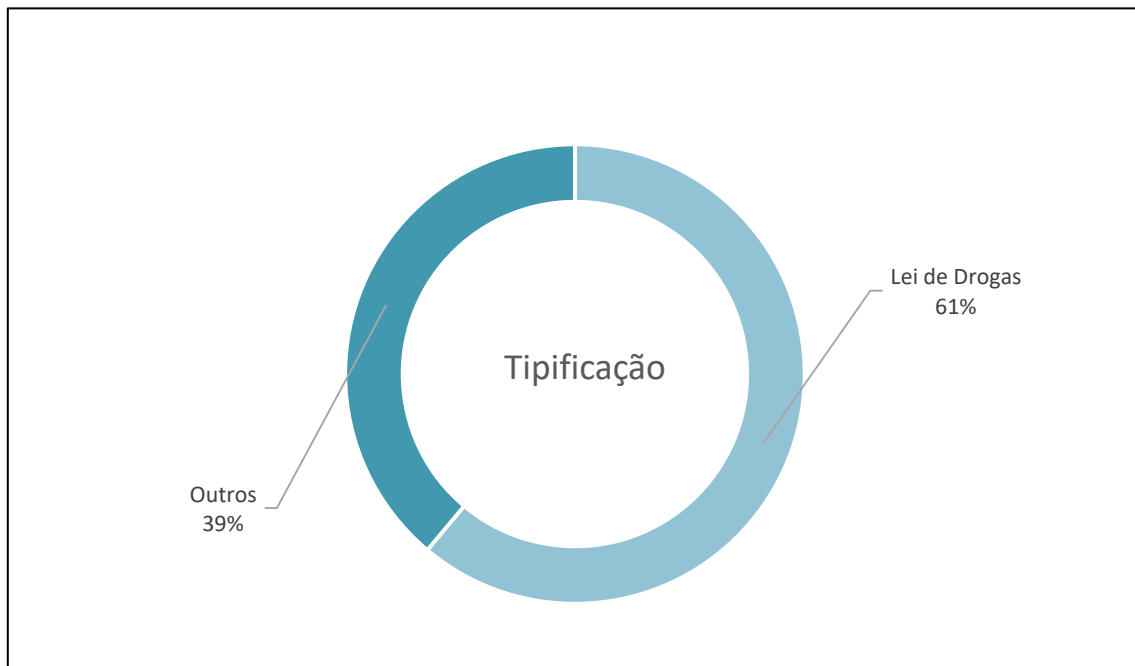


**Gráfico 4** – Participantes com filhos ou não

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Dessa maneira, notamos que a maioria das internas é mãe. Além disso, completamos que, por meio dos relatos, ainda constatamos que a maioria desses filhos é menor de idade, tendo até bebês com idade inferior a 3 anos.

E por fim, ao relatarem a respeito do crime que estavam sendo acusadas ou foram condenadas, 61% (sessenta e um por cento) relataram que eram crimes enquadrados na Lei de Drogas e 39% (trinta e nove por cento) informaram que foram acusadas por outros tipos de delitos.

**Gráfico 5 – Acusadas de crimes tipificados na Lei de Drogas**

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Assim, os dados confirmaram mais uma vez a tendência nacional na qual a maioria das mulheres que vem sendo presa é enquadrada pela Lei de Drogas (SILVA, 2017), em sua maioria dos casos, em cargos baixos do tráfico, como o de “mula”<sup>48</sup>.

Isso posto, os dados revelaram partes da face das mulheres invisíveis do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, que são, em sua maioria, solteiras, negras, mães e com baixa escolaridade, presas enquadradas na Lei de Drogas.

### 3.4 Síntese da seção 3

Nesta seção 3, descrevemos os passos metodológicos realizados e indicamos o método acionado para a realização da coleta e análise dos dados. Assim, elencamos como metodologia a coleta de dados por meio de entrevistas sociolinguísticas. Além disso, ainda apresentamos o perfil social das internas como forma de produzir dados que subsidiarão a nossa análise qualitativa interpretativa da amostra, bem como será imprescindível para a elaboração da seção *Mulas e Jackas: um retrato das mulheres invisíveis do Nilton Gonçalves*.

Na primeira subseção, discorreremos a respeito da análise qualitativa, método que utilizamos neste estudo. Assim, em síntese, justificamos que a escolha deste método se dá em

<sup>48</sup> “Mula”, conforme veremos adiante, é um termo gírio que está se popularizando, utilizado para designar a pessoa que transporta drogas de uma localidade a outra.

razão das peculiaridades da comunidade de fala estudada. Assim, para analisar o processo interacional, a escolha estilística do vocábulo gírio e a presença ou ausência de aspectos como prestígio e estigmatização, elegemos a análise qualitativa.

Nesta seção, ainda narramos os desafios encontrados para a realização da pesquisa e um deles foi a pandemia da Covid-19, que, além das consequências brevemente mencionadas na nota de rodapé 42, impediu que fossem realizadas entrevistas sociolinguísticas no ano de 2020, 2021 e até a segunda metade do segundo semestre do ano de 2022.

E por fim, apresentamos como foi realizada a entrevista sociolinguística, uma das formas que compõe a pesquisa qualitativa, e expormos, na última subseção desta seção 3, o perfil social das entrevistadas. Assim, por meio destes dados, desenhamos um retrato das falantes, que se assemelha com o que Borges (2019)<sup>49</sup> descreve, para compreender a utilidade, necessidade e escolha do uso dos vocábulos gírios pela e nesta comunidade de prática.

---

<sup>49</sup> Segundo Borges, o ambiente prisional é um local ao qual as desigualdades se enfatizam, formado, principalmente por mulheres negras, com baixa escolaridade, de classe baixa e mães (BORGES, 2019).

#### 4 “AI QUE SAUDADE DELA, DA LILI”: UM RETRATO SOCIOLINGUÍSTICO DA VIDA DE MULHERES ENCARCERADAS

[...] Ela nunca ligou pa saber se eu tou viva ou se eu tou morta [...] ela mora bem pertinho aqui, ela nunca ligou, uma vez aconteceu, eu morava no meio delas aí, e uma delas me agrediu, né, ela me agrediu, eu falei assim, se eu tivesse sido morta naquele dia ela ia saber pela televisão e eu sou filha única de mulher [...] (DONA ILDA).

Nesta seção, sistematizamos os resultados parciais obtidos no presente estudo, a fim de responder às questões que nortearam esta pesquisa. Desse modo, descrevemos, analisamos e interpretamos, a partir dos pressupostos teóricos-metodológicos citados, as gírias de grupo utilizadas pelas mulheres encarceradas do Presídio Advogado Nilton Gonçalves, de Vitória da Conquista, BA.

Inicialmente tratamos de discorrer de que modo são utilizados os vocábulos gírios dentro da prisão, revelando se ocorrem de forma ampla ou não e como são divulgados entre as internas. Para tanto, são expostos excertos de fala para exemplificar as afirmações.

Após essa exposição, apresentamos o caráter secreto da gíria, buscando responder como ocorre o processo de formação da gíria, chamando atenção para o processo de metaforização descrito por Preti (1984). Para isso, utilizaremos também excertos para exemplificar a apresentação e promover o entendimento. Logo após, a partir do que já foi apresentado, analisamos o nivelamento dessa linguagem, reiterando o prestígio e estigmatização como fatores que influenciam no nivelamento do vocábulo gírio na linguagem comum - conforme alertamos na introdução, nivelamento, neste sentido, diz respeito ao tornar-se comum, se igualar a outros vocábulos comuns que transitam nas comunidades de prática e fala.

Assim, esta seção, com a intenção de mostrar os resultados do nosso estudo, está dividida da seguinte forma: na subseção *4.1 Salve? Salvou: o uso das gírias por parte das internas*, expomos o uso das gírias pelas internas, relacionando-as com sua vivência no ambiente prisional, dividindo a subseção em *4.1.1 Identidade e acordo social: a utilização das gírias pela comunidade de prática* e *4.1.1 Entre prestígio e estigma: a gíria da/na comunidade de prática*; *4.2.2 O nivelamento das criações metafóricas: mais uma consequência do prestígio ou estigma*; em seguida, tratamos da subseção *4.2. De boi a bonde: A formação das gírias a partir da metaforização*, com o propósito de discutir o caráter secreto da gíria e como se dá seu processo de criação, apresentando os tópicos *4.2.1.1 As criações metafóricas encontradas* e, por fim, para fechar a seção e sintetizar o que foi discutido, trazemos a seção *4.3 Para finalizar*.

Alertamos que, conforme dito na seção metodológica, para garantir o anonimato, logo, a segurança e integridade das participantes, optamos por dar nomes fictícios, ou seja, pseudônimos às entrevistadas; para identificar a entrevistadora, usamos a letra E; e, para identificar alguma autoridade policial, será utilizada a sigla AP. Dessa forma, nenhum dos nomes utilizados para identificar os envolvidos na pesquisa correspondem ao seu nome verdadeiro.

#### **4.1 Salve? Salve: o uso das gírias por parte das internas**

[...] me vomita cadeia, ai, meu Deus, me manda, me manda embora, ai que saudade dela, dela quem, da liberdade, da lili. [...] (JOANA).

Conforme já discutimos na Seção 2, a gíria de grupo é considerada uma forma de variação presente no vernáculo de grupos marginalizados e exerce a função de criptografar a linguagem e de elemento identificador do grupo, relacionando-se com a identidade do grupo e de seus membros (PRETI, 1984; MATOS, 2016; ECKERT, 2012). Nesta direção, nesta subseção discutiremos tópicos que tratam de apresentar a gíria de grupo na comunidade de prática estudada, buscando identificar sua função, seus aspectos identitários, criptográficos e sua relação com de estigma e prestígio.

##### ***4.1.1 Identidade e acordo social: A utilização das gírias pela comunidade de prática***

Após a realização das entrevistas, muitas questões foram percebidas, como a utilização de vocábulos gírios pela comunidade de prática estudada; seu caráter peculiar e até secreto e sua função dentro do grupo; a sua relação de origem pela influência das falantes e do ambiente e a condição de obrigatoriedade do seu uso para a (sobre)vivência. Assim, constatamos que esse fenômeno sociolinguístico está ligado à organização da vida na prisão, bem como na formação da identidade do grupo, ou seja, constituindo-se como um elemento cultural e identitário da comunidade de fala pertencente.

Diante disso, verificamos que, conforme discutido na Seção 1 deste trabalho, o ambiente prisional pode ser definido como uma “sociedade dentro da sociedade”, pois lá, além da organização feita pelo Estado, que detém a tutela das internas, é organizado pelas próprias internas. De acordo com os dados coletados, existe uma organização hierárquica quanto às presas, uma divisão de tarefas do dia a dia e regras que devem ser seguidas, havendo punição

em caso de descumprimento. E na constatação dessa organização, detectamos o uso da gíria como um recurso linguístico de expressão dessa organização, tanto formalmente, no que diz respeito a nomeação de objetos presentes no ambiente de vivência, quanto de forma material, no que diz respeito à prática dessa convivência, no vernáculo utilizado por elas nesse espaço.

Segundo as entrevistadas, a organização hierárquica está relacionada a fatores como: de qual crime a pessoa está sendo condenada ou acusada, se foram crimes enquadrados na Lei de Drogas e qual a facção criminosa que a pessoa faz/fazia parte. Assim, existe a figura da “frente”, termo gírio que se refere à pessoa que comanda o pátio e é integrante da facção que tem o poder no presídio; depois da “frente”, vem uma “subfrente”, que seria uma espécie de vice-líder, que ocupa o lugar da “frente” em caso de ausência, e depois vêm os “apoios”, que são as pessoas responsáveis por auxiliarem a “frente”. Em seguida, têm as pessoas que estão presas e fazem parte do mesmo grupo da “frente” e as demais presas, acusadas por crimes diversos à Lei de Drogas. Depois dessas pessoas, no presídio, ainda existem as pessoas que foram enquadradas na Lei de Drogas e que fazem parte de uma facção criminosa oposta a que comanda o espaço, pessoas que podem ser oprimidas por este motivo. E por fim, em celas separadas, a fim de manter a integridade física e livrar o risco de morte, estão as “Jack” ou “Jackas”, que são as internas que foram enquadradas por crimes contra a dignidade sexual ou crimes contra crianças.

Dessa forma, notamos a partir destes primeiros resultados, a utilização de gírias para compor o quadro organizativo hierárquico da comunidade de fala, nos permitindo perceber que as gírias são utilizadas e o modo como são utilizadas. Assim, é possível interpretar, a partir dessa análise qualitativa, que os termos gírios fazem parte da cultura desse grupo. Nessa perspectiva, observamos a seguir uma exemplificação a respeito do que foi afirmado.

(01) Dona Ilda: [...] quem é a **frente** da cadeia é fulana, aí ela que dita as regras, aí já teve uma aí que quando chegava uma pessoa do [...] ela ficava, o nome também, acurralando, acurralando a menina, acurralando até chegar ao ponto dela bater, ela batia, né, porque ela não aceitava, por que era de outra facção.

Neste trecho, é relatado a respeito dessa organização que descrevemos, na qual a “frente” exerce a função de uma líder no ambiente em que vivem as internas. Além disso, por meio dos relatos, ainda nos foi possível constatar que, na relação hierárquica, existe uma relação de oprimido e opressor, na qual as opressoras são aquelas que estão no topo dessa organização e as oprimidas, por sua vez, são os que ocupam as baixas posições nessa hierarquia, como é o caso dos integrantes de facção rival oposta à da líder. Para além desse grupo, as consideradas mais oprimidas são as “Jack” ou “jackas”, que são as mais desprezadas no ambiente prisional.

No trecho a seguir, a informante Tereza, que está presa em uma cela isolada, destinada a salvaguardar a integridade das presas que correm risco se ficarem na cela comum, relata que foi taxada de “Jacka” e, mesmo sem saber formalmente o significado dessa palavra, inferiu que não era algo positivo, como observamos no excerto (2):

(02) E: Como elas chamam vocês?

Tereza: [...] dói muito que eu não gosto nem de falar, assim, sabe, porque me dói muito, me dói, me dói demais, o, outro nome que eu nunca ouvi falar, né, por causa desse crime, chega aqui e elas falam o nome, é esquisito, chama a gente de **jacka**, eu não sei o que é isso, eu não sei o que significa isso, eu não sei o que é isso, aí eu fico imaginando, eu falo, puxa, eu tou sendo chamado de um nome que eu nem sei o que que é, é, no seguro.

Além disso, esse tratamento de opressão com as internas consideradas Jackas é incentivado e até obrigado pela “frente” que comanda o presídio. Segundo o relato de Dona Ilda, em caso de serem colocadas juntas na cela comum, a “frente” e os “apoios” irão bater e incentivar as demais a baterem e a torturarem. Além do relato de Dona Ilda, a informante Morgana relatou que, ao chegar no presídio, ela foi colocada na cela comum e, em razão de ser acusada de estupro de vulnerável, foi torturada, teve os cabelos raspados, dentes quebrados e braço quebrado, até que foi dispersada a tortura e ela foi levada para um hospital. Com esses relatos, fica demonstrado que a divisão de posição qual a pessoa pertence no presídio é bem definida e significativa, e irá influenciar na vivência no ambiente carcerário. Nessa direção, ainda tivemos o relato de Clara, entrevistada quando completava apenas um mês de prisão, como ré primária, que informou que uma das regras repassadas a ela foi a de não falar com uma interna chamada de “Jacka”, como observamos no relato a seguir:

(03) Clara: [...] a gente só não pode falar com as do **seguro**, né, porque teve uma que ela abusou do filho dela de 5 meses, ela abusou e só não quer que a gente fale com ela, a gente não tem permissão de falar com ela [...]

A partir do trecho (03), além de observarmos a posição de opressão em que as “jackas” estão, ainda é possível, como afirmamos no início desta subseção, a presença de regras do grupo de internas. Assim, para falar a respeito das regras, outros vocábulos gírios são utilizados, seja para nomear um objeto, ou para nomear uma ação, como podemos observar no relato de Letícia:

(04) Letícia: [...] quando a gente chega aqui, que todo mundo sabe que cadeia tem **frente**, né, a pessoa que organiza o pátio, então quando a gente chega na cadeia você, é, entende que não pode falar alto com o outro, é, se você tem um problema com alguém, chama a **frente**, conversa, fala ó, tá acontecendo isso e isso, evita brigar, então assim, são regras, que se você segue [...] aí quando a gente é preso ela vai e chama, explica as regras, não pode isso, tem isso, tem que

respeitar o outro, aqui é a **jega** da pessoa, quando eu cheguei aqui como era muito cheio, maioria dormia no chão, que a gente chama de **praia**, aí as camas são as **jegas**, que são as **comarcas** [...] aí quando eu cheguei aqui era muito cheia, aí as **comarcas** era por tempo de cadeia, o mais antigo dormia nas **jegas**, quem chegou por agora, mais novo, dormia na **praia** [...]

No trecho (04), Letícia explica que o ambiente é organizado e chefiado pela “frente” e que existem regras para uma convivência respeitosa dentro da prisão. Além disso, além da palavra “frente”, Letícia explica a organização quanto à ocupação de camas com a utilização das gírias “jega” e “praia”, para indicar cama e chão, respectivamente, quando se refere a distribuição de leitos para dormir, neste caso, relatando quando houve superlotação e o chão em que a interna dormia era chamado de “praia”. Além disso, ainda é utilizado a palavra “comarcas” para indicar as camas, mas segundo a entrevistada, era utilizada quando fosse falar da cama e a sua estrutura envolta. Nessa perspectiva, a informante Bianca e Letícia relatam que o descumprimento de regras leva à punição, como observamos nos excertos a seguir:

(05) Bianca: [...] por exemplo, tem as regras, se alguém desobedecer às regras aí a pessoa vai lá vai conversar, vai dá uma um castigo, uma disciplina, é que às vezes tinha as pessoas as que não limpava as camas ou fazia alguma coisa errada, perde a **jega**, e vai dormir na **praia**... é uma coisa que é do pátio.

(06) Letícia: [...] tem as regras, cê tem que respeitar o outro, então aqui é a **jega** da pessoa, porque quando eu entrei aqui era muito cheio, maioria dormia no chão, que a gente chama de **praia**, e as camas são as **jegas**, que são as **comarcas**.

Nessa perspectiva, falando em regras, Dona Ilda utiliza da gíria “salve” para relatar que uma das regras a serem cumpridas pelas internas é avisar e pedir permissão à “frente” antes de tocar a campainha para chamar uma policial penal. Dona Ilda conta que tem medo e que utiliza do termo e pede permissão sempre que necessário, como relata no trecho (07) ao falar da colega de cela que estava passando mal:

(07) Dona Ilda: [...] **Salve** cela [...], aí eu falo, **salvou**, toca a campainha aí, aí eu toco, se ela passar mal, eu falo com a menina, a **frente** né, eu falo, “oh, fulana, [...], **salve**[...], ela fala “**Salve** Dona Ilda”, eu falo, “vou tocar a campainha pra [...] porque ela tá passando mal, porque elas tem medo de chegar e de repente, no momento que elas tiverem com alguma coisa [...] aí tem que avisar pra elas, uma vez a gente foi tocar sem avisar, elas reclamaram que tinha que avisar, aí eu peguei e logo a visão, com medo, né [...]

Ainda sobre o termo gíria “salve”, Amanda explica, no trecho a seguir, que ele deve ser utilizado como um cumprimento que chega a ser uma solicitação para adentrar no espaço do outro, como ela relata, a fim de manter a privacidade da outra pessoa. Assim, a partir do que



Amanda diz, podemos reiterar que a gíria compõe a cultura e identidade do grupo e, nessa perspectiva de organização, como o exemplo do “salve”, constitui-se como mecanismos de pacto social para superar as implicações do ambiente prisional às internas, como é o caso da perda da privacidade:

(08) Amanda: [...]Aqui por exemplo, pra gente entrar numa cela a gente tem que dar um **salve**, **salve** cela tal, se eu moro na cela 1 e vou entrar na cela 2 eu tenho que falar **salve**, **salve** cela 2... é tipo batendo na porta pra abrir, aí tu fala **salve** cela 2, se tiver conversando alguma coisa lá que não pode ouvir aí a pessoa fala **salvou**, aí eu entro na cela dela, se ela não falar, **salvou**, eu não posso entrar na cela dela, aí quando a gente chegar na rua, muita gente aqui falou, que fica 3, 4 anos sem sair na rua, aí chega numa loja e fala **salve**, e tipo, a gente acha graça dessas coisas, eu falo meu Deus do céu, quando eu sair não posso ficar falando essas coisas não, mas assim, você convive todo dia com aquilo e não tem jeito de você não pegar.

Além disso, a informante ainda relata que, para a solicitação de serviços ao presídio, como, por exemplo, um médico, deve-se pedir a permissão para a “frente”. Assim, a partir do que foi falado, ratificamos, mais uma vez, a respeito da organização hierárquica do presídio e das regras a serem seguidas para além das regras que o Estado impõe. Observemos o trecho (09):

(09) Dona Ilda:[...] tem a cela também que cada um tem seu dia de limpar, sozinha, tem, são várias regras, por exemplo, exame, eu não posso pedir pra ela, ali um agente, “oi, eu quero um dentista hoje”, eu tenho que passar pra ela, pra ela pedir, uma psicóloga é ela que tem que pedir, um psiquiatra ela que tem que pedir, um remédio, eu tenho que falar com ela pra ela pedir, até a campanha da minha cela pra tocar eu tenho que falar com ela.

Além desses termos gírios para designar as regras, Dona Ilda, ao relatar que não deve acontecer conversas particulares, utiliza a palavra “patota” para designar uma conversa em que pode ser tramada alguma ação:

(10) Dona Ilda: As regras que ela impõe lá dentro é se eu tiver aqui conversando com você, eu não posso, eu tenho que conversar pra todo mundo poder ouvir, já fala que eu tô com **patota**, “pode desmanchar a patota daí”.

E: o que é **patota**?

Dona Ilda: Diz que é, **patota** é que eu tô junto com você, junto ali **colundriada**<sup>50</sup>, tenho que falar abertamente, alto, pra todo mundo ver [...] não posso ter segredo com você [...]

Nessa perspectiva, Clara utiliza da palavra “manguear” para indicar uma das coisas que não se deve fazer no ambiente prisional, relatando, inclusive, que conhecia o vocábulo

---

<sup>50</sup> Colundriada vem de colundria, que se refere a um grupo de pessoas que se juntam para praticar alguma ação, que provavelmente será algo ruim (COLUNDRIA, 2023).

manguear, no entanto, era um termo gírio que tinha outro significado. Segundo ela, o vocábulo “manguear” significa quem pede dinheiro ou o ato de pedir dinheiro em São Paulo, enquanto no presídio conquistense, significa atrapalhar ou pirraçar quando a pessoa está executando alguma ação, como observamos no exemplo que ela deu:

(11) Clara: [...] **manguear**, tipo, em São Paulo **manguear** é quem pede dinheiro na rua, não sei se você sabe, aqui é tipo, se você ta fazendo uma faxina e você vai lá e joga alguma coisa no chão, e fala, nossa, você ta **manguindo** a faxina da coleguinha [...]

Outro comportamento que é repreendido e que recebe uma gíria para nomeá-lo é o ato de chorar no ambiente prisional. Dona Ilda, durante a entrevista, ao se emocionar enquanto relatava os fatos para a entrevistadora, revela que não gosta de chorar na prisão, porque isso, naquele ambiente, significa “pesar” a cadeia das demais, ou seja, trazer tristeza para as demais, conforme observamos no excerto (12):

(12) Dona Ilda: [...] eu desabafei, né, um pouquinho, porque eu fico abafada assim, eu sou, eu, não é que eu não goste de dá trabalho às pessoas, mas eu não gosto muito de ficar chorando, a esse negócio, ah, tem também se você ficar chorando muito na cadeia, o pessoal fala que cê tá **pesando** muito a cadeia da pessoa [...]

E: Como?

Dona Ilda: se você ficar chorando demais a pessoa fala, “para de ficar chorando, você tá **pesando** minha cadeia”, **pesando** a cadeia, fala que tá **pesando** a cadeia, né, quando eu cheguei pra cá, mesmo, eu chorava muito aí elas falavam assim, “oh Dona Ilda, não fica chorando não, você tá **pesando** sua cadeia e a cadeia dos outros”, eu falei, meu Deus, mas o que é mesmo de **pesar** a cadeia, eu não compreendo não, aí eu falei **pesar** é o que? **pesar** é trazer tristeza, né, aí eu virava pra parede e ficava quietinha ali, oh, embrulhada chorando, pra não **pesar** a delas, porque disse que **pesava** [...]

No *corpus* em análise, o vocábulo “pesar” aparece em outra situação quando Vanda relata que foi sentenciada e sua pena está muito alta em razão de somar com outras sentenças que já haviam sido proferidas. A informante ainda denuncia a falta de informações e a demora de pareceres por parte das autoridades judiciárias, conforme observamos em (13):

(13) Vanda: [...] Não lembro não, minha cadeia tá **pesada** [...] você não sabe quanto tempo cumprir, cê não sabe se vai ser transferida, muitas tem família lá fora, criança, tem uma mãe, como é meu caso, minha mãe é idosa, não sei quanto tempo vou ter que cumprir ao certo ainda, estou no escuro [inaudível] nenhuma resposta do juiz, aí tem que apegar com Deus, né [...] tou aqui há um e quatro, só que tenho mais duas condenações [...]

Quanto à nomeação de objetos, nos chamaram atenção os termos “boi”, para indicar o sanitário; “jega”, para indicar a cama; “catatau”, para referir-se à bilhete; “rampa” para indicar

refeições como almoço e janta; “pirulito” para indicar as grades do presídio; e “moca”, para referir-se ao café. Esta gíria, segundo informação de uma entrevistada, é uma gíria mais antiga e menos utilizada. Vejamos o relato de Sandra.

(14) Sandra: [...] Café é o **moca**, mas hoje em dia não, o pessoal das antigas que falava mais.

Outro vocábulo gírio detectado foi “bonde”, que é utilizado para indicar o transporte de internas de um estabelecimento prisional para outro, como observamos em uma das falas de Letícia, ao relatar um momento de superlotação do presídio:

(15) Letícia: [...] Olha, agora que a cadeia ta vazia, tem quatro, só são do laborativo, do lado de cá, tem oito, sete, oito e sete, mas aqui quando eu cheguei eu **tirei** com 18, 17, 15, 13, 12, quando eu cheguei aqui era bem lotado, tinha quase 100, hoje tem 30 [...] aí quando foi no final de 2018 eles começou a **dá bonde** das meninas, né, foi, o primeiro **bonde** que desceu daqui pra Jequié desceu 10 mulher [...]

No excerto 15 ainda aparece a expressão “dá” junto com “bonde”, para fazer referência a “mandar” ou “enviar” as internas.

Quando perguntadas a respeito da utilização das gírias, houve internas que relataram não utilizar o vocábulo gírio, enquanto outras afirmaram que utilizam, como foi o caso de Amanda, excerto (16). Ademais, ao ser questionada, Dona Ilda relata que não gosta de usar gírias e procura não utilizá-las, mas na interação no presídio é obrigada a fazer uso de gírias quando vai solicitar alguma coisa para outras internas. Ela ainda relatou que uma interna, que tinha acabado de chegar e ser introduzida ao grupo, tratou de aprender e reproduzir o que ouvia das demais internas mesmo sem entender e, dessa forma, fez uso do vocábulo gírio de forma inadequada, conforme podemos observar no excerto (17).

(16) Amanda: [...] A gente fala, sim, acontece muito de você falar as coisas que é, banheiro aqui a gente chama **boi**, minha mãe mesmo fala “você não fica falando essas coisas não, quando você sair pra rua vai ficar usando essas palavras” ai mãe, eu escuto isso todos os dias como que eu não vou falar. [...]

(17) Dona Ilda: [...] aqui tinha uma menina aí que foi presa, ela saiu ontem, a agente, confere senhora, ela **salve**, a agente, aqui não é **salve** não, aqui é bom dia senhora, eu fiquei rindo, ela deu **salve** pra agente, em vez dela dá bom dia ela **salve**, ela ficou só três dias (risos), ela escuta na cela, escuta os outros falando **salve** [...]

Ao serem questionadas a respeito da existência de vocábulos gírios que elas não falavam para outras pessoas que não são membros à comunidade de prática, houve relatos de internas

de que não existiam essas gírias, enquanto houve relatos de outras que existiam, como foi o caso de Eva, ao responder o questionamento da entrevistadora.

(18) E: E tem gírias secretas, que ninguém sabe e que não pode ser falado?  
Eva: Tem, tem várias.

E, por fim, a última gíria que apresentamos nesta seção, que nos chamou muita atenção foi a utilização de “lili” para referir-se a liberdade. O termo “lili” é encontrado não somente no ambiente prisional, mas também em músicas da cultura *Hip Hop*<sup>51</sup>, cultura que engloba estilo de vida, gêneros musicais, danças, dentre outras formas de expressão, originado a partir da cultura afroamericana, que, por muito tempo era marginalizada, e que, ainda, em muitas de suas letras musicais traz relatos da vida na prisão. Assim, a nossa informante, ao ser questionada no final da entrevista, a respeito do que ela gostaria de complementar, ela disse, de forma eufórica, que queria muito sair da prisão. Observemos em (19).

(19) Joana: [...] me vomita cadeia, ai, meu Deus, me manda, me manda embora, ai que saudade dela, dela quem, da liberdade, da **lili**. [...]

Diante do que foi exposto, sintetizamos que as Gírias de Grupo se fazem presentes no ambiente prisional e nas situações relatadas, constatamos, ainda, que sua utilização se faz necessária para a comunicação das regras e a execução dessas, bem como para as detentas se expressarem e comunicarem, seja em uma solicitação de algum serviço ou para falar sobre o desejo de sair da prisão.

Dessa forma, justificamos a utilização das palavras “identidade” e “acordo social” no título desta subseção, já que as gírias se comportam como uma linguagem social e obrigatória dentro do ambiente prisional e, ainda que a interna tente não utilizar, se fará necessária a sua utilização para a convivência no ambiente. Além disso, como informamos na seção dedicada à metodologia, ainda que exista uma rotatividade na entrada e saída de internas, os vocábulos gírios são repassados, conforme observamos na nossa pesquisa que foi realizada em três momentos diferentes, com diferença de mais de dois anos de um desses momentos para outro.

Isso posto, ainda verificamos que a gíria faz parte dessa comunidade de prática, comportando-se como elemento da cultura de seus integrantes, atuando na comunicação

---

<sup>51</sup> Conforme declara Santos (2018) e identificamos na letra da música - Tá Na Paz de Deus | Peço a Lili dos Amigos, interpretada por MC Poze do Rodo “[...] que permaneça essa tranquilidade na comunidade, uh, peço a lili dos amigo que estão privado, lili” (2022)

interna, logo, contribuindo para a edificação da identidade do grupo. Concluímos, então, que o vocabulário gírio é utilizado como parte do vernáculo das internas, com caráter secreto, não sendo acessível para pessoas que não têm contato com o grupo, a não ser as pessoas de comunidades de prática que transitam entre o grupo, como é o caso das policiais penais e demais funcionários. E por fim, constatamos ainda que ela faz parte da identidade e cultura do grupo em que é falada, nomeando objetos, atitudes e pessoas dentro do ambiente prisional.

#### *4.1.2 Entre prestígio e estigma: a gíria da/na comunidade de prática*

Conforme observamos na subseção 4.1, a utilização das gírias de grupo é comum dentro da comunidade de fala e é utilizada de forma conectada ao sistema organizacional do espaço, criando uma força de obrigatoriedade linguística para seu uso, já que, entre outros ações, objetos e atitudes são nomeados com as gírias. Diante disso, o conhecimento e a utilização da gíria tornam-se algo necessário para a convivência dentro do presídio, ou seja, a gírias neste ambiente prisional é de prestígio para esta comunidade de prática. No entanto, ainda foi possível constatar, por meio das entrevistas, que ainda que seja de prestígio para esta comunidade de prática, as gírias podem ser vistas de forma estigmatizada pelas próprias integrantes da comunidade e prática ambientes externos ou em contato com pessoas de outros grupos sociais.

Diante disso, chegamos à conclusão de que a gíria de grupo dentro da comunidade de prática tem a função de compor a identidade e senso de pertencimento do grupo, por isso é e deve ser utilizada no dia a dia, no entanto, a mesma gíria não é vista como uma linguagem adequada a ser falada fora do grupo.

Além disso, no decorrer das entrevistas, houve participantes que, de forma não monitorada, alegaram não utilizar as gírias de grupo, no entanto, na mesma entrevista a mesma informante citou vários vocábulos considerados gírias de grupo. Uma dessas entrevistadas foi a Eva, que, ao ser questionada sobre o uso da gíria, foi contundente em falar que não usa gírias, justificando que a gíria não constitui uma linguagem e que não faz parte do que ela é. Contudo, no decorrer das suas narrativas, Eva citou algumas vezes, como demonstrado a seguir:

(20) E: Você fala as gírias daqui do presídio?

Eva: [...] Não, não porque já pensou eu tá no lugar e falar “moço deixa eu ir no **boi**”... Tem as gírias, mas eu não gosto de falar das gírias.

[...]

Eva: Aqui tem muita **mula** [...] ela é **Jack** mas o pessoal respeita porque ela é tranquila e tava com depressão depois do parto [...]

Nessa situação, podemos identificar a ocorrência do que Goffman (2002), reiterado por Matos (2014), declarou como preservação da fachada do falante, que aqui, consistiu na negação da utilização da gíria de grupo em razão de atribuir valores negativos à variação. Outra informante que falou que não utilizava os termos gírios foi Dona Ilda, no entanto, ao longo da conversa, foi possível perceber o uso de gírias para falar a respeito da vivência na prisão.

(21) E: A senhora utiliza as gírias?

Dona Ilda: **Salve**, se você for entrar na cela de alguém, **salve**. é, o banheiro é **boi**, a comida é **rampa**, mas eu num, tem dois anos e meio, mas eu falo banheiro, banheiro, eu falo comida comida, não falo né, e **salve**, porque eu não entro em cela, por que eu sou do **seguro**, né [...]

E: E o que a senhora acha dessas palavras?

Dona Ilda: Eu não peguei, eu acho que lá pra rua é coisa que não tem nada a ver, né, porque banheiro é banheiro.

E: A senhora nunca tinha ouvido falar antes?

Dona Ilda: Nunca, nunca tinha ouvido falar nesse negócio de ter que lavar o **boi**, que **boi**? banheiro, **salve**, licença, quer dizer **salve**, quer dizer licença, **rampa**, a comida, eu não peguei e não vou pegar, já pensou se eu chegar lá na minha casa, “vou lavar o **boi**” (risos) dá a impressão que a pessoa ta menstruada, porque antigamente o povo falava menstruação **boi**, né [...] cê ta de **boi**, por isso que eu fico rindo, já pensou chegar lá na rua e vou lavar o **boi**, não peguei essas coisas, essa palavras, porque cê sabe, eu não tenho nada contra ninguém, mas [...] eu procuro não me envolver com esse povo [...]

Esse movimento de negação demonstra a presença de preconceito linguístico, nos termos que foi exposto na Seção 2 deste trabalho. Além disso, constatamos a utilização da gíria como um recurso estilístico, que é bem-vindo na comunidade de prática, ou seja, tem um valor positivo na comunidade de prática, no entanto, pode não ser favorável ou necessário sua utilização externamente na comunidade de origem da informante. Dessa forma, percebemos que há a influência social e ideológica no processo interacional e de escolha do termo gírio a utilizar, prestigiando ou estigmatizado a depender do momento e local a ser utilizado como de prestígio ou de estigmatização a depender do momento d do interlocutor.

Outro exemplo de estigmatização sofrida por esse fenômeno sociolinguístico fora da comunidade de prática ocorreu quando a mãe de Bianca, em um dia de visita, não entendeu o que ela falou e a repreendeu por utilizar esse tipo de linguagem, conforme demonstrado no excerto (22):

(22) Bianca: [...] minha mãe fala, tu tá falando isso porque, quando eu falo “mãe vai no **boi**”, vai no banheiro.

Diante disso, ao interpretar qualitativamente a situação, observando os preceitos labovianos de heterogeneidade da língua e a coexistência de variantes como padrão versus não

padrão, conservadora versus inovadora, e o que nos interessa neste momento, prestígio versus estigmatizada, analisando a partir de uma perspectiva estilística, notamos a concorrência entre prestígio e estigma sobre a mesma variação linguística.

Podemos ainda sugerir que essa ocorrência acontece devido a alguns fatores, como a peculiaridade da comunidade de prática e o seu significado social na comunidade em que está inserida, que, como já descrita, é formada por pessoas advindas de lugares diferentes que passam a conviver de forma obrigatória no mesmo ambiente e há, assim, a necessidade da utilização desses termos nesta comunidade de prática, uma vez que fazem ou desejam fazer parte da cultura e identidade do grupo. Essa variação estilística que, em determinado ambiente e momento, representa prestígio ou, em outros termos, adequação e sobrevivência, em outro local e momento, é considerada inapropriada, não estando ligada a fatores macrossociais como faixa etária e intimidade dos falantes, mas sim a valores ideológicos do falante, valores do grupo ao qual faz parte e da sociedade.

Assim, levando em consideração os estudos que apresentamos na seção de teoria a respeito da visão, em uma perspectiva estilística, da variação sociolinguística, podemos afirmar que a gíria de grupo pode ser considerada uma variação que transita entre estigma e prestígio, a depender de quem, de onde e de como é utilizada.

#### ***4.1.3 O nivelamento das gírias: mais uma consequência do prestígio ou estigma***

A princípio, reiteramos mais uma vez a justificativa do termo nivelamento neste trabalho, que diz respeito a tornar-se comum na linguagem popular. Assim, utilizamos como forma de indicar que a gíria se tornou comum, ou, como nomeada por Preti (1984), passou de Gíria de Grupo para Gíria Comum.

Dados os esclarecimentos, afirmamos que nossa pesquisa nos permitiu chegar à conclusão de que a perda do caráter criptológico das gírias tem mais chances de ocorrer de forma limitada, a partir da locomoção de pessoas de outra comunidade de prática que está geograficamente perto ou transita na comunidade de prática de origem da gíria, como é o caso do trânsito de policiais carcerários na comunidade de prática das internas. No entanto, a sua disseminação e, logo, a perda da natureza secreta pode não chegar à linguagem popular, continuando uma linguagem inacessível e incompreendida pela população geral.

Entretanto, há a ocorrência de gíria que está sofrendo esse processo de nivelamento pela ampla divulgação que ela sofre, assim como previu Preti (1984), que é o caso de “mula”, termo gírio que remete a pessoas que transportam drogas. Esse termo é encontrado em reportagens

jornalísticas, documentários e outras produções midiáticas. Além disso, é também utilizado pelas próprias autoridades policiais quando vão especificar o crime enquadrado na lei de drogas, como atestamos durante uma entrevista com uma das autoridades policiais do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, segundo o trecho (23) retirado de uma entrevista que foi realizada inicialmente como forma de captar informações referentes ao estabelecimento prisional.

(23) AP: Essa feminina é interessante é que a maioria são **mulas** que vêm de São Paulo para o Norte e Nordeste, e a Polícia Federal prende aí na divisa, e aí traz pracá, é a maioria das mulheres aqui, é tráfico.

Além disso, apesar dessa exceção, constatamos, por meio das entrevistas, que essa linguagem tende a não transitar entre outras comunidades de prática, uma vez que esses recursos linguísticos, embora sejam de prestígio dentro da comunidade de fala origem, podem ser vistos pela própria falante de forma estigmatizada, como observamos na subseção anterior. Assim, a linguagem dentro da comunidade de prática de origem exerce diversas funções e são necessárias para a comunicação nesse grupo, no entanto, por razões culturais e ideológicas, como citamos na seção teórica, a gíria é vista como uma linguagem inapropriada e estigmatizada pela sociedade no geral. A partir disso, podemos interpretar que essa visão estigmatizada, que podemos nomear também como preconceito linguístico (PRETI, 2006 [2004]), é um fator que impede que os vocábulos gírios saiam da comunidade de prática e tornem-se um termo comum, confirmando a relação entre prestígio e estigma com a divulgação das gírias.

Assim, ainda que a era tecnológica esteja cada vez mais aumentando a velocidade da divulgação de termos linguísticos, o preconceito linguístico, como já definimos na seção teórica, um preconceito social que atinge, principalmente populações marginalizadas e menos escolarizadas, torna-se um obstáculo para o nivelamento dessa variação, existindo exceções, como o exemplo do termo *mula*.

Dessa maneira, a partir dos resultados, reiteramos que as Gírias de Grupo possuem função de autoproteção e afirmação do grupo identitário, como variações passíveis de serem estigmatizadas pelas próprias falantes, ao mesmo tempo que podem ser encaradas pelas mesmas falantes como de prestígio quando estão dentro da comunidade de prática. E, a partir disso, junto ao possível preconceito linguístico por parte da população, como afirma Preti (1984), em razão da forma estigmatizada que é vista essa variação linguística constituem-se obstáculos que impedem o nivelamento das gírias.



## 4.2 “De boi a bonde”: a formação das gírias a partir da metaforização

Olha, assim, a, de, a princípio quando eu cheguei aqui na cela eu achei estranho, a pessoa, a, eu vou arrumar a minha jega, eu ficava achando estranho, aquilo estranho, tanto que não uso esse palavreado, eu falo minha cama, a comida é a rampa chegou, é a rampa, é lavar o boi, é tipo essas coisas, sabe (DONA JOANA).

Com os trechos das entrevistas dispostos nesta seção, já é possível observarmos o uso de criações metafóricas na constituição das gírias utilizadas pelas internas. Assim, constatamos, a partir da análise das entrevistas, que foram faladas gírias possivelmente originadas a partir de figuras de linguagem, principalmente a partir de criações metafóricas, em conformidade ao que Preti (2006 [2004]) chamou de quebra-cabeça, no qual para entender o termo era necessário que o informante explicasse do que se tratava. Podemos comprovar essa afirmação, observando um diálogo entre a entrevistadora e uma participante:

(11) E: **Manguear?**

Clara: [...] **manguear**, tipo, em São Paulo **manguear** é quem pede dinheiro na rua, não sei se você sabe, aqui é tipo, se você ta fazendo uma faxina e você vai lá e joga alguma coisa no chão, e fala, nossa, você ta **manguindo** a faxina da coleguinha [...]

Verificamos, nos excertos já apresentados, que há uma presença de naturalidade na fala da interna, que, mesmo ciente de que a entrevistadora não faz parte daquele grupo de prática, usa as gírias como se fossem pertencentes a um repertório linguístico comum. No entanto, muitas vezes, não foi possível a entrevistadora compreender, mesmo com o diálogo ocorrendo, e foi preciso perguntar o significado do termo usado. Dessa forma, observamos que possivelmente a facilidade na compreensão seja apenas por parte dos membros iniciados naquela comunidade de prática, bem como os que estão ao seu redor constantemente, como os carcereiros.

Outra constatação a partir da interpretação qualitativa das entrevistas foi de que a utilização dessas criações metafóricas, além de garantir a discrição do que é falado, ainda refletem a cultura e a ideologia da vida no presídio, bem como a sua relação com a vivência do grupo lá dentro, entre violência, esperança e precariedade. Diante disso, podemos afirmar, conforme compreendemos metáforas em Lakoff e Johnson (2002), que para conseguir entender e interpretar as gírias, formadas a partir de criações metafóricas, é necessário conhecer a cultura e ideologia da comunidade de prática

Dessa forma, pretendemos aqui demonstrar a criação das gírias por essas criações metafóricas. Assim, selecionamos algumas gírias metafóricas que mais interessavam a nossa pesquisa. A seguir, serão expostas as criações metafóricas e a exploração de seu significado e enquadramento, quando pensamos nos estudos sobre metáforas.

As primeiras criações metafóricas já foram apresentadas nos excertos (22) e (23), por exemplo, e podemos considerá-las como criações metafóricas humorísticas, que carregam um sentido irônico ou cômico no que vai remeter. A primeira demonstrada é “praia”, que diz respeito ao chão entre as camas, que é utilizado pelas internas para dormirem quando o presídio não dispõe de camas suficientes para todas. Diante desse termo metafórico, percebemos que é refletido a trágica situação das presas quando há a superlotação, e, como foi revelado na seção anterior, a praia é o local onde as novatas são remetidas quando não há espaço nas camas, carregando um significado que não diz respeito apenas a uma criação arbitrária, mas, como defendeu Lakoff (1985), a um reflexo da vida e cultura vivida por elas.

(24) Letícia: [...] aí quando eu cheguei aqui era muito cheia, aí as **comarcas** era por tempo de cadeia, o mais antigo dormia nas **jegas**, quem chegou por agora, mais novo, dormia na **praia** [...]

Ainda sobre a criação metafórica para indicar esse local onde as internas dormem, em duas falas dirigidas ao falar desse local, duas internas diferentes revelaram que, no presídio da cidade de Jequié, cidade que fica há aproximadamente 155 Km de Vitória da Conquista (GOOGLE, 2022), que atualmente recebe internas do presídio de Nilton Gonçalves para o cumprimento das penas após a sentença, nomeiam o espaço entre as “jegas” de “pista”, enquanto em Conquista é chamado de “praia”. Esse relato nos sugere uma variante regional para a criação metafórica, ainda que exista um intercâmbio de internas para o presídio de Jequié. Observamos isso no excerto (25):

(25) Letícia: [...] quem dorme no chão é que dorme na **praia**, lá em Jequié eles falam **pista**, quem dorme no chão dorme na **pista**, e aqui a gente fala que dorme na **praia**.

Outras criações que nos chamaram atenção foram as metáforas referentes a animais, tanto para denotar local, objeto, quanto para referir-se à pessoa. As metáforas referentes a animais dão um caráter animalesco e selvagem, de forma pejorativa, a vida na prisão e a vivência das internas. A criação, já citada anteriormente, conhecida por estar saindo da seara de gíria comum, para um termo popular, é “mula”, que, em seu significado primário, diz

respeito a um mamífero híbrido, que exercia a função, principalmente, de transporte de carga e, na condição de criação metafórica, é uma das mais sugestivas de significado, já que diz respeito a pessoa que transporta drogas ilícitas. Assim, uma “mula” é a pessoa que transporta entorpecentes, considerada uma das posições mais baixas do tráfico, direcionada, na maioria das vezes, a mulheres.

(26) Eva: [...] quando eu cheguei tinha muita **mula**.

(27) Letícia: as **mulas** por exemplo... pelo menos as histórias que eu ouvi, tinha necessidade, mãe solteira, e precisou, precisa de um dinheiro e recebeu uma proposta.

Outra criação metafórica referente ao animal foi “boi”, vocábulo que se refere a um mamífero utilizado como gíria para indicar um homem que foi traído, na comunidade de fala estudada o vocábulo é utilizado para referir-se ao sanitário. Conforme é possível perceber no excerto (22):

(22) Bianca: [...] minha mãe fala, tu tá falando isso porque, quando eu falo ‘minha mãe vai no **boi**’, vai no banheiro.

“Boi” é uma criação metafórica também encontrada por Oliveira (2006), em sua pesquisa com os internados na FEBEM, conforme demonstramos na seção 2, representando o mesmo significado. Além disso, no excerto (21), Dona Ilda nos revela que esse vocábulo, “antigamente”, era utilizado como uma gíria para indicar menstruação. Assim, demonstrando como as variações vão se renovando e modificando no vocabulário do Português Brasileiro.

Outra metáfora para designar local é a palavra “seguro”, que indica a cela ou ala em que são colocadas as pessoas condenadas ou acusadas de cometerem crimes de violência sexual ou crimes contra crianças, considerados crimes desprezíveis e inaceitáveis pelas internas da ala ou cela comum. Assim, o “seguro” é o local onde essas internas ficam isoladas das demais como forma de proteção de sua integridade física.

O “seguro” é o local onde ficam as pessoas que são chamadas de “Jack” ou “Jacka”, que, em uma das entrevistas, a informante falou que remete ao filme “Jack, o estripador”, e interpretamos que ela quis dizer *Jack, o Estripador*, pseudônimo que designou a um suposto assassino em série que atuou em Londres, Inglaterra, por volta do século XIX, nomeado como estripador pelas características encontradas nos corpos assassinados. Essa personagem transformou-se em lendária, aparecendo em obras literárias e produções cinematográficas (BBC NEWS BRASIL, 2019). Assim, essa metáfora carrega o significado de remeter-se a um

criminoso cruel e sem escrúpulos, deixando essa marca na palavra, conforme observamos no excerto a seguir:

(28) Clara: [...] a gente só não pode falar com as do **seguro**, né, porque teve uma que ela abusou do filho dela de 5 meses, ela abusou e só não quer que a gente fale com ela, a gente não tem permissão de falar com ela [...]

(29) Letícia: [...] todo mundo que cai por estrupo é o **jack**, eu não sei porque.

Observamos, também, por meio das falas que, ainda que a interna não compreenda de onde veio o termo e o que ele significa, ela percebe a carga negativa que essa criação metafórica carrega, mais uma vez indicando que existe uma motivação semântica por trás da criação. Percebemos, por exemplo, que as pessoas que são identificadas como “Jack” ou “Jackas” carregam o desprezo e o alvo de sofrer violência em razão disso, sendo um grupo oprimido dentro da comunidade de prática, que, também é um grupo marginalizado pela população. Citando Sparks (1975), é uma sociedade, dividida hierarquicamente e com a produção de opressores e oprimidos a variar de como a pessoa é identificada naquele local.

(30) E: Como elas chamam vocês?

Tereza: [...] dói muito que eu não gosto nem de falar, assim, sabe, porque me dói muito, me dói, me dói demais, o, outro nome que eu nunca ouvi falar, né, por causa desse crime, chega aqui e elas falam o nome, é esquisito, chama a gente de **jacka**, eu não sei o que é isso, eu não sei o que significa isso, eu não sei o que é isso, aí eu fico imaginando, eu falo, puxa, eu tou sendo chamado de um nome que eu nem sei o que que é, é, no seguro.

Outra criação metafórica presente, que trouxemos nos excertos da subseção anterior, são as partes que compõe a cela, a “jega”, outra criação metafórica referente a animal, o “quieto” ou “queto”, que se refere a uma cortina, gíria inclusive encontrada também na comunidade dos internos da FEBEM, conforme nos informa a pesquisa de Oliveira, orientada por Preti (OLIVEIRA, 2006). Assim, percebemos que essas gírias trazem uma natureza irônica, que refletem o local em que vivem, o que nos permite mais uma vez reiterar a metáfora conceitual, como define Lakoff (1985).

(31) Bárbara: [...] tem os **quetos**, né, que é como se fosse a cortina da sua **jega**, a cama, cada cama cê tem a sua, tem na porta, tem no banheiro, na pia [...]

Além dessas criações metafóricas, ainda nos chamou a atenção as gírias formadas a partir do verbo “tirar”. O verbo “tirar” é uma criação que remete a cumprir, quando referimos ao cumprimento de pena ou de prisão enquanto responde o processo. Assim, identificamos nos

excertos a seguir, a construção com os termos “de boa” e “sofrido” sendo usado também no gerúndio:

(32) Samara: [...] Quem não é do tráfico **tira de boa**.

(33) Eva: [...] aí **tira sofrido**, é um inferno este lugar, para presas do [...] é bem pior.

(34) Dona Ilda: umas já foram embora de lá, outras ainda tá lá **tirando** [...].

Outra criação metafórica composta por mais de um vocábulo é a junção do verbo “vencer” com o substantivo visita, na qual a visita conserva seu significado original, mas o verbo “vencer” remete ao ato de pedir, solicitar ou obter e receber. Assim, “vencer uma visita” seria solicitar ou ter uma visita com alguém. De forma semelhante, “vencer uma visita” é utilizado como resposta à solicitação de receber alguém, como é possível observar no excerto a seguir:

(37) Letícia: [...] tem mulheres que arrumam o cara já preso, aqui mesmo tem uma menina que tava presa aqui esses dias, e justamente por isso, ela conheceu o cara, conheceu o cara, conhecia o cara, tipo, era um conhecido dela, e aí o cara tava preso, aí ela foi e perguntando a irmã do cara, e, como ta seu irmão, como é que tá, ta ainda custodiado, se ta, aí foi, ele mandou, uma carta pra ela? (ela estava presa aqui?) não, ela tava na rua, e ele preso lá no Novo, e eles começaram a se envolver por carta, né, aí ele perguntou se não **vencia uma visita** com ela, ela foi, né, falou que **vencia**, ela foi visitar ele lá, ela falou que vencia com ela [...] eles começara a namorar, ele já estando preso há uma cota, eles começaram a namorar, e já tava junto há 1 ano de 2 meses, aí ela foi presa aqui, por droga, porque querendo ou não ela fazia os corres dele na rua, as coisas que ele fazia e não podia porque ele tava preso ela acabava ajudando [...].

Nesse excerto, uma das internas narra um fato ocorrido com uma das colegas de cela que começou a se relacionar com um rapaz que estava preso em outro presídio da cidade, e o contato foi realizado a partir de cartas. Na narrativa, foi utilizado o verbo vencer ao lado do substantivo visita para o pedido de visita. Assim, temos uma mesma criação metafórica para solicitação e para resposta.

Além dessas duas criações compostas, ainda temos a palavra bonde, que leva dois significados a depender de como for empregado e a qual palavra está sendo relacionada. Quando é dito “foi”, “vai” ou “levou” “de bonde”, geralmente apresenta o sentido de referir-se à transferência de internas de um estabelecimento prisional para outro. Enquanto que “passar o bonde” diz respeito ao transporte improvisado de algum objeto dentro da cela, feito, segundo o relato, por meio de um rodo.

(38) Patrícia: [...] aí quando foi no final de 2018 eles começou a **dá bonde** das meninas, né, foi, o primeiro **bonde** que desceu daqui pra Jequié desceu 10 mulher [...]

(39) Bianca: O que chama de bilhete, aqui chama de **catatau**, é um bilhete, a gente escreve um bilhete, por exemplo se a gente quer falar uma coisa pra gente de outra cela a gente manda um **catatau**, é um bilhetezinho, a gente escreve o bilhete e manda pra outra cela, o **catatau** a gente chama, é quando a gente manda, quando vai passar a gente chama de **bonde** tamém, tipo, né, quando a pessoa vai e passar uma coisa de uma cela pra outra [...] porque a gente utiliza o rodo, coloca a sacola no rodo e empurra a mão porque a cela tem uma distanciazinha de uma pra outra, passa pelo **pirulito**, a grande que a gente chama de **pirulito** [...] a gente passa e chama isso de **bonde** tamém.

E por fim, para fechar o quadro de criações metafóricas que elegemos para trazer, está o termo “pirulito”, que notamos no excerto (39). Essa gíria nomeia as grades das celas, que, por inferência, podem sugerir um formato semelhante ao canudo que tem em um pirulito, um tipo de doce. Diante disso, notamos duas criações metafóricas que não são construídas arbitrariamente sem ter relação com o significado inicial da palavra, mas que, conforme Lakoff e Johnson (2002), é composto por um conceito que se relaciona ao conceito da palavra originalmente.

Destarte, afirmamos que, a partir das constatações, é possível reiterarmos que o processo de metaforização é um processo que envolve a criação de analogias, ainda que inicialmente não seja possível ser feita a ligação com o significado original, carrega em si uma motivação e relação com o conceito original da palavra. Assim, constatamos ainda que, conforme afirmou Preti (1984), as criações metafóricas representam um recurso expressivo de criações gírias, tanto na função de criptografar a linguagem falada, quanto no que diz respeito à expressividade de depositar a cultura na construção, representando sua vivência, ideologia e identificação.

Isso posto, nossa análise demonstrou a utilização das criações metafóricas como um importante e bastante utilizado recurso para a construção das gírias de grupo, assim como previu Matiello (2005), revelando, por meio dessas construções, o reflexo da vida na prisão, com seus problemas que não estão alheios à língua, mas que se refletem também nela. Assim, concluímos que a metáfora, tal como definiu Lakoff e Johnson (2002), é um recurso linguístico natural do ser humano, constituindo uma forma de expressar o que vê e o que vive, como demonstrado na pesquisa aqui apresentada, mostra-se com um recurso criptológico.

#### 4.3 Síntese da seção 4

[...] eu vacilei nessa parte, mas eu não vou vacilar mais, meu objetivo é esse, quando eu sair daqui, eu vou fazer o encceja de novo, o do 2 grau, né, só fiquei numa prova, e eu vou fazer de tudo pra mim passar né, e eu vou passar, quando

eu sair daqui, concurso eu não posso fazer, né, durante 5 anos, porque é 5 anos pra limpar o nome, eu posso arquivar o processo pra arrumar trabalho, mas concurso não, depois de 5 anos eu posso fazer, é isso que eu falei, falei pras menina que, quando a [...] <sup>52</sup> entra aí eu falo, cês vão ver, vocês vão ver eu de [...], não aqui[...] (DONA ILDA).

Nesta seção, expomos e analisamos a utilização de vocábulos gírios utilizados pelas internas do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, de Vitória da Conquista, BA e, a partir disso, obtivemos resultados que tendem a responder de forma parcial nossos questionamentos e ratificar nossas hipóteses. Assim, levando em consideração o formato do ambiente prisional, informado na seção metodológica, como um presídio que recebe, em regra, internas a caráter provisório, revelando uma rotatividade de entrada e saída de internas, e com uma organização feita por meio das próprias internas, com regras de convivência, chegamos a conclusões, conforme exposto das subseções anteriores e sintetizadas a seguir e, também, a questionamentos.

A princípio, identificamos a gíria enquanto uma linguagem importante para a construção do grupo marginalizado, tal qual entendemos Preti (1984), Matiello (2005) e Halliday (1976). Com a análise, constatamos que os vocábulos são utilizados pelas internas na comunicação diária no ambiente prisional, como no cumprimento das regras impostas pelas líderes do grupo e para nomear objetos, pessoas e ações. Assim, deduzimos, a partir da análise e interpretação dos dados, que os vocábulos gírios constroem a identidade ideológica e cultural do grupo, sendo utilizada de forma necessária no cumprimento de regras dentro do presídio. No entanto, ainda nos foi possível detectar que essa ideologia/identidade do grupo pode ir de encontro com a ideologia e cultura pessoal da interna, que pode demonstrar resistência no uso dos vocábulos gírios, deixando-os de lado sempre que for possível.

Por meio dessas análises, percebemos que as internas, mesmo relatando não utilizarem o vocabulário gírio, no decorrer da entrevista, acabaram utilizando de forma não monitorada. Esse ponto nos trouxe as faces do preconceito linguístico e do prestígio e estigmatização da fala, nos apresentando os limites em que essa estigmatização avança da fala não monitorada de internas que estão inseridas em uma comunidade de prática de forma obrigatória. Além disso, os resultados demarcaram a complexidade desse ponto, revelando que a gíria individualmente, na perspectiva de ser utilizada em uma comunidade diversa, ela pode ser estigmatizada pelas

---

<sup>52</sup> Nesta fala, Dona Ilda conta do objetivo de se tornar funcionária pública quando estiver em liberdade, a informante fala o cargo, mas em razão de retirar quaisquer dados que possam identificá-la, preferimos ocultar o cargo público ao qual ela informou.

próprias usuárias, no entanto, não apenas é taxada com estigma, mas também com prestígio, isso pois, para conviver na comunidade de prática analisada, é necessária.

Ademais, os resultados da análise ainda revelaram que o preconceito linguístico e essa estigmatização do vocábulo gírio fora do ambiente prisional limita a sua divulgação. À vista disso, em regra, não ocorre o nivelamento desses termos gírios para a linguagem comum, ficando limitada ao uso da comunidade de prática pertencente e ao conhecimento de comunidades de prática que transitam por ela.

Nesse caso, chegamos à conclusão de que a gíria pode receber mais uma característica em sua definição, o caráter estilístico. Isso em razão dela configurar-se como um recurso que quebra a dualidade entre prestigioso e estigmatizado, sendo em determinado momento utilizado intencionalmente em determinada comunidade de prática a prestigiar e, em outro momento, ser preterida ao transitar por outra comunidade.

E por fim, a fim sintetizar o que já vinha sendo dito nas seções anteriores, a respeito da condição secreta da gíria, apresentamos uma seção para falar a respeito da formação e do caráter criptológico das gírias. Assim, de acordo com essa análise e interpretação, concluímos que o Processo de Metaforização é uma forma de criação dos vocábulos. Dessa forma, esta subseção nos levou a compreender que as gírias de grupo podem ser formadas a partir de criações metafóricas, constituindo-se como uma forma de antilíngua (HALLIDAY, 1976), com caráter metafórico.

E por último, por meio das análises realizadas nesta pesquisa, chegamos a conclusões a respeito da utilização e formação dos vocábulos gírios, assim como nos surgem questionamentos de como é o comportamento desse fenômeno gírio em uma população carcerária mais estável, como a população carcerária do presídio da cidade de Jequié, na Bahia, que recebe a maioria das internas do presídio Nilton Gonçalves que obteve sentença penal condenatória para cumprimento de sentença.



## 5 “MULAS E JACKAS”: UM RETRATO DAS MULHERES INVISÍVEIS DO NILTON GONÇALVES

Cada dia que passa é a tentativa de sobrevivência nesse lugar (LAURA).

A realização desta pesquisa, conforme dito em outras palavras na primeira seção, busca cumprir uma demanda social que se faz acadêmica, já que a ciência deve trabalhar em torno dos problemas humanos e a ciência linguística não está dispensada de carregar esta responsabilidade. Essa demanda social chega a se caracterizar pela violação de um fundamento do Estado Democrático de Direito, a violação da dignidade da pessoa humana. Diante disso, nesta última seção, temos por objetivo responder quem são essas mulheres invisíveis, último questionamento apresentado em nossa introdução e um dos objetivos com a realização deste trabalho.

Assim, com o título, *Mulas e jackas: um retrato das mulheres invisíveis do Nilton Gonçalves*, nesta seção buscamos dialogar com a sociedade, realizando uma reflexão acessível, não somente para a academia, mas também para as organizações e entidades que trabalham junto ao Conjunto Penal e para a sociedade como um todo, que busca a efetivação de uma sociedade justa e que respeita a dignidade da pessoa humana, por meio, por exemplo, do processo de ressocialização das encarceradas do presídio e da sua inserção na sociedade.

Para tanto, inicialmente, tratamos de traçar dados da pesquisa com dados de pesquisas que levam em consideração toda a população carcerária, bem como trazemos dados e reflexões a respeito de quem são essas mulheres encarceradas e como elas vivem. Assim, a primeira subseção é intitulada como “*tirar de boa*”: *quem são as mulheres “atrás das grades?”*.

E por último, com a intenção de destacar os resultados sociolinguísticos do estudo, voltando para a problemática social que a fonte do *corpus* sofre, a fim de realizar uma reflexão a respeito da vivência dessas mulheres encarceradas, foi organizada a subseção, “*Aqui é um inferno!*”: *O ambiente prisional, suas relações e as gírias de grupo*. Nesta subseção apresentamos relatos que demonstram a vida nessa “sociedade dentro da sociedade”, destacando a complexidade da vivência nesse local, como momentos de apoio e de abandono, de companheirismo e de rivalidade, de “tirar de boa” e de “inferno”.

### 5.1 “Tirar de boa”: quem são as mulheres “atrás das grades”?

Na seção metodológica, vimos gráficos que retratam o perfil social das mulheres encarceradas, na seção de exposição e discussão dos resultados, detectamos as gírias encontradas e falamos brevemente onde e de quem este *corpus* surge, mas, para construção da imagem dessas mulheres e para fecharmos um raciocínio a respeito desse fenômeno sociolinguístico que é rondado por problemas sociais, percebemos a necessidade de uma discussão social. Diante disso, nosso compromisso, enquanto pesquisadoras sociolinguistas, foi, a partir do estudo do *corpus* indicado, também traçar quem produz esse *corpus*, sob uma discussão sensível a partir das entrevistas e das análises realizadas.

De início, retomamos ao que já citamos no decorrer da dissertação, a população carcerária brasileira vem crescendo ao longo dos anos, fazendo o país permanecer no pódio entre os países que detêm a maior população carcerária e, embora o crescimento da população carcerária masculina esteja recuando, a população feminina tem aumentado desde o início dos anos 2000. Diante disso, o país, além de estar no pódio de maior população carcerária, também ocupa o 3<sup>a</sup> lugar entre os países que detêm a maior população carcerária feminina, conforme os dados do CNJ (BRASIL, 2022). Esses números, conforme já citados, foram uma das motivações para o nosso investimento na pesquisa, mas, além de números, para tomarmos conhecimento desta população (e desses problemas), sentimos a necessidade de apresentarmos uma fotografia que retrate as cores e classes que caracterizam essas mulheres.

Diante dos números e do aumento da população carcerária brasileira, devemos, em reação à suposta naturalidade estatística, atentar-nos, na condição de pesquisadoras que somos, para os marcadores sociais e os números sociodemográficos de aumento dessa população, ou seja, perguntamo-nos “qual é a população que protagoniza este triste aumento dos números?” para, assim, compreendermos o que esses números e dados nos revelam. Nesse sentido, Quadrado (2014) destaca que a população carcerária em ascensão no Brasil é formada por, em sua maioria, mulheres jovens, negras, pobres, mães e com ensino fundamental incompleto, tendo como um dos fatores responsáveis por esse aprisionamento, a política de guerra às drogas.

Nessa perspectiva, conforme já mencionado em seções anteriores, depreendendo dos últimos estudos realizados pelo Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (2014, 2017, 2019) e informações da Secretaria Nacional de Políticas Penais (2022 e 2023), a população carcerária feminina tem crescido, e uma das tipificações penais mais presentes nesse aumento foi o de tráfico de drogas. Quadrado (2014) destaca que esse aumento pode ser analisado a partir das grandes mudanças econômicas, políticas e sociais que vêm ocorrendo na

sociedade, que, segundo a pesquisadora, ocasiona um quadro de empobrecimento da população feminina e a sua inserção precária no mercado de trabalho. Essa situação, aliada à dura repressão às drogas, estaria promovendo o aprisionamento em massa de mulheres por tráfico de drogas.

A tipificação na Lei de Tráfico de drogas não reflete uma incidência grande de mulheres no comando do crime de tráfico de drogas, mas o número de mulheres que, muitas vezes, são enquadradas na lei de drogas pelo cometimento de delitos menores (BORGES, 2019). Nesse viés, Quadrado (2014) afirma que esse aprisionamento feminino por tráfico de drogas ocorre a partir de flagrantes com pequenas quantidades de drogas e complementa que

outro fato a se analisar é a estrutura do mercado de drogas ilícitas, que reproduz um padrão muito similar ao do mundo do trabalho legal. Em geral, as mulheres ocupam as posições mais subalternas ou menos “importantes”, como: mula, avião, bucha, vendedora, fogueteira, vapor etc. Elas também podem figurar nas funções de pequenos traficantes ou traficantes intermediários, que são os donos da “boca de fumo”, realizando o intermédio entre os grandes e pequenos traficantes (QUADRADO, 2014, p. 32).

Varella (2017) relata, em seu livro *Prisioneiras* (VARELLA, 2017, p. 182) a mesma constatação que Quadrado (2014) assinala. Segundo ele, “a maior parte das que aderem à criminalidade o faz pelo caminho do uso de drogas ilícitas, por relacionamentos afetivos com usuários, ladrões e traficantes” e complementa, ainda, esclarecendo que esse contato é feito a partir da necessidade “como parte da estratégia para manter a família ou para fugir da violência doméstica”. E por fim, o médico afirma que “na hierarquia do crime, elas ocupam a base que deve subservir aos chefes; poucas conseguem chegar aos escalões intermediários”. Diante disso, é reafirmada a posição hierárquica inferior que a maioria das mulheres ocupa no tráfico de drogas.

Esse tipo de atividade criminosa, nesse lugar ocupado pelo sexo feminino, deixa as mulheres em uma situação de risco maior de flagrância, logo mais vulneráveis ao encarceramento. Nesse ponto, podemos entender que a divisão de gênero do trabalho, perpetuada por uma desigualdade estrutural de gênero, não só opera no mercado de trabalho formal e lícito, mas também em atividades criminosas, como na organização do tráfico de drogas. Diante disso, conforme o guia *Mulheres, políticas de drogas e encarceramento*, (YOUNGERS *et al.*, 2018), essas mulheres encarceradas raramente configuram-se como reais ameaças para a sociedade, além de serem, em sua maioria, facilmente substituíveis, o que significa dizer que, ao serem presas, não irão trazer impactos às organizações de tráfico de drogas.

Essas afirmações tecidas nesta pesquisa vão ao encontro do perfil das mulheres encarceradas no estado baiano em nossa pesquisa e em uma pesquisa realizada pela Defensoria Pública do Estado da Bahia (BAHIA, 2023), iniciada em 18 de janeiro de 2022, concluída no dia 11 de março de 2022 e divulgada no dia 13 de março de 2023. Esta pesquisa foi realizada a partir da análise de dados presentes nos portais eletrônicos do Tribunal de Justiça da Bahia e da Defensoria. No período da pesquisa, o Conjunto Penal Nilton Gonçalves, local em que estava presente comunidade de fala, tinha o total de 31 (trinta e uma) mulheres encarceradas, dentro da média de mulheres que ficam encarceradas neste presídio, que comporta, em sua maioria, presas em regime de prisão provisória. Durante o período de pesquisa, esse número oscilou de 25 (vinte e cinco) a 40 (quarenta) encarceradas, conforme mencionamos na seção *Tirando por ondas: caminhos metodológicos*.

Segundo a pesquisa da DPE-BA (BAHIA, 2023), quanto à prisão cautelar, 44% referem-se à Lei de Drogas e, quanto às prisões preventivas, 43% se referem a crimes desta lei. Na nossa pesquisa, entre as detentas que em sua maioria estavam em prisão preventiva, os crimes enquadrados na Lei de Drogas representavam 61% das tipificações. Os relatos coletados a partir das entrevistas realizadas, como nas falas de Eva, excerto (26), e da autoridade policial, excerto (23), demonstram que os casos das encarceradas que se enquadra na Lei de Drogas, em sua maioria, correspondia a mulheres que foram flagradas tentando transportar drogas, as chamadas “mulas”, ou às mulheres que foram presas junto ao seu parceiro, portando drogas. Nesse sentido, destacamos o relato de Nilza, que foi presa por tráfico de drogas junto com seu filho:

(40) Nilza: Porque na verdade eu não tenho crime, né, eu fui apenas assim, vamo fazer assim, você ta fazendo algo de errado e eu tou vendo e não tou fazendo nada, foi o que aconteceu, meu menino tava é, entrou com [...] anos nesse mundo do crime, né, do tráfico, e eu sabia de tudo e eu não delatei, né, aí quando foi a polícia pegou eu e pegou ele, os dois junto [...] e me colocou aqui, mas eu mesma não tinha participação nenhuma.

Além de Nilza, houve outros relatos relacionados com a prisão da mulher em razão de ser presa com o companheiro, marido ou outro familiar, como foi o caso de Ivonete, mãe de uma criança de três anos de idade, que foi presa junto ao seu marido. Ademais, Eva, ao ser entrevistada conta da “menina” que ficou lá por três dias, presa por tráfico de drogas por estar junto ao namorado no momento da fragrância. Dona Ilda, que já estava há mais tempo no presídio não deixou de destacar que “elas”, as mulheres que tinham relacionamentos com homens envolvidos com drogas, quando não eram presas, ficavam à mercê deles e viraram um alvo da polícia:

(41) Dona Ilda: Então se você namora com uma pessoa dessa você é refém dele, você, é, tanto você fica refém dele, como você fica refém da polícia, você fica refém dele e o alvo da polícia, que a polícia acredita assim [...] fulano ta preso, cadê a mulher dele? Sumiu, ah, a mulher sumiu pra gente não prender ela porque ela ta no lugar do marido, ta no lugar, porque não tem pra onde ir, não tem o que comer, aí ela dá continuidade, a profissão do marido, ela já é instruída pra aquilo, ela já aprende, ta entendendo [...] senão.

Além desses relatos, Joana, mãe de uma criança menor de 5 anos, ao ser questionada a respeito da forma que foi presa, responde que foi no momento que encontraram drogas na casa onde morava, e completa que a droga não era dela, mas do marido, mas mesmo assim foi presa por tráfico:

(42) Joana: Não, praticamente foi, né, não tinha nada meu, era tudo dele né, eu só morava na casa, eu só fui errada porque vi ele no erro e permanecer no erro [...] e não tinha droga nenhuma minha, era tudo dele, mas não teve jeito, a polícia me prendeu de qualquer jeito.

Ainda, de acordo com a pesquisa realizada pela DPE-BA (BAHIA, 2023), 92% das mulheres encarceradas no estado são negras, 81% se autodeclararam pardas e 11% pretas; 50% não terminaram o ensino fundamental e 15,1% não concluíram o ensino médio, enquanto que apenas 0,9% informaram possuir ensino superior; 44% das internas tinham ao menos um filho; 82,5% afirmaram ser solteiras, 13,5% afirmaram ser casadas; 1,5% declararam ser viúvas; e 0,3% divorciadas. 71% afirmaram não receber qualquer tipo de renda, enquanto que 20% afirmaram receber entre 500 reais a 1 salário mínimo; 9% informaram receber de 1 a 2 salários mínimos. Diante desses números, endossamos o que os dados dizem a respeito de quem são essas mulheres. Temos então uma “fotografia” que revela que as mulheres encarceradas nos presídios baianos são, em sua maioria, negras, solteiras, com filhos e advindas de uma situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Os dados da pesquisa da DPE-BA (BAHIA, 2023) se assemelham aos dados coletados em nossa pesquisa. Conforme já esclarecido, na seção metodológica, a coleta de dados linguísticos e sociais foi feita por meio de entrevistas realizadas em momentos entre os anos de 2019 e 2022, com parte da população presa naquele momento, que, diferentemente da pesquisa quantitativa realizada pela DPE-BA (BAHIA, 2023), configurou-se essencialmente como uma pesquisa qualitativa. Nossos dados registraram 63% de população feminina negra no período estudado, considerando que o presídio comporta, em sua maioria, detentas em caráter provisório, número que já representava uma maioria da população carcerária negra. Além dessas características, 67% desta população tinha ao menos um filho; 60% eram solteiras, desconsiderando a união estável nessa porcentagem, enquanto que 40% eram casadas ou em

união estável. Ademais, registramos que 63% tinham no máximo o ensino fundamental e 5%, que correspondia a apenas uma pessoa, possuía ensino superior completo. Dentre esses 63% está Nilza, que fala sobre a falta de estudos e a falta de uma profissão que pudesse ajudá-la financeiramente:

(43) Nilza: Eu tinha uma visão fechada, cadeia qualquer pessoa a qualquer momento pode vir, mas eu acho assim se você tem uma estrutura financeira boa, eu acho mais difícil você vim, não tou dizendo assim que você não vai se corromper, mas eu falo assim, se eu tivesse estudado, eu fiquei viúva com [...] anos, se eu tivesse estudado, vou falar logo minha verdade, tivesse sido alguém na vida, meu filho não teria tido precisão de ir vender droga pra poder ajudar na manutenção da casa, tendeu, é, a minha visão hoje é assim [...] eu tenho fé e esperança, né, de terminar aqui, fazer um curso de enfermagem, de dentista, se não servir pra ele, vai servir pros meus netos, pra não cair aqui como eu caí [...].

Uma das entrevistadas, traçada por esses marcadores sociais, é Lorena, que se autodeclara como mulher negra, jovem, que não concluiu o ensino fundamental e que veio de uma situação de extrema vulnerabilidade social e econômica. Em seu relato, ela conta desde infância marcada pela prisão de sua mãe, as vivências nas ruas, a sua adolescência até a fase adulta, em que teve filhos e suportou a violência doméstica por não ter para onde ir. Vejamos em suas palavras o que esboça sobre a sua vida:

(44) Lorena: [...] dormi na rua, já dormi debaixo da igreja, só deus sabe [...] as maioria dos homens que me ajudava tentava ter coisa, ter relação comigo, aí eu voltava pá rua, dormia na rua de novo [...] eu fiquei quatro anos no conselho tutelar, a primeira cadeia que minha mãe tirou, eu era criança, eu tinha 9 ano, aí de lá de Jequié, como eu fiquei na rua, lá em Jequié não tinha abrigo pá de menor e me mandou paqui, eu fiquei quatro ano no conselho tutelar daqui, aí minha mãe saiu foi um sacrifício pá ela me tirar do conselho tutelar, as vezes eu penso assim, mas antes ela tivesse me deixado lá, pelo menos eu ía ter uma, uma casinha, eu não sei, só Deus sabe, porque as maioria das menina que tava lá, hoje em dia tem a sua casa, tem seu trabalho, tem umas que trabaia até no centro, ter a casinha dela minha casa minha vida, mas ante minha mãe tivesse me deixado lá, tem hora que eu penso assim, aí depois ela pegou, ficou um tempo sem entrar nessa vida, aí depois ela entrou de novo nessa vida, foi pá Jequié, e eu tava grávida do meu primeiro filho, de sete ano, ele ta com o pai.

(45) Lorena [...] cê tem um marido que só lhe bate, só bate na sua cabeça, que tou aqui através dele, nunca chamei a polícia pá ele [...] batia em mim, batia muito, e como eu não tinha lugar pra ficar, aí eu conheci ele, aí eu fui morar com ele, no começo assim era tudo normal, aí depois começou, né, ele me batendo direto, me batendo direto, e sempre todo dia, todo dia, olha o quanto que eu bebo de remédio, olha lá, pra ti ver na casa, olha lá, tomo vários remédio, pá dor de cabeça, sinto muita dor de cabeça, e eu tô pecisando desse exame, né, pá fazê, eu acho que vou ter o mesmo problema que ela.

A partir desse relato, podemos concluir que o perfil dessas mulheres encarceradas, aquelas que buscam “tirar de boa” sua pena, ou seja, cumprir a pena de forma tranquila no

presídio ou que aguardam a sua sentença, é formado por uma mulher que adveio de uma vulnerabilidade anterior, de uma situação que, desde muito cedo, já esboçava muita violência.

## 5.2 “Aqui é um inferno!”: o ambiente prisional, suas relações e as gírias de grupo

[...] que é muita coisa, muita coisa, eu mesma já falei que eu eu preferia ta morta, ante eles ter me matada que trazido pra um lugar desse, e eu falei isso pra minha mãe, mãe falou, para com isso, eu falei, mãe, a senhora não tá entendendo o que eu te dizendo, eu preferia ta morta que tá num lugar desse, antes a polícia pegar e matar logo a pessoa que a pessoa vá pro cemitério e pronto, descansa, do que vim, ficar vivo, num inferno desse, cê acha que a pessoa sai melhor de um lugar desse, num sai, a pessoa sai pior, porque eles pega, joga a gente lá que nem bicho e eles não entra lá dentro, eles só entra dia de baculejo, eles não entra lá dentro, uma mata outra lá, faca, dá facada em uma outra lá dentro, corta uma outra lá e eles não tem conhecimento [...] (LAURA).

Na subseção anterior, reiteramos quem são essas mulheres encarceradas, formadas em sua maioria por uma população acusadas ou condenadas por tráfico de drogas, de uma classe social menos abastada, mãe solo e jovem. Esse é o perfil social das mulheres que preenchem as vagas prisionais, no entanto, não são apenas estes fatores que importam para a compreensão sociolinguística do uso das gírias pelas mulheres encarceradas, mas também, conforme já mencionado, importa-nos que ambiente é esse e como é formada a convivência nele. Afinal, é possível sempre “tirar de boa”?

Para essa pergunta, observando o título desta subseção, podemos responder “Não!”. A palavra inferno foi utilizada por duas das entrevistadas para caracterizarem o ambiente prisional em que viviam. Mas esse ambiente não deveria levar um adjetivo como esse para caracterizá-lo, já que, conforme a Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984), a pena deveria exercer a função de “reeducar” a pessoa presa e promover condições para a integração social.

Diante disso, os estabelecimentos prisionais deveriam ficar com encargo de proporcionar atividades que promovessem a reabilitação do preso e a sua volta para a sociedade. Essas atividades teriam como base a promoção da saúde, educação, trabalho, profissionalização, além do acesso à saúde psicológica e à religião (BRASIL, 1984). No entanto, conforme o INFOPEN (2019), o ambiente prisional está longe de ter estrutura física e de pessoal para a promoção desses direitos à pessoa encarcerada. Assim, enquanto a legislação busca garantir a dignidade da pessoa humana na execução penal a fim de reintegrar na sociedade, as precariedades do sistema prisional e sua estrutura vão em caminho contrário, e

quando se fala nessa estrutura para as mulheres, conforme já mencionado, a situação é ainda mais agravada.

Como mencionamos ao longo do texto, no Brasil há a desigualdade de gênero, que não está em apenas um campo da vida dos brasileiros, mas em todas as suas estruturas, como, por exemplo, no atendimento às necessidades das mulheres no ambiente prisional. As necessidades das presas são diferenciadas dos homens, já que envolvem desde questões de higiene, de maternidade, a questões sociais convivência familiar.

Este estudo, conforme já mencionamos, foi realizado em um estabelecimento prisional que detém, em sua maioria, mulheres em regime provisório, ou seja, mulheres que estão ainda aguardando julgamento, sob o regimento da Lei de Execução Penal nº 7210, de 11 de julho de 1984, a qual descreve os direitos e deveres dos encarcerados. Essa lei dita políticas e organizações prisionais que, além de promover o cumprimento da pena, efetivam a recuperação da pessoa ao convívio social, para sua reinserção na sociedade.

Esse ambiente prisional, no entanto, conforme falamos de forma breve neste trabalho a partir das citações do Relatório da Pastoral Carcerária (CNBB, 2016, p. 62) e do CNJ (BRASIL 2016), é feito estruturalmente para receber homens, assim consiste em ambientes que não dispõem de estrutura para o adequado convívio da mulher. No Conjunto Penal pesquisado, embora os esforços dos servidores em promoverem os ditames da lei, não há uma estrutura adequada para as mulheres, ou a presença de pessoal que dê conta das demandas, conforme os relatos das internas.

Outro aspecto a ser observado, já lançado na introdução com a citação de Varella (VARELLA, 2017, p. 27) ao dizer que as mulheres são esquecidas, é a sua ligação com a sociedade e com a família, elemento que influencia na reintegração dessas mulheres na sociedade. As autoras Vargas e Falcke (2019), em sua pesquisa, tendo como *corpus* mulheres de um presídio do Rio Grande do Sul, destacaram que “há uma fragilização da relação dessas mulheres com seus filhos, que são afastados da convivência materna e tendo que recorrer a outros familiares ou ao Estado para dar conta de suas necessidades (p.199)”. Assim, esse afastamento constitui mais uma peculiaridade da situação carcerária feminina. Nesse sentido, Varella (2017) diz que:

A separação dos filhos é um martírio à parte. Privado da liberdade, resta ao homem o consolo de que a mãe de seus filhos cuidará deles. Poderão lhes faltar recursos materiais, mas não serão abandonados. A Mulher, ao contrário, sabe que é insubstituível e que a perda do convívio com as crianças, ainda que temporária, será irreparável, porque se ressentirão da ausência de cuidados maternos, serão maltratadas por familiares e estranhos, poderão enveredar



pelo caminho das drogas e do crime, e ela não os verá crescer, a dor mais pungente (VARELLA, 2017, p. 32).

No livro *Mulheres na prisão* (GONÇALVEZ; COELHO; BOAS, 2017) e *Presos que Menstruam* (QUEIROZ, 2015), as entrevistadas apresentam relatos, como: “Tem 04 meses que eu não vejo meus filhos” (GONÇALVEZ; COELHO; BOAS, 2017, p.88); “Eu não conheço meus filhos. Eu sou assim: eles sabem que eu sou a mãe deles, mas praticamente sou uma desconhecida (QUEIROZ, 2015, p.21)”. Realidade que não é diferente das detentas que participaram da nossa pesquisa, que, em sua maioria, conforme já demonstrado, são mães, deixaram seus filhos com os avós e outros familiares, sem terem contato com eles durante o período de cárcere.

Bruna, uma das entrevistadas, relatou o quanto sente falta da filha e, por ela ter problemas de saúde, mencionou a angústia que é estar longe e não poder ter contato com ela. Segundo Bruna, sua filha fica sob os cuidados da avó, que já veio visitá-la uma vez, mas que, por conta do problema da criança e por eles morarem longe, nunca pôde trazê-la consigo. Durante o momento da entrevista, aos prantos e com a voz embargada, Bruna disse:

(46) Bruna: tem bastante dia que não vejo minha filha [...] e minha filha é doente, tem problema de convulsão e não pode vir pra lá e pra cá.

Também emocionada, Márcia falou o quanto estava sentindo falta de sua família e relatou que, diferente de muitas de suas colegas de presídio que não tem contato ou apoio de seus entes, a sua família não a abandonou, mas, como mora há mais de 400 km de distância, não é possível para eles virem visitá-la:

(47) Márcia: só sei que saudade da minha família, muita saudade de minha família [...] cê é doído, abraçar minha avó, meu pai, meus cachorros.

Leila ao relatar sobre sua chegada no presídio, conta da dificuldade da família em visitá-la por morar longe, assim como relatou a experiência de ter sido acometida com Covid-19 dentro do presídio em um momento em que ainda não tinha tomada nenhuma dose da vacina:

(48) Leila: eu vim aqui por causa que minha família é de longe, eu fiquei aqui três mês sem notícia nenhuma de ninguém da minha família, minha mãe não vinha me ver, por causa que teve uma enchente na minha cidade [...] aí minha mãe tava na roça, aí alagou de água e não podia sair, aí ficou três mês, quando descí **de bonde** prá cá fiquei quase três mês sem saber de ninguém, sem nada, as meninas que me ajudava, eu não comia, e eu peguei covid aqui, e eu fiquei isolada

e eu apavorava porque eu pensei que eu ia morrer por conta do covid e minha mãe não aparecia [...] eu tou sem vacinar até hoje, não tomei nenhuma.

Outra interna que se emocionou ao falar do filho foi Ivonete. Ela seguiu relatando a respeito da vida na prisão e, quando iniciou falando sobre família, seu semblante mudou e ela, demonstrando tristeza e com a voz de choro, contou que o maior sofrimento é estar longe de seu filho de apenas 3 anos de idade:

(49) Ivonete: A gente tá respondendo por porte ilegal de armas né e droga... eu estou aqui por conta dele né, porque eles entraram na nossa casa, e cidade pequena não tem audiência de custódia né, como você sabe, e até hoje eu não fui ouvida, por conta disso eu tou aqui até hoje. O sofrimento maior tá o nosso pequenininho né, tem três anos.

Os relatos não ficaram apenas nas vozes das mães, mas também nas colegas que falaram sobre a vida de uma mãe encarcerada. Dona Ilda, participante que fez muitos relatos a respeito da vida na prisão, falou de uma colega de cela que tinha um filho de apenas dois anos de idade, e que sofre muito com a falta dele. No mesmo relato, Dona Ilda fala sobre o contato com sua família e como foi abandonada por ela, outro problema sério enfrentado pelas presas:

(50) Dona Ilda: E ela tem uma filhinha de dois anos (nossa), tem uma filhinha de dois anos, tem hora que ela encosta assim perto de mim [...] meu coração corta, ela chorano, ela fala assim, me ajuda [...], por favor, me ajuda, ela fala assim, me ajuda, eu eu mando ela sentar e eu falo, eu não tenho como lhe ajudar, não tenho o que fazer por você, eu tou pior que você, numa situação assim pior do que você, você vai sair porque você tem sua filhinha, [...] na verdade [...] eu vou te falar, eu tenho mãe, eu tenho irmão, eu já ajudei muito, sabe, ela só tem eu de mulher, mas quando eu vim presa ela falou que não queria nem saber, e meu irmão já teve preso, e várias vezes foi pra ser preso e eu não deixei, eu ajudei, então hoje em dia eu prefiro falar que eu não tenho família.

Outro aspecto que nos chamou atenção durante a pesquisa e que é percebido no relato trazido por Márcia é a dificuldade em receber visitas ou, até mesmo, a ausência de visitas. Nesse sentido, Gonçalves, Coelho e Boas (2017) trazem relatos em sua pesquisa nos quais são ditos que as condições financeiras e a distância eram empecilhos para receber visitas. Nos relatos feitos em nossa investigação, algumas detentas, assim como Bruna, afirmaram ser de outras localidades, a exemplo de Stefany, que, antes de ser presa em flagrante ao tentar transportar drogas, morava em São Paulo e tem toda sua família naquela localidade. Essa distância, junto a condições financeiras, a forma como a família trata a mulher após a prisão, assim como a revista íntima, são aspectos que podem estar causando a falta de visitas na ala feminina. Dona Maria, uma interna que falou sobre as histórias que ouvia por lá, relatou que poucas mulheres

recebem visitas e que os homens recebem mais visitas, principalmente quando se fala em visitas íntimas. Realidade que condiz com a descrita por Varella (2017):

Em onze anos de trabalho voluntário na Penitenciária Feminina, nunca vi nem soube de alguém que tivesse passado uma noite em vigília, à espera do horário de visita. As filas são pequenas, com o mesmo predomínio de mulheres e crianças; a minoria masculina é constituída por homens mais velhos, geralmente pais ou avôs. A minguada ala mais jovem se restringe a maridos e namorados registrados no Programa de Visitas Íntimas, ao qual as presidiárias só conseguiram acesso em 2002, quase vinte anos depois da implantação nos presídios masculinos. Ainda assim, graças às pressões de grupos defensores dos direitos da mulher (VARELLA, 2017, p. 27).

Nesse sentido, comentando a respeito do recebimento de visitas, Inês também fala que a maioria dos homens recebem visitas, inclusive visitas íntimas, enquanto que as mulheres recebem menos visitas. Além disso, ela ainda relata, que antes de ser presa, falava para seu filho que já vinha se envolvendo com drogas, que nunca iria visitá-lo se ele fosse preso. Contudo ela afirmou que falava isso “da boca pra fora”, pois, segundo ela iria morar ao lado do presídio se isso tivesse acontecido. Relembrando de quando não estava presa, ela contou:

(51) Inês: Eu via muitas vezes assim na televisão, aquelas senhorinhas de idade chegando pra ver os filhos, eu falava assim, será que esses filhos não tem vergonha, né, de fazer essas mães passar por coisas assim, porque a pessoa chega a uma certa idade que tem seus princípios, né, e uma vergonha de ser revistada, de ter todo esse constrangimento, a mãe vem mesmo porque é a mãe, porque é vergonhoso é.

Por esse caminho, a pesquisa realizada pela Defensoria Pública da Bahia (2023) nos presídios baianos constatou que, em 75% dos casos analisados, as presas não recebiam qualquer tipo de visita. Essa falta de visitas provoca graves problemas às detentas, como o afastamento familiar e seus vínculos, que são cruciais para sua ressocialização. A solidão causada por esse afastamento familiar e a falta de visitas pode ser um dos fatores que influenciam também no agravamento de problemas psicológicos entre as internas, conforme Santos *et al.* (2017):

Devido ao confinamento, as mulheres possuem uma dimensão de conflitos que, de modo sobreposto e multifatorial, desencadeia uma série de situações relacionadas que afetam negativamente as condições de saúde e de vida. As entrevistadas deixaram claro que estavam em um período de grande estresse. Seus relatos evidenciam situações que caracterizam estados de depressão e ideação suicida, conforme depoimentos a seguir: [...] me deparo no tempo sozinha. [...] me bate a depressão do abandono. [...] tem hora que eu me acho péssima. [...] vontade de morrer, [...] parar de sofrer [...] (M3); [...] estressada [...] desconfiança na polícia [agentes penitenciárias] meus problemas [...] (M16) (SANTOS *et al.*, 2017, p. 5).

Semelhantes aos depoimentos coletados na pesquisa de Santos *et al.* (2017), durante nossas entrevistas, ao falarem sobre a família, as encarceradas se emocionaram e todas ficaram com a voz embargada e os olhos cheios de lágrimas e, ainda, em outros momentos, elas relataram vontade de “sumir”, de “desaparecer”. Durante as mesmas entrevistas, todas, com exceção de uma das internas que ainda não tinha tido consulta com o médico psiquiatra, relataram utilizar remédios para ansiedade, depressão ou para dormir. Citamos, como exemplo, Dona Neide, que relatou tomar mais de uma fórmula de remédio para ansiedade, trazendo, no momento da entrevista, várias cartelas de medicações diferentes:

(52) Dona Neide: Pra tu ver que não tou mentindo, um pá ansiedade, que eu deu tomar agora cedo, esse aqui é o que [inaudível] ansiedade, a travessa desse aqui ó, ta vendo esse aqui, quando me dá convunção, mas se eu ficar uma semana, aí eu começo a me tremer, e eu tomo todos os dias.

Também relatando o uso de remédios para dormir, Nilza, que tem um filho preso e, segundo ela, foi presa por tráfico por conta de seu filho, fala sobre sua vida anterior à prisão, e a introdução dos remédios para conseguir dormir.

(53) Nilza: Eu dormia oito e meia, quando era seis e meia, sete horas eu já tava acordada, quando ele trabalhava no [...] eu acordava cinco horas, fazia caminhada, dormia normal, nunca tomei remédio pa dormir, hoje eu tomo, porque é impossível dormir, é difícil, eu eu ficar sem um dia aí eu fico só pensando nele [no filho], a noite toda, eu tomo e ela ali fala que eu falo, [...], meu filho, dorme mais um pouquinho meu filho, porque ta frio, que mamãe vai fazer o café.

Esses problemas de saúde, segundo Santos *et al.* (2015), são desencadeados pela precariedade do sistema prisional, bem como pelas condições em que as detentas se encontram, que provocam a origem de transtornos ou o agravamento de transtornos pré-existentes. Os autores (SANTOS *et al.*, 2017) ainda completam, comentando sobre sua pesquisa realizada que “durante o período em que essas mulheres estavam institucionalizadas, foi apontada em seus depoimentos a presença intensa de sentimentos relacionados à tristeza, dor, solidão, abandono, revolta e ansiedade” (SANTOS, *et al.*, 2017, p. 4).

A fala de Dona Ilda (excerto 45), ao desabafar sobre a sua colega de cela, é marcante, pois, além de demonstrar o sofrimento de ambos e sua situação, ainda expôs uma busca por um apoio dentro da prisão, o que demonstra como algumas mulheres nesse espaço tentam ser consoladas e consolar outras em uma troca empática de sentimentos. Nesse sentido, no livro *Mulheres*, as autoras falaram a respeito do companheirismo dentro da prisão, “a gente não tem visita, a gente depende [da outra], né [...] uma amiga ajuda a gente, sabe?” (GONÇALVES; COELHO; BOAS, 2017, p.88). Na nossa pesquisa, as detentas também relataram esse vínculo

com outras detentas, Soraya, a título de exemplo, relata as impressões de quem está há nove meses no presídio, apresentando a sua rotina e a sua relação com as outras mulheres.

(54) Soraya: A rotina aqui é de boas, cada uma tem sua faxina no dia a dia, a gente lava roupa, as meninas são bem de boas pra conviver, uma ajuda a outra, como no meu caso que sou uma pessoa de fora, eu sou difícil de ter as coisas, vem me ajudar é as meninas [...] produto de limpeza, coisa de higiene, que dá [inaudível] [...] eu tou tomando quatro remédio pra dormir.

Com um sentimento semelhante de reconhecimento e agradecimento a uma companheira de cela que a ajudou durante uma crise de convulsão e nos momentos em que é preciso lembrar de tomar os medicamentos, Dona Neide agradece pela presença da amiga que, segundo ela, compartilham dos mesmos problemas de saúde e das mesmas acusações:

(55) Dona Neide: E Deus foi tão maravilhoso que colocou essa mulher aqui.

Já Laura relata que ficou com a responsabilidade de entregar a medicação para Luana quando chegava o horário dela tomar os remédios, com receio da colega tomar todos os remédios de vez, como já ocorreu em tentativa de suicídio.

(56) Laura: tem até a menina que ta internada, eu que sou responsável pelo medicamento dela, porque ela quer tomar tudo, e ela toma muito forte, ela toma muito mais que eu.

Além do companheirismo encontrado entre as presas, também constatamos relatos de encarceradas que falaram no cuidado e atenção que algumas policiais penais tinham com elas, sempre buscando atender às necessidades delas sejam em questões que envolvem a saúde, ou em momentos de violência por parte das demais. As detentas relataram que as policiais, dentro do que poderiam fazer, ajudavam-nas, como foi o caso de Nilza e de Letícia:

(57) Nilza: Mas graças a deus o pessoal aqui é muito bom [...] faço tarefa, fiz ENCCEJA [...]

(58) Letícia: Sobre o tratamento assim não tenho o que reclamar, são quatro equipes de agentes, eu não tenho que reclamar de nenhuma, nenhuma, nenhuma, elas todas me trata bem, elas me olha, assim, eu desabafo muito com umas dela, umas assim ouve.

Percebemos, a partir dos relatos anteriores, a importância desse vínculo entre as mulheres encarceradas, no entanto, é preciso registrar que nem todas as relações dentro do ambiente prisional são pautadas pelo companheirismo, estão, também, presente os conflitos,

principalmente quando se fala em encarceradas que foram acusadas ou condenadas por tráfico de drogas ou por encarceradas nomeadas como “jacks” ou “jackas”.

Essas situações de violência narradas junto às declarações a respeito da convivência no ambiente prisional não constituíram falas isoladas entre as internas, mas detectamos, ao lado da exposição desses conflitos, muitos relatos de violência física e psicológica. De acordo com os relatos, a violência física, geralmente, era cometida pelas mulheres que comandam o pátio contra pessoas que eram de facções diferentes ou contra as “Jacks” que eram colocadas em celas comuns. Patrícia, a esse respeito, expôs que sempre teve uma convivência mais tranquila, pois não “caiu” no grupo oposto a quem comandava o pátio, no entanto, afirma que viu meninas sofrerem humilhações, provocações e intimidações, além de violência física, por terem sido enquadradas em outro grupo criminoso. Nesse sentido, Santos *et al.* (2017), também, relataram casos de violência vivenciados por suas entrevistadas. Vejamos:

Em relação às situações de violência vivenciadas na prisão, algumas mulheres referiram que, durante o período da pena, são inúmeras as possibilidades de conviverem com episódios relacionados à violência tanto física quanto psicológica. Observa-se, nos depoimentos a seguir, o quanto são desgastantes e amedrontadoras a presença e a relação com situações de violência: [...] muito grito e briga o dia inteiro. [...] me faz ter medo. [...] de ficar sozinha [...] (M30); [...] perturbada. [...] às vezes falo sozinha [...] (M18). (SANTOS *et al.*, 2017, p. 4)

Nessa perspectiva, focalizando a nossa pesquisa, destacamos o relato de Kátia, ao falar a respeito da organização das internas. Ela menciona que não consegue ficar tranquila e ter paz no ambiente prisional, relatando que:

(59) Kátia: elas não podem sair que ela apoio, elas fazem um inferno, faz aqui um inferno.

Marluce, que está no “seguro”, relata os momentos de violência vivenciados na prisão. A encarcerada conta que responde por crime que lhe trouxe a nomeação no ambiente prisional de “Jack”, e que, quando chegou ao presídio, foi colocada no pátio, junto com as demais internas, ao invés de ser colocada diretamente no “seguro”:

(60) Marluce: Igual já aconteceu deu apanhar [...] já tem um ano e dois meses [...] acabar que apanhei, aconteceu o que aconteceu comigo, cortaram, raspam minha cabeça [inaudível] e que eu queria era justiça, é o que tenho que falar pá senhora [...] raspam minha cabeça, raspam minha sobancelha, não morri por milagre de Deus, me botaram lá, aí chamou as carcereiras, me levaram pro hospital [...]

Além disso, Jussara e Marluce contam que, em razão delas serem consideradas “Jack”, além do tratamento diferenciado das outras internas, também sofriam tratamento diferenciado por parte do presídio. Além disso, Ritinha também fez relatos semelhantes, expondo que sofreu violência policial no momento em que foi presa, e que, no ambiente prisional, por ela ser considerada “jack”, recebeu um tratamento diferenciado também por parte do presídio:

(61) Jussara: o senhozim de idade já veio aqui três vez pá trazer roupa pá mim, não deixaro entrar, uma panelinha que é pá cozinha miojo e noite que a gente sente fome de noite [...] não deixaro entrar *short* pá mim, não deixaro nada, quando é de noite a gente sente fome, que a comida vem três vez só, as menina faz coisa de comer aqui, a gente sente o cheiro de comida, a gente fica com fome, a gente passa muita coisa aqui [...] trata muito diferente [...]

(62) Marluce: [...] que se você ser humano nós também é ser humano, se nós erramo ou quem não errou, nós ta **pagano** pá lei, não precisava tratar assim [...]

(63) Ritinha: eu acho que eu tenho resguardo quebrado, que tem hora que tou boa, mas tem hora que eu fico atacadinha que nem, aí o médico passou um exame e entregaram pra assistente social, e do dia que entregaram a assistente social ainda não deu notícia nem nada, pra mim fazer esse exame de cabeça, nem nada, nada, nada, nada, eu acho que quem ta aqui no seguro é feita de cachorro, tem coisa aí pás minina, dá roupa pás minina, pá nós aqui não dá, nada, nada, e qualquer coisa que a gente faz aqui, é, a, chinga a gente, a gente não é bem tratada aqui no seguro, não é a mesma coisa que nem com as menina lá, porque quem ta no **seguro** aqui é **Jack**, né, pá elas quem ta aqui no **seguro** é **Jack** [...] bateram na minha mãe aqui, quando ela veio, achou que eu tava aqui, né, mas Deus tinha me levado já, aí hoje ela ta em Feira de Santana né, no presídio de lá, e as mulher de lá fala pra eu conversar com ela [...] e passa o telefone pá ota e nunca consigo falar com minha mãe, né, faz um bucado de mês que não consigo falar com minha mãe.

No livro *Presas que menstruam* (QUEIROZ, 2015), Camila, entrevistada, relata: “eu conheci a inveja e a falsidade dentro da cadeia” (QUEIROZ, 2015, p. 101) e continua “lá dentro, sempre tem uma ou outra que não gosta de você, não dá para agradar todo mundo, afinal, e tem que ficar sempre duvidando do que a pessoa pode fazer” (QUEIROZ, 2015, p. 102). Júlia, por sua vez, conta que “não conversava com ninguém, ficava trancada no meu canto” (QUEIROZ, 2015, p. 145). Percebemos, a partir dos relatos colhidos das detentas da comunidade de prática estudada por Queiroz (2015), que nem sempre é possível “tirar de boa” e que muitas detentas, principalmente as que fazem parte de grupos envolvendo tráfico de drogas que não lideram aquele ambiente, sofrem mais, conforme relata Eva:

(64) Eva: [...] aí **tira sofrido**, é um inferno este lugar, para presas do [...] é bem pior.

A entrevistada ainda revelou para nós que existe a violência e um certo movimento de “assédio” dentro do ambiente prisional, na qual os líderes impõem regras e mandam nas demais. Esse processo que envolve violência e subordinação causa um movimento contrário da criação

de laços entre as internas, o que pode ser mais um fator gerador de violação de direitos, certamente, intensifica os problemas psicológicos das internas. No trecho 01, fala de Dona Ilda, já é relatado uma forma de intimidação, como podemos verificar:

(01) Dona Ilda: [...] quem é a **frente** da cadeia é fulana, aí ela que dita as regras, aí já teve uma aí que quando chegava uma pessoa do [...] ela ficava, o nome também, **acurralando**, **acurralando** a menina, **acurralando** até chegar ao ponto dela bater, ela batia, né, porque ela não aceitava, por que era de outra facção.

Nessa mesma perspectiva de assédio entre os pares, Samara, ao fazer referência ao ambiente de convivência, diz não ser confiável e que ela nunca dorme bem, relatando o medo de sofrer violência e, a partir disso, aborda a respeito da mistura de pessoas advindas de grupos criminosos opostos:

(65) Samara: Esse negócio de facção não pode deixar junto, enquanto eles não tirarem daqui, vai sair morto daqui.

Outra preocupação que faz parte da vida dessas mulheres é o pós encarceramento. Nos excertos percebemos que a interna Amanda (excerto 08) disse que tem receio de usar as gírias aprendidas no ambiente prisional fora dele, mas esse medo não é apenas uma questão de ordem linguística isolada de outros fatores que revela pontos sociais a serem destacados, como o estigma que há em um “ex presidiário”. Assim, um dos desafios dessas mulheres que vivem neste ambiente de hostilidade e violência é a sua reinserção na sociedade.

Em seu livro *Prisioneiras* (VARELLA, 2017), Varella (2017) traz o relato de uma entrevistada que, ao ser questionada para onde vai depois de sair da prisão, diz: “Não sei. Não tenho para onde ir, nem conheço alguém que possa me dar uma chance” (VARELLA, 2017, p.71) e as demais entrevistas confirmam, dizendo que “depois da primeira cadeia fica muito mais difícil conseguir emprego.” (VARELLA, 2017, p.61) Esse evento não é compartilhado somente pelas presas entrevistadas por Varella (2017), mas também fez parte da preocupação das presas do Nilton Gonçalves, que, nos relatos, se preocupavam como a faculdade iria recebê-la, como a sociedade iria recebê-la para encontrar um emprego.

Eva, por exemplo, que declarou ter ensino superior, diz que quer recomeçar, ir para longe da Bahia e iniciar uma vida nova, no entanto ainda teme que seu histórico prisional a atrapalhe. Já Dona Ilda, que não terminou os estudos, mas teve referência de concursados na família, diz que quer estudar e passar em um concurso público para trabalhar em um ambiente prisional e fazer melhor pelas internas. Dona Neide, que era catadora antes de ser presa, disse



que quer recomeçar, agora que aceitou Jesus, diz que quer voltar a fazer reciclagem e a trabalhar varrendo ruas. Em suas palavras,

(66) Dona Neide: eu quero barrer rua, fazer reciclagem, deus não vai me desamparar, ir pá minha casa [...]

Já Clara está insegura e disse que primeiramente quer recuperar sua família, ter o perdão da sua mãe e voltar a ter convivência com a sua filha, mas declara que tem medo de não conseguir nenhum emprego depois. E seu receio não é em vão, a realidade das mulheres que já foram presas é marcada pela rotulação de “ex-detenta”, que promove um preconceito social que fecha as portas do mercado de trabalho para elas (GONÇALVEZ; COELHO; BOAS, 2017). Nesse sentido, de acordo com Barbalho e Barros (2014, p. 560), “o trabalho é considerado como um forte antagonista da vinculação ao crime. Ser trabalhador, para o senso comum, é antagônico a ser criminoso” e, ao lado disso, há de se considerar o número de políticas públicas que promovem a inserção da mulher encarcerada no mercado de trabalho é pequeno.

Assim, diante deste ambiente complexo, que é formado por pessoas diferentes, mas que passam a conviverem com companheirismo ou hostilidade, violência e solidão, são formadas e espalhadas as Gírias de Grupo, como citamos nas seções anteriores. Estas gírias são utilizadas, conforme percebemos nos relatos, como vocábulos naturais do vocabulário utilizado no ambiente prisional, como no relato de Dona Neide ao falar que ela não é “Jack”, ou de Marluce quando relatou que, quando sofreu violência, bateram a cabeça dela diversas vezes no “pirulito”. Diante disso, reafirmamos a utilização da gíria como um fator que reestrutura a identidade da interna no grupo, que, embora estejam encarceradas e sob a tutela do estado de forma igual, demonstra sua hierarquia e organização própria.

### 5.3 Síntese da Seção 05

[...] será que a pessoa pensa que a cadeia é um lugar maravilhoso que só come e dorme, eu também pensava isso, não é não, não é, não é isso, cada dia é, óia, uma tentativa de sobrevivência, cada dia que passa é uma tentativa de sobrevivência nesse lugar [...] (LAURA).

A realização desta pesquisa, conforme reiteramos na introdução desta seção, foi cumprir uma demanda social, na qual trouxéssemos uma discussão social e linguística acerca das mulheres encarceradas, enfatizando quem compõe e o que é o ambiente prisional por elas,

trazendo relatos reais do que foi constatado nas entrevistas realizadas. Assque teim, almejamos, nesta seção, responder ao questionamento “quem são essas mulheres invisíveis?”

Por meio da seção, dividida entre “*Tirar de boa*”: *quem são as mulheres “atrás das grades”?* e *Aqui é um inferno*: *O ambiente prisional, suas relações e as gírias de grupo*, mostramos, a partir da literatura e de relatos, quem são estas mulheres e esse ambiente em que elas vivem. Conforme gritado por Marluce, essas *mulheres invisíveis* são seres humanos, que detém do direito de ter sua integridade e dignidade humana garantidas, no entanto, que passam por um sistema prisional sofrendo de forma crônica de uma precariedade que descumpre o que é determinado por lei, que teoricamente prima por promover a reintegração dessas encarceradas na sociedade.

Na subseção “*Tirar de boa*”, trouxemos dados que mostram quem são essas mulheres, grupo formado, em sua maioria, por mulheres negras, pobres, com filhos e escolaridade baixa, enquanto, na subseção “*Aqui é um inferno*”, apresentamos relatos de que nem sempre é possível “tirar de boa” a pena em razão da organização e estrutura precárias do presídio. Além disso, ainda reiteramos o uso das gírias de grupo como uma resposta da convivência nesse ambiente que oscila entre momentos de companheirismo e apoio a momentos de “inferno”.

Diante disso, esperamos que, a partir da exposição desses relatos e desses questionamentos, tanto a academia, quanto a sociedade, percebam/enxerguem e, sobretudo, tornem, assim, visível a existência dessas mulheres invisíveis, mães, muitas vezes abandonadas pela família, que necessitam passar por um processo digno de reintegração, para que, quando retornarem à convivência em sociedade, tenham a chance de uma vida digna e longe do crime.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seção de introdução deste trabalho, apresentamos as motivações para estudar, a partir da Sociolinguística, a língua das *mulheres invisíveis* de um presídio baiano. Além disso, naquela seção, contextualizamos o ambiente prisional e a situação das mulheres encarceradas no Brasil, fazendo uma breve leitura da vida da mulher encarcerada na prisão. Apontamos, então, problemas do sistema carcerário brasileiro e como eles atingem de forma enfática as mulheres em privação de liberdade, promovendo o descumprimento de direitos fundamentais, questões que nos levaram a questionar a respeito dos fatores linguísticos e sociais que se correlacionam com as internas e com a violação de seus direitos. Apresentamos, assim, nossos questionamentos a respeito da utilização das gírias de grupo, buscando conhecer quem são essas *mulheres invisíveis* que citamos no título do trabalho e entender a relação entre o uso de gírias e a vida no ambiente prisional, detalhando fatores como criação e a migração da gíria de grupo para a linguagem comum.

Diante desses questionamentos, procuramos, nas ondas sociolinguísticas, suporte e fundamentação para respondê-los. Assim, apresentamos os referenciais teóricos, trazendo a Sociolinguística desde Labov (2010 [1994]; 2008 [1972]), passando pelo interacionismo de Goffman (1986) e Gumperz (1982), e indo ao estilismo de Eckert (2012) para compreendermos o objeto de estudo, bem como para obtermos subsídios para a realização da análise. Com esse propósito, trouxemos também outros autores e, por fim, realizamos uma relação entre as ondas sociolinguísticas e o estudo da gíria de grupo no ambiente prisional, considerando sua função comunicativa no processo de interação dentro da comunidade de prática e seu valor fora dela.

Diante desse referencial teórico, elegemos como metodologia para a pesquisa a entrevista sociolinguística e a análise qualitativa, em razão de ser a mais adequada para alcançarmos os objetivos em nossa pesquisa, ora dissertação. Ao longo da seção metodológica, foi evidenciado o perfil social das entrevistadas como forma de subsidiar a seção de resultados, respondendo a um dos questionamentos e corroborando o objetivo de mostrar quem são essas mulheres. Destacamos, também na seção metodológica, os desafios para a realização das entrevistas, que, além de as participantes constituírem um público com regras de horários e de ambiente para o contato, a pesquisa teve início em um momento em que a Pandemia da Covid-19 tinha assolado o mundo. Depois de apresentar os métodos utilizados e a comunidade de prática estudada, no referencial metodológico, partimos para a análise dos resultados.

Por meio da pesquisa, constatamos que o vocabulário gírio está presente na comunidade de prática estudada, compondo o vernáculo falado dentro do ambiente prisional. Assim,

percebemos que as gírias se relacionam com a fala das internas de forma a compor vocabulário para a convivência do dia a dia, para nomear atividades, para cumprir regras e para manter a ordem no ambiente, sendo utilizada de forma a complementar o vocabulário das internas. Assim, confirmamos a nossa hipótese de que ocorre a utilização do vocabulário gírio pelas internas, que produzem um caráter criptológico para externos à comunidade de prática, bem como notamos que as gírias podem ter e muitas têm a sua origem a partir de criações metafóricas.

Além disso, emendando a constatação revelada, ainda observamos a relação entre a vida no ambiente em que as priva de liberdade, os fatores pessoais de cada uma com a utilização da gíria de grupo; apuramos que sua utilização, conforme já dito, faz parte do cumprimento das regras e desenvolvimento das relações lá dentro. Assim, confirmamos a nossa hipótese de que, no ambiente prisional, há uma organização própria, elaborada pelas detentas, composto por gírias, que representam importantes vocábulos no vernáculo interno. Diante disso, atestamos que o uso das gírias está relacionado às características das mulheres encarceradas, no entanto, por compor a identidade e cultura do grupo em que estão inseridas, ainda que as presas prefiram não aderir a essa linguagem externamente, internamente ela se faz necessária.

Perante essas constatações, ainda detectamos o prestígio e a estigmatização presente nas falas das detentas do presídio, demonstrando que a gíria é de prestígio dentro da comunidade de prática, no seu uso e até sugere obrigatoriedade em algumas situações. No entanto, essa variação pode ser vista pela própria falante como estigmatizada, sendo utilizada apenas dentro da comunidade de prática. Diante disso, ainda observamos que o preconceito linguístico presente pode ser um limitador para o nivelamento dessa variação para a linguagem comum, ou seja, o vocabulário gírio usado por esse grupo no presídio tem menos chances de entrar no vocabulário popular por ter um estigma social. Dessa forma, respondemos ao nosso questionamento sobre o nivelamento para a linguagem comum e, além de revelar novos fatos, confirmamos a hipótese de que o preconceito linguístico pode ser um fator que faz com que o nivelamento não seja um movimento que atinge todos os vocábulos gírios.

E por último, apresentamos a seção *Mulas e Jackas: um retrato das mulheres invisíveis do Nilton Gonçalves*, trazendo o ambiente prisional em uma apresentação subjetiva, com relatos das internas a respeito da convivência no ambiente prisional, assim como, relatando quem são elas. Dessa forma, esta seção trouxe como é a vida das *mulheres invisíveis* dentro do presídio, entre companheirismo e rivalidade, apoio e violência, esperança e solidão. Por meio dos relatos, ainda conhecemos algumas histórias e como era a vida antes da prisão e questões que a levaram a serem encarceradas, revelando situações de vulnerabilidade em que se encontravam algumas

das entrevistadas antes de serem presas a questões relacionadas ao processo de reintegração, como sua condição socioeconômica anterior, o apoio familiar durante o encarceramento, a maternidade durante a prisão, e o ambiente adequado para a ressocialização. Destarte, nesta seção confirmamos a hipótese a respeito da existência de vulnerabilidade socioeconômica na vida das entrevistadas.

Diante disso, em síntese, com a investigação e apresentação dos resultados, realizamos uma pesquisa sobre os vocábulos gírios da população carcerária feminina do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; verificamos os vocábulos gírios presentes no vernáculo das detentas do presídio e coletamos o *Corpus* do Português (marginal) utilizado por elas; e, a partir de nossa análise, verificamos como as gírias podem estar ligadas às marcas identitárias a partir de uma análise Sociolinguística.

Podemos afirmar então, que o presente estudo deu conta de atender aos seus objetivos. Além disso, por se tratar de um trabalho de caráter pioneiro nos estudos dessa temática com essa comunidade de prática, surgiram novos questionamentos, como saber qual comportamento desse fenômeno sociolinguístico em outras comunidades de práticas femininas em situação de cumprimento de pena de reclusão em regime fechado e em regime semiaberto. Sendo assim, esta pesquisa poderá ser o “pontapé” para a realização de novas pesquisas que ampliem os estudos sociolinguísticos nessas comunidades de prática marginalizadas.

Destarte, conforme iniciamos todas as seções utilizando falas das entrevistadas, optamos por terminar também com a fala de uma detenta, assim, mais uma vez, ratificamos o nosso propósito de mostrar o uso das gírias realizado por mulheres invisíveis que estão encarceradas em um presídio baiano. Finalizar com esta fala demonstra para nós a ideia de um sonho a ser realizado, de um novo ciclo a ser iniciado. Passo a palavra, assim, a D. Ilda: “Eu falo aqui não é meu lugar, eu quero ir embora daqui!”

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Editora Cortez, 2001. p. 21-47. v. 1.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Polén Livros, 2019.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo, Parábola, 2003. p. 53-60.
- AZEVEDO, A. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro). Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action&co\\_obra=2018](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2018). Acesso em: 01 dez. 2022.
- BAHIA. Quem são as mulheres encarceradas no estado da Bahia?. **Defensoria Pública Bahia**, 2023. Disponível em: <https://www.defensoria.ba.def.br/livros/quem-sao-as-mulheres-encarceradas-no-estado-da-bahia/>. Acesso em: 28 jun. 2023, às 10:15.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].
- BAGNO, M. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- BELL, A. Language style as audience design. **Language in Society**, v.13, n.2, p. 145-204, 1984.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 264.
- BRAGA, A. G. M. **A identidade do Preso e as Leis do Cárcere**. 2008. 215 f. Dissertação (Mestrado na área de Concentração Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BRAGANÇA, M. L. L. **Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente**. 2017. 696 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- BRASIL. **Lei Nº 7.210, de 11 de julho de 1984**. Institui a Lei de Execução Penal. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1984.
- BRASIL. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento nacional de informações penitenciárias**. Brasília, 2014. Relatório. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/estudo-traca-perfil-da-populacao-penitenciaria-feminina-no-brasil/relatorio-infopen-mulheres.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020, às 22:06.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Regras de Bangkok:** regras das Nações Unidas para o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras. Coordenação: Luís Geraldo Sant’Ana Lanfredi. Brasília: CNJ, 2016.

BRASIL. **Levantamento nacional de informações penitenciárias, atualização junho de 2017.** Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Departamento Penitenciário Nacional, 2019. p. 87.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Resolução n. 62, de 17 de março de 2020. **Diário da Justiça [do] Conselho Nacional de Justiça**, Brasília, Dje/CNJ nº 65/2020, p. 2-6, 17/03/2020.

BRASIL. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias.** Departamento Penitenciário Nacional, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRASIL. Aprovado o decreto que coloca o País em estado de calamidade pública. **Câmara dos deputados**, Brasília, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/646493-aprovado-o-decreto-que-coloca-o-pais-em-estado-de-calamidade-publica/>. Acesso em: 09 dez. 2022, às 17:26.

BRASIL. Infopen - Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. **Portal de Dados. MJ – Ministério da Justiça**, s. d. Disponível em: <https://dados.mj.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias>. Acesso em: 09 dez. 2022, às 17:46.

BRASIL. Infopen - Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. **Portal de Dados. MJ – Ministério da Justiça**, s. d. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022, às 17:50.

BITAR, R. Há um ano, SP vacinava 1ª pessoa contra Covid no Brasil; veja o que mudou e projeções para o futuro. **G1**, São Paulo, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/01/17/ha-um-ano-sp-vacinava-1a-pessoa-contracovid-no-brasil-veja-o-que-mudou-e-projecoes-para-o-futuro.ghtml>. Acesso em: 09 dez. 2022, às 17:28.

BORGES, J. **Encarceramento em massa.** São Paulo: Polén Livros, 2019.

BURKE, P.; PORTER, R. (org.) **Línguas e jargões.** São Paulo: Editora da UNESP, p. 57-83.

CABELLO, A. R. G. Processo de formação da gíria brasileira. **Alfa**, São Paulo, v. 35, p. 19-53, 1991.

CALVET, L. **Sociolinguística:** uma introdução crítica, São Paulo, Parábola, 2002.

CASTELLS, M. **O poder da identidade.** tradução klaus brandini gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAMACHO, R. G. A variação linguística. *In:* SÃO PAULO (Estado). **Subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa no 1º e 2º graus.** São Paulo: SE-CENP, 1988. v. 3.

CANÇADO, M. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2012.

CARNEIRO, B. Brasil ultrapassa Rússia e se torna país com 3º maior número de mulheres presas. **CNN**, São Paulo, 25 out. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-ultrapassa-russia-e-se-torna-pais-com-3-maior-numero-de-mulheres-presas/#:~:text=Apesar%20de%20ocupar%20a%20terceira,e%20Segurança%20Pública%20o%20país. Acesso em: 9 dez. 2022, às 16:56.>

CEZARIO, M. M.; VOTRE Sebastião. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004; 1980. p. 47.

CIENTISTAS dizem ter descoberto identidade de Jack o Estripador. **BBC News Brasil**, São Paulo, 21 mar. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47650556>. Acesso em: 9 dez. 2022, às 17:04.

CNBB. **Teoria em tempos de encarceramento em massa**. São Paulo: ASAAC, 2016. Relatório. Disponível em: [https://carceraria.org.br/wpcontent/uploads/2016/10/Relatório\\_Tortura\\_em\\_Tempos\\_de\\_Encarceramento\\_em\\_assa-1.pdf](https://carceraria.org.br/wpcontent/uploads/2016/10/Relatório_Tortura_em_Tempos_de_Encarceramento_em_assa-1.pdf) Acesso em: 10 nov. 2020.

COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. p. 172. Disponível em: [https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolinguística\\_UFSC.pdf](https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolinguística_UFSC.pdf). Acesso em: 9 dez. 2022, às 17:07.

COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. C. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entreletras**, Araguaína-TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013. Disponível em: <http://betas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/download/975/516/>. Acesso em: 9 dez. 2022, às 17:20.

COLUNDRIA. *In*: **Dicionário inFormal**. 2023. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/colundria/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

COSTA, D. S. S. **O léxico indígena nas capitais brasileiras**: um estudo geolinguístico. 2012. 209 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

COUPLAND, N. **Style**: language variation and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CYRANKA, L. F. M. A pedagogia da variação linguística é possível?. *In*: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, Oxford, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x>. Acesso em: 06 dez. 2022, às 02:24.



ECKERT, P. Language and Adolescent Peer Groups. **Journal of Language and Social Psychology**, p. 112-118, 2003.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**. Palo Alto. 2012.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co- habitam linguagem, gênero e poder. *In*: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (org.). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: **Parábola**, 2010 [1992]. p. 93-108.

FARAH, M. F. S. Gênero e Políticas Públicas. **Estudos Feministas**. Florianópolis: 360, 2004.

FERNANDEZ, M. **Pode apostar**. Fortaleza: Vybbe, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5EuvLJPOuKo>. Acesso em: 09 dez. 2022, às 16:52.

FERRERO, E. **As gírias da vida marginal de 1500 até hoje**. Verona: Mondadori, 1972.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 125-141.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GOFFMAN, E. Footing. *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Humanística, 2002. p. 107-148.

GOFFMAN, E. Estigma e identidade social. *In*: GOFFMAN, E. (org.). **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2008.

GOMES, C. A. Para além das ondas: um ponto de partida sobre o significado social da variação entre ditongo nasal átono final e vogal oral no Português Brasileiro. **Diacrítica**, v. 31, p. 5-24, 2017.

GONÇALVES, R. P. A. *et al.* Estruturalismo Linguístico: e os sentidos como são constituídos? **RevDia**, Cuiabá, v. 4, n. 2, p. 74-94, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/4635>. Acesso em: 5 dez. 2022, às 21:57.

GONÇALVEZ, B. D. *et al.* **Mulheres na prisão**. Um estudo qualitativo. 1. ed. Appris, 2017.

GOOGLE MAPS: Vitória da Conquista a Jequié. Google Maps. **Google**. Disponível em:

14.8619237!1m5!1m1!1s0x740af3f65676825:0x98b170b3cebd898b!2m2!1d-40.0837763!2d-13.8590592!3e0 Acesso em: 10 dez. 2022.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers em Linguística**, Trindade – SC, v. 10, n. 1, p. 73-91, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73>. Acesso em: 05 dez. 2022, às 22:33.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C.R. Variação discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação. *In*: FREITAG, R. M. Ko.; SEVERO, C. G.; GÖRSKI, Edair (org.). **Sociolinguística e Política: Linguística Olhares Contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2016. p. 79-99.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. *In*: GÖRSKI, E. M; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (org.). **Variação Estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 67-92. v. 3.

GUMPERZ, J. J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 225.

GUMPERZ, J. J.; COOK-GUMPERZ, J. Studying language, culture, and society: Sociolinguistics or linguistic anthropology? **Journal of Sociolinguistics**, Oxford, v. 12, n. 4, p. 532-545, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9841.2008.00378.x>. Acesso em: 6 dez. 2022, às 02:18.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: ABRALIN, 2001. Disponível em: [https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN\\_26.pdf](https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf). Acesso em: 1 dez. 2022.

HABERMAS, J. **Teoria de la acción comunicativa**. Vol II. Madrid, Taurus, 1988.

HALLIDAY, M. A. K. Anti-Languages. **American Anthropologist**, Hoboken, v. 78, n. 3, p. 570-584, out. 2009. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1525/aa.1976.78.3.02a00050>. Acesso em: 9 dez. 2022, às 18:07.

ILARI, R. Reflexões sobre língua e identidade. *In*: BORBA, L. R. LEITE, C. M. B. (org.). **Diálogos entre língua, cultura e sociedade**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

ISQUERDO, A. N.; NUNES, J. F. Tabus linguísticos: um estudo no campo léxico do corpo humano. *In*: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (org.). Documentos 3 – Vozes do X WORKALIB. **Amostras do português brasileiro**. 1. ed. Salvador-BA: Vento Leste, 2012. v. III. p. 219-230.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. 3. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010 [1994].

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, M. L.; MANHÃES, T. L. C.; JESUS, A. M. R. A relação entre gêneros do discurso e fenômenos variáveis na terceira onda variacionista. **Revista (Com)Textos Linguísticos**, Vitória-ES, v. 16, n. 33, p. 94-113, set. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/37660>. Acesso em: 9 dez. 2022, às 16:15.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, G. A metáfora, as teorias populares e a possibilidade de diálogo. Tradução de Rodolfo Ilari e Eric M. Sabinson. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 9, 1985, p. 49-68. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/3373/2846>. Acesso em: 13 jul. 2022.

LE PAGE, R. B. Projection, Focursing and Diffusio. **York Papers in Linguistics**, 1980.

LEMLE, M.; NARO, A. **Competências básicas do português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford, 1977.

LINHA do tempo do Coronavírus no Brasil. **Sanar**, 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 9 dez. 2022, às 17:33.

LOPES, A. C. **Narrativas das adolescentes em conflito com a Lei**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, 2003.

LUFT, C. P. **Novo Manual de Português**. 6. ed. São Paulo: Globo, 2005.

MACEDO, A. V. T. Linguagem e contexto. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATOS, S. C. **A língua dos “filhos errantes da sociedade”**: uma análise sociodiscursiva das gírias do sistema penitenciário do interior do Tocantins. 2014. 203 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MATTIELLO, E. The Pervasiveness of slang in standard and non-standard english. **Mots Palabras Words**, Milão, p. 7-41, jun. 2005. Disponível em: <https://www.ledonline.it/mpw/allegati/mpw0506Mattiello.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2022, às 01:42.

MELO, M. A. S. L. Furando as ondas: a contribuição de falantes à margem da estrutura social para a discussão sobre o significado social da variação. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, edição especial, p. 798-816, nov. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/issue/view/1619/showToc>. Acesso em: 9 dez. 2022, às 16:29.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NÓBREGA, D. G. A. Pragmática e sociolinguística interacional: contribuições para a formação de professor em línguas materna e estrangeiras. *In*: SOUZA, F. M.; ARANHA, S. D. G. (org). **Interculturalidade, linguagens e formação de professores**. Campina Grande: EDUEPB, 2016, p. 49-65.

OLIVEIRA, M. L. T. **A gíria dos internos da Febem**. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, K. A.; SANTOS, L. R. C. S. Perfil epidemiológico da população carcerária feminina de Vitória da Conquista-BA. (Saúde) Santa Maria, Santa Maria, v. 42, n. 1, p. 21-30, jan/jun 2016.

PERALTA, M. Marina Peralta - Agradece (Lyric Video Oficial). **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Ujj5QyMKug>. Acesso em: 30 jul. 2023, às 13:05.

PEREIRA, E. S. **Direito e linguística**: o vocabulário gírio da ala feminina de um presídio de Vitória da Conquista. 2020. 68 f. Monografia (Graduação em Direito) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

PEREIRA, E. S. SOUSA, V.V. **Mulher invisível**: uma reflexão sociolinguística do cotidiano vocabular de mulheres encarceradas. (Submetido à publicação).

PEREZ, C. C. **Mulheres Invisíveis**: o viés dos dados em um mundo projetado para homens. Tradução: Renata Guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022. p. 400.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: EDUSP, 1984.

PRETI, D. Dicionários de gíria. **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 57-73, 2001.

PRETI, D. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006 [2004].

PEZATTO, G. M.; BARONAS, J. E. A.; SILVESTRE, L. Algumas mudanças ortográficas do português no Brasil observadas e discutidas a partir de uma crônica de 1932. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 257-272, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/14692>. Acesso em: 9 dez. 2022, às 18:12.

QUADRADO, J. C. ENCARCERAMENTO FEMININO, SELETIVIDADE PENAL E TRÁFICO DE DROGA. **Gênero**, Niterói, v. 22, n. 2, p. 264-291, fev. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/47760>. Acesso em: 21 jul. 2023, às 17:31.

QUEIROZ, N. **Presos que menstruam**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? *In*: SIGNORIN, I (org.). **Lingua(gem) e identidade**. 4. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

RECTOR, M. **A linguagem da juventude**. Uma pesquisa geo-ociolinguística. Petrópolis: Vozes, 1975.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Humanística, 2002.

RODO, Poze do *et al.* **A Cara do Crime** (Nós Incomoda). Rio de Janeiro: Mainstreet records, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2PRAiVs3MVC>. Acesso em: 6 dez. 2022, às 18:42.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por BALLY, C.; SECHEHAYE, A. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. p. 278.

SAMPIERI, R. H; COLLADO, C. F; LUCIO, P. B. **Metodología de La Investigación**. 6. ed. México: Interamericana Editores, 2014.

SANTOS, M. A. C. O universo hip-hop e a fúria dos elementos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS, 10., 2018, Uberlândia. **Anais [...]** Uberlândia: Copene, 2018, n.p. Disponível em: [https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares#php2go\\_top](https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares#php2go_top). Acesso em: 06 dez. 2022, às 18:26.

SANTOS, M. V. *et al.* Saúde mental de mulheres encarceradas em um presídio do estado do Rio de Janeiro. **Texto contexto – enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-10, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/3dbSzZsVhz6L8kH97Bpf3YM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2023, às 14:12.

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SILVA, M. V. M. **Relatório temático sobre mulheres privadas de liberdade** – junho de 2017. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Departamento Penitenciário Nacional, 2019. p. 82.

SPARKS, R. P. **Local prisons: the crisis in the English penal system**, London, Tavistock Pub., 1971.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

THOMPSON, A. **A Questão Penitenciária**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

UNIMED NACIONAL. MANDIOCA: muitos nomes, usos e benefícios. **Unimed Nacional**, 2021. Disponível em: <https://www.centralnacionalunimed.com.br/viver-bem/alimentacao/mandioca-muitos-nomes-usos-e-beneficios>. Acesso em: 1 dez. 2022.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. *In*: GÖRSKI, E. M; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (org.). **Variação Estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014. p. 93-122.



VARELLA, D. **Prisioneiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 152.

YOUNGERS, C. A. *et al.* **Mulheres, políticas de drogas e encarceramento**: Um guia para a reforma em políticas na América Latina e no Caribe. Washington, DC: WOLA, 2016. p. 50. Disponível em: [https://www.wola.org/wp-content/uploads/2016/02/Women-Drug-Policies-and-Incarceration-Guide\\_Final.pdf](https://www.wola.org/wp-content/uploads/2016/02/Women-Drug-Policies-and-Incarceration-Guide_Final.pdf). Acesso em: 30 jul. 2023, às 11:49.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Solicitação para realização da pesquisa

	<p><b>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB</b>  <b>Programa de Pós-graduação em Linguística - PPGLin</b>  <b>Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e (Sócio)</b>  <b>Funcionalismo - LAPESF</b>  <b>Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)</b>  <b>Funcionalismo- Grupo JANUS</b></p>	
---	---	---

Ofício 02

Vitória da Conquista – BA, 18 de julho de 2022.

Ao Diretor Alexsandro de Oliveira e Silva,

O presente ofício tem a finalidade de solicitar a V. S. a autorização para realização de entrevistas com internas do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, para fins de realizar uma pesquisa sobre a fala das mulheres internas do presídio, que foram iniciadas as entrevistadas antes da pandemia da Covid-19, nos anos de 2019 e 2020, sob a autorização da direção desse Presídio

Informamos que a pesquisa O Ambiente Linguístico de Um Presídio: O Vocabulário Gírio Utilizado Pelas Detentas do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, realizada por Eliane Souza Pereira, discente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* Vitória da Conquista, pesquisadora bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa (PPGLin/UESB), faz parte dos estudos do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo – Grupo Janus, também coordenado pela Professora Dra. Valéria Sousa, ao qual, entre outros, realiza estudos sociolinguísticos nos quais são analisadas as falas de determinados grupos sociais da cidade de Vitória da Conquista/BA.

Informamos, ainda, que as entrevistas serão utilizadas para fins de identificar escolhas lexicais utilizadas dentro do ambiente prisional. Para sua realização, poderá ser utilizado um aparelho de gravação Sony Digital. Cada entrevista poderá ter, em média, 1(uma) hora de

duração e serão realizadas apenas pela pesquisadora Eliane Souza Pereira, respeitando os princípios éticos da ciência.

Destarte, solicitamos a V.S, Diretor do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, a autorização para que a discente pesquisadora, com o objetivo de realizar a pesquisa proposta, possa entrevistar as internas em privação de liberdade do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves no período de julho a agosto de 2022, a fim de utilizar as amostras colhidas na sua investigação acadêmica.

Certos de contarmos com a colaboração do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, desde já, deixamos nossos votos de estima e consideração.



**Eliane Souza Pereira**

Mestranda em Linguística PPGLin UESB





**Profa. Dra. Valéria Viana Sousa**

**Professora Titular PPGLin/UESB**

Líder do Grupo Janus



## APÊNDICE B – Roteiro Guia



	<p><b>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB</b>  <b>Programa de Pós-graduação em Linguística - PPGLin</b>  <b>Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e (Sócio)</b>  <b>Funcionalismo - LAPESF</b>  <b>Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)</b>  <b>Funcionalismo- Grupo JANUS</b></p>	
---	---	---

### ROTEIRO GUIA PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – CONJUNTO PENAL ADVOGADO NILTON GONÇALVES

1. O ambiente prisional:
  - a) Do que a senhora está sendo acusada aqui?
  - b) Já recebeu a sentença?
  - c) É a primeira vez que a senhora vem presa, o que sentiu quando chegou aqui?
  - d) Como é organizado o ambiente, você já se adaptou?
  - e) Aqui você limpa, lava, quais os afazeres que tem aqui?
  - f) Como é o relacionamento de você com o pessoal aqui?
  - g) Você já sofreu violência aqui dentro?
2. A família:
  - h) Quem está lá fora esperando por ti?
  - i) A senhora tem filhos?
  - j) A senhora recebe visitas?
  - k) Seus pais, parentes e amigos, ligam e vem lhe visitar?
3. Lazer:
  - l) Do que você sente falta lá fora?
  - m) Você saia muito, se divertia?
  - n) E aqui dentro, você assiste TV, tem acesso ao mundo lá fora de alguma forma?
4. Ressocialização:
  - o) Você estuda aqui, lê livros para ter remissão?
  - p) Você pretende voltar a estudar?
  - q) Como era seu trabalho?
  - r) E o que você pensa em fazer quando sair daqui, quando receber o alvará?
  - s) Você tem religião?
5. Perguntas

- t) Como você se sente estando neste lugar?
- u) Você dorme bem?
- v) O que você faria diferente se pudesse voltar no tempo?
- w) Você continua tendo contato com seus familiares?
- x) Você aprendeu novas palavras aqui, quais foram?
- y) Você usa essas palavras novas?
- z) O que você acha dessas gírias que falam aqui, você falaria em outro locais?

### APÊNDICE C – Ficha Social

	<p><b>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB</b>  <b>Programa de Pós-graduação em Linguística - PPGLin</b>  <b>Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e (Sócio)</b>  <b>Funcionalismo - LAPESF</b>  <b>Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)</b>  <b>Funcionalismo- Grupo JANUS</b></p>	
---	---	---

Número: XX                      Data : \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Entrevistadora: \_\_\_\_\_

Local: Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves – Vitória da Conquista

1. Nome:
2. Endereço:
3. Data de nascimento:
4. Naturalidade:
5. Oriundo da:    ( ) Zona urbana    ( ) Zona rural
1. Você estuda?
2. Qual a série?
3. Até que série estudou?
4. Por que não continuou os estudos?
5. Você trabalhava? ( ) sim    ( ) não
6. Em quê?
7. Qual é a sua profissão?
8. Você recebia ajuda financeira alguém?
9. Qual era a sua renda mensal aproximada ( ou renda familiar)
10. Além de você, quantas pessoas moravam em casa?
11. Você costumava ver TV?    ( ) sim    ( ) não
12. Qual (is) programa(s) assistidos por você?
  - ( ) novela    Quais ?
  - ( ) notícias    Quais?
  - ( ) esportes    Quais?
  - ( ) outros    Quais?
13. Você costumava ouvir rádio?
14. Qual(is) era/m o(s) programa(s) ouvido(s) por você?
15. Qual a sua diversão favorita?

16. Você tem alguma religião?                     sim     não
17. Qual é a sua religião? \_\_\_\_\_
18. Você é uma pessoa que
- nunca sai de Vitória da Conquista
  - só sai a negócio
  - sempre sai para passear
19. Atitude: Receptivo/Extrovertido (  )                    Refratário/Introvertido (  )

## APÊNDICE D – TCLE



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98  
Campus de Vitória da Conquista  
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP /UESB

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**

Prezado(a) senhor(a),

Eu, Eliane Souza Pereira, discente do curso de Pós-Graduação em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB), orientada pela professora Valéria Viana Sousa, professora lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista– BA, estou realizando a pesquisa **“Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Sociofuncionalista a partir da descrição e análise de *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista”**.

Para a realização dessa pesquisa, preciso de participantes mulheres que estão cumprindo pena em regime fechado ou estejam reclusas provisoriamente no Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, na cidade de Vitória da Conquista. Então, convido a senhora para participar da pesquisa. Trata-se uma pesquisa que tem a sua importância em função de, através dela, ser possível registrar o vernáculo das participantes.

Ao concordar com a participação na pesquisa, a senhora deverá estar à disposição para conceder uma entrevista, de aproximadamente uma (01) hora em local e data a serem combinados com a participante entrevistadora.

Durante a realização da entrevista, não existirá qualquer risco de desconforto (ou constrangimento). Mas, se, por algum motivo, a senhora se sentir desconfortável, poderá deixar de participar desta pesquisa a qualquer instante em que sinta essa vontade. Sua participação é voluntária e livre de qualquer forma de remuneração (custo), assim, se quiser desistir a qualquer momento do estudo, a senhora poderá sem qualquer prejuízo e/ou penalidades.

Com relação à entrevista, informo que os registros da sua participação nesse estudo serão mantidos em sigilo. Em nossa pesquisa, os registros de cada pessoa serão guardados e, somente a pesquisadora responsável e colaboradores, terão acesso às informações mais gerais. Informações como nome, endereço serão mantidas em absoluto sigilo e, em momento posterior, descartados, permanecendo apenas as iniciais do nome. Se qualquer relatório ou

publicação resultar deste trabalho, a identificação do participante não será revelada, apenas serão nomeados pseudônimos.

Se a senhora quiser ou precisar de mais informações sobre esta pesquisa, pode entrar em contato comigo, Eliane Souza Pereira, no endereço da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Estrada do Bem Querere, km 4, Bem Querere, Vitória da Conquista.

Se a senhora aceitar participar livremente deste estudo, por favor, assine este termo de consentimento em duas vias.

Eu, \_\_\_\_\_, informada dos objetivos do estudo de maneira clara e detalhada, esclarecido(a) de que posso, a qualquer momento, pedir novas informações ou desistir de participar se assim eu desejar, recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e declaro aceitar livremente participar da pesquisa “**Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Sociofuncionalista a partir da descrição e análise de *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista**”, desenvolvida pela discente Eliane Souza Pereira com a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa.

Assinatura da Participante \_\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora \_\_\_\_\_

Vitória da Conquista, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_